



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (DOUTORADO)

CARINA MERKLE LINGNAU

(SEM/ COM) FRONTEIRAS: DISPOSITIVOS DE GOVERNAMENTALIDADE
QUE ATRAVESSAM O DISCURSO SOBRE O PROGRAMA CIÊNCIA SEM
FRONTEIRAS UTFPR-FB

MARINGÁ - PR

2017

CARINA MERKLE LINGNAU

**(SEM/ COM) FRONTEIRAS: DISPOSITIVOS DE GOVERNAMENTALIDADE
QUE ATRAVESSAM O DISCURSO SOBRE O PROGRAMA CIÊNCIA SEM
FRONTEIRAS UTFPR-FB**

Tese apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor.

Orientador: Pedro Luis Navarro Barbosa

MARINGÁ - PR

2017

L755f

Lingnau, Carina Merkle

(SEM/ COM) Fronteiras: dispositivos de governamentalidade que atravessam o discurso sobre o Programa Ciência sem Fronteiras UTFPR-FB / Carina Merkle Lingnau. – Maringá, 2017.
139 f. il.

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa.

Bibliografia: p. 127-136.

1. Análise do discurso. 2. Língua Inglesa. 3. Programas de intercâmbio de estudantes. I. Título. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Barbosa, Pedro Luis Navarro.

CDD 22 ed.: 401.41

Paulo Rogério de Mendonça – CRB-9/1.335

CARINA MERKLE LINGNAU

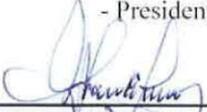
**(SEM/COM) FRONTEIRAS: DISPOSITIVOS DE GOVERNAMENTALIDADE
QUE ATRAVESSAM O DISCURSO SOBRE O PROGRAMA CIÊNCIA SEM
FRONTEIRAS UTFPR-FB**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Doutorado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em 14 de dezembro de 2017.

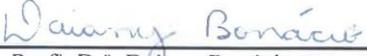
BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -


Profª. Drª. Ismira Eliane Vidal de Souza Tasso
Universidade Estadual de Maringá – UEM


Profª. Drª. Adéli Bortolon Bazza
Universidade Estadual de Maringá – UEM


Profª. Drª. Maria Cleci Venturini
UNICENTRO / Guarapuava-PR


Profª. Drª. Daiany Bonácio
UEL / Londrina-PR

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as oportunidades concedidas preenchidas por funções sujeitos e/ou situações para que esse trabalho fosse realizado.

LINGNAU, Carina Merkle. **(Sem/ Com) fronteiras: dispositivos de governamentalidade que atravessam o discurso sobre o Programa Ciência sem Fronteiras UTFPR-FB.** 2017. 139f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.

RESUMO

Vivemos em um momento histórico em que a globalização é a palavra de ordem. A busca pelas relações globalizadas exige contato com outros países e preza pela internacionalização. Essa internacionalização aciona conexões no campo educacional, social, econômico, jurídico, entre outros. Nessa parceria entre globalização e internacionalização que ora são complementares, ora sinonímias, ocorre simultaneamente outra parceria: poder-saber. O jogo entre poder e saber é realizado através da linguagem que se ocupa de elementos discursivos e não discursivos. No que diz respeito aos elementos discursivos se faz necessário o uso de um idioma. Geopoliticamente compreendemos o uso da língua inglesa com função de destaque nas relações internacionais atuais e com isso a necessidade criada do ensino/aprendizado desse idioma no mundo contemporâneo. Assim, é nesse clima de globalização/internacionalização, poder-saber que o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) é idealizado e politicamente instituído pelo governo brasileiro nas instituições de ensino superior (IES). O CsF é uma ação dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), representados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). Nesse contexto, o CsF emerge com a intenção de promover a internacionalização das IES nas seguintes áreas do conhecimento: exatas e biológicas/tecnológicas. Nesse cenário, defendemos a tese de que o CsF é uma ação prática do governo federal brasileiro e está imerso em um processo de governamentalidade que se estabelece em meio a ação e reação de dispositivos de governamentalidade que se ajustam e desajustam na dispersão e produzem efeitos que convergem e divergem dos objetivos do programa. Nessa perspectiva, ao inventariarmos para essa tese um *corpus* de entrevistas, documentos e mídias temos como objetivo central analisar os dispositivos de governamentalidade que mobilizam o discurso sobre o CsF. Ao desmembrar esse objetivo central tem-se como objetivos específicos a) compreender o programa CsF como um acontecimento discursivo; b) verificar quais dispositivos de governamentalidade são percebidos nos discursos produzidos sobre o CsF; c) refletir sobre os efeitos de governamentalidade que os dispositivos percebidos nos discursos produzidos sobre o CsF constroem; d) analisar os processos de subjetivação e resistências nas sequências enunciativas (SEs) do *corpus*. Como metodologia utilizamos levantamento bibliográfico, pesquisa documental, entrevistas narrativas (BAUER & GASKEL, 2002) e método arqueogenealógico (FOUCAULT, 1999, 2008a, 2014a). Nossas discussões têm suporte teórico em Foucault (1988, 2008b, 2014b, 2015a, 2015b, 2015c), Veiga-Neto (1999, 2002, 2014), Navarro (2004, 2011, 2015), Veyne (2011), Bauman (1999, 1999a), entre outros. As análises mostraram que o programa CsF pode ser considerado um acontecimento e dispositivo de governamentalidade na UTFPR-FB. Além disso, verificamos como dispositivos de governamentalidade o programa CsF, a língua estrangeira inglesa e a globalização. Outrossim, os efeitos de governamentalidade do CsF na UTFPR-FB foram relacionados com os modos de subjetivação em que nas relações de poder-saber o programa CsF se apresenta em práticas discursivas ora de assujeitamento, ora de resistência.

Palavras-chave: Discurso. Acontecimento. Língua Inglesa. Governamentalidade. Internacionalização.

LINGNAU, Carina Merkle. **(Without/With) borders**: devices of governmentality that cross the discourse about the Science without Borders Program UTFPR-FB. 2017. 139p. Thesis (Doctorate Degree in Letters) - State University of Maringá, Maringá, 2017.

ABSTRACT

We live in a historical moment in which globalization is the watchword. The search for globalized relations requires contact with other countries and values internationalization. This internationalization triggers connections in the educational, social, economic and legal fields, among others. In this partnership between globalization and internationalization that are now complementary, and sometimes synonymous, there is simultaneously another partnership: power-knowledge. The game between power-knowledge is realized through the language that deals with discursive and non-discursive elements. With regard to the discursive elements it is necessary to use a language. Geopolitically we understand the use of the English language with a prominent function in the current international relations and with it the created need of the teaching/ learning of that language in the contemporary world. Thus, it is in this mood of globalization/internationalization, power-knowledge that the Science without Borders Program (SwB) is idealized and politically instituted by the Brazilian government in higher education institutions. The SwB is an action of the Ministries of Science, Technology and Innovation (MCTI) and the Ministry of Education (MEC), represented by the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) and the Commission for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES). In this context, the SwB emerges with the intention of promoting the internationalization of higher education institutions in the following areas of knowledge: exact and biological / technological. In this scenario, we defend the thesis that the SwB is a practical action of the Brazilian federal government and is immersed in a process of governmentality that is established amid the action and reaction of governmentality devices that adjust and misfit the dispersion and produce effects that converge and diverge from the objectives of the program. In this perspective, when we inventorize for this thesis a *corpus* of interviews, documents and media, we have as a central objective to analyze the devices of governmentality that mobilize the discourse on SwB. In dismembering this central objective, we have as specific objectives a) to understand the SwB program as a discursive event; b) to verify which governmental devices are perceived in the discourses produced on the SwB; c) to reflect on the effects of governmentality that the devices perceived in the discourses produced on the SwB construct; d) analyze the processes of subjectivation and resistances in the enunciative sequences (SEs) of the *corpus*. As a methodology, we used bibliographical research, documentary research, narrative interviews (BAUER & GASKEL, 2002) and archeogenealogical method (FOUCAULT, 1999, 2008a, 2014a). Our discussions have theoretical support in Foucault (1988, 2008b, 2014b, 2015a, 2015b, 2015c), Veiga-Neto (1999, 2002, 2014), Navarro (2004, 2011, 2015), Veyne (2011), Bauman (1999, 1999a), among others. The analysis showed that the program SwB can be considered an event and device of governmentality at UTFPR-FB. In addition, we verified as governmental devices the SwB, the English foreign language and globalization. The governmental effects were related to the modes of subjectivation in which in the

relations of power-knowledge in the SwB program presents itself in discursive practices of subjection and sometimes resistance.

Keywords: Discourse. Event. English Language. Governmentality. Internacionalization.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –Relações teóricas e eixos temáticos das confissões narrativas..	p.30
Quadro 2 – Resumo acontecimento CsF.....	p.49
Quadro 3 – Dispositivos de governamentalidade.....	p.83
Quadro 4 – Efeitos de governamentalidade.....	p.117
Quadro 5 – Quadro comparativo.....	p.124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – MÉTODO ARQUEGENEALÓGICO	21
1. Metodologia do trabalho	29
CAPÍTULO 2 - PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO	32
1. O acontecimento Programa Ciência sem Fronteiras	33
2. UTFPR: uma <i>microarqueogenealogia</i>	42
CAPÍTULO 3 - DISPOSITIVOS DE GOVERNAMENTALIDADE: PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, LÍNGUA ESTRANGEIRA INGLESA E GLOBALIZAÇÃO	52
1. Governamentalidade	56
2. O dispositivo de governamentalidade	62
2.1 O Programa Ciência sem Fronteiras como dispositivo de governamentalidade no CsF UTFPR, Francisco Beltrão	64
2.2 A língua estrangeira inglesa e a globalização como dispositivos de governamentalidade no CsF UTFPR, Francisco Beltrão	72
CAPÍTULO 4 - EFEITOS DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: APROXIMAÇÕES	86
1. Educação & internacionalização	87
2. Efeitos de governamentalidade na UTFPR: o Programa Ciência sem Fronteiras UTFPR-FB	95
2.1 Efeitos de sujeição (ou assujeição)	103
2.2 Efeitos de resistência	107
CONSIDERAÇÕES	120
REFERÊNCIAS	128
APÊNDICES	138



Fonte: Página da Amazon¹

INTRODUÇÃO

Escrever nada tem a ver com significar,
mas com agrimensar, cartografar, mesmo
que sejam regiões ainda por vir.
Gilles Deleuze

Abrimos a introdução com um produto norte-americano: o bóton utilizado em campanhas políticas. Esse bóton acima faz ainda a referência ao ícone norte-americano *Uncle Sam*² (Tio Sam) que historicamente se relaciona à imagem do produto alimentício e à abreviação *U.S* (*United States* – Estados Unidos da América, mas pelos soldados a sigla ficou conhecida como *Uncle Sam*) utilizado na guerra entre norte-americanos e Reino Unido e suas colônias. Nessa imagem simbólica, o slogan *I want you for the US army* (Eu quero você para o exército americano) está associado ao recrutamento de soldados. No caso dessa introdução, a função sujeito dos recrutados mudou de lugar e espaço histórico, ampliando o alcance dos chamados a participarem do estado neoliberal.

Nessa conjuntura, afirmo que sou da área das humanidades e comecei a trabalhar em uma universidade tecnológica para cursos de engenharia. Devo confessar que no meu aquário atual busquei nas humanidades a direção para

¹Disponível em <<https://www.amazon.com/BARACK-OBAMA-UNCLE-SAM-Politica/dp/B003XNC004>> Acesso em ago. 2016.

² <https://www.britannica.com/topic/Uncle-Sam>

trabalhar com meu objeto de pesquisa: as séries enunciativas produzidas sobre o Programa Ciência sem Fronteiras (doravante CsF) nos cursos de graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (doravante UTFPR). A imagem do aquário é trazida por Veyne (2011, p.49) ao comparar nossa dificuldade de pensar e agir de forma diferente do considerável verdadeiro em um determinado tempo histórico. Por isso, afirma que somos como “prisioneiros de um aquário do qual nem sequer percebemos as paredes”. Digo que, inserida nesse momento histórico como professora de língua inglesa e portuguesa, o CsF me chamou a atenção! Centenas de alunos podendo estudar um ano fora do país indo para uma universidade no exterior, que oportunidade. O programa CsF foi instituído pelo decreto³ n.º 7642 de 13 de dezembro de 2011 e o artigo primeiro afirma que

fica instituído o Programa Ciência sem Fronteiras, com o objetivo de propiciar a formação e capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica, e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, além de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento definidas como prioritárias.

No que diz respeito às áreas contempladas pelo Programa CsF, a portaria interministerial nº 1, de 9 de janeiro de 2013 institui as áreas prioritárias de atuação do Programa CsF:

I - engenharias e demais áreas tecnológicas; II - ciências exatas e da terra; III - biologia, ciências biomédicas e da saúde; IV - computação e tecnologias da informação; V - tecnologia aeroespacial; VI - fármacos; VII - produção agrícola sustentável; VIII - petróleo, gás e carvão mineral; IX - energias renováveis; X - tecnologia mineral; XI - biotecnologia; XII - nanotecnologia e novos materiais; XIII - tecnologias de prevenção e mitigação de desastres naturais; XIV - biodiversidade e bioprospecção; XV - ciências do mar; XVI - indústria criativa; XVII - novas tecnologias de engenharia construtiva; e XVIII - formação de tecnólogos (BRASIL, 2013).

O programa CsF apresenta em seu sítio⁴ modalidade graduação os seguintes requisitos para a participação no CsF graduação: ser brasileiro ou naturalizado; estar regularmente matriculado em IES no Brasil em cursos

³http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEC%207.642-2011?OpenDocument

⁴ <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/> Acesso em 22 nov. 2016.

relacionados às áreas prioritárias do CsF; ter sido classificado com nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com no mínimo 600 pontos, considerando os testes aplicados a partir de 2009; possuir bom desempenho acadêmico; ter concluído no mínimo 20% e no máximo 90% do currículo previsto para o curso de graduação.

Ainda no sítio é informado que os benefícios⁵ do bolsista são os seguintes: mensalidade de bolsa (US\$870,00), auxílio instalação (US\$ 1320,00), auxílio material didático (US\$ 1000,00), auxílio deslocamento (US\$ 1604,00), e seguro saúde (US\$ 1080,00). A duração desses benefícios é de 12 meses, podendo estender-se até 18 meses quando incluir curso de idioma. O prazo de curso de idioma é apresentado na chamada, variando de país e do acordo estabelecido com as universidades no exterior.

Entre os objetivos que encontramos no sítio, são listados: investir na formação de pessoal altamente qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento; aumentar a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições de excelência no exterior; promover a inserção internacional das instituições brasileiras pela abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros; ampliar o conhecimento inovador de pessoal das indústrias tecnológicas; atrair jovens talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil.

Esse programa nomeado CsF está imerso em um momento histórico em que estamos mergulhados em um emaranhado de linhas conectadas entre países do globo terrestre, em meio a um tom emergencial que ecoa internacionalismo para todos os lados, instituições que se conectam umas com as outras, uma urgência em enviar e receber pessoas de todos os cantos do mundo para universidades, empresas, hospitais, mídia. Essa tendência que parece orientar um movimento crescente de globalizar e internacionalizar as diversas instâncias do poder-saber, tangencia as relações construindo necessidades e verdades que lentamente solidificam-se e naturalizam-se como

⁵ Acrescentamos o valor dos benefícios em dólares americanos uma vez que são essas quantias que aparecem no sítio do CsF para a modalidade graduação sanduíche EUA.

se não houvesse outra possibilidade a não ser instituir programas como o CsF e mostrar para a sociedade que esse é o caminho a seguir.

A partir do exposto, formulamos a pergunta norteadora da pesquisa: quais dispositivos de governamentalidade são possíveis de serem percebidos nos discursos produzidos sobre o programa CsF nos cursos de graduação da UTFPR-FB e quais efeitos eles constroem? A partir desse questionamento, defendemos a tese de que o CsF é uma ação prática do governo federal brasileiro e está imerso em um processo de governamentalidade que se estabelece em meio a ação e reação de dispositivos de governamentalidade que se ajustam e desajustam na dispersão e produzem efeitos que convergem e divergem dos objetivos do programa.

O objetivo principal da tese é analisar os dispositivos de governamentalidade que mobilizam o discurso sobre o CsF. Como objetivos específicos, elencamos os seguintes: a) compreender o programa CsF como um acontecimento; b) verificar quais dispositivos de governamentalidade são percebidos nos discursos produzidos sobre o CsF; c) refletir sobre os efeitos de governamentalidade que os dispositivos percebidos nos discursos produzidos sobre o CsF constroem; d) analisar os processos de subjetivação e resistências nas sequências enunciativas (SEs) do *corpus*. Nesse âmbito, utilizamos o método arqueogenalógico e buscamos nas confissões-depoimentos dos egressos do CsF da UTFPR-FB e dos servidores da UTFPR as narrativas sobre o CsF experienciado nos EUA.

Confissões-depoimentos é um termo que nos remete ao universo foucaultiano, na obra de Michel Foucault (2010) intitulada 'Governo de si e dos outros' a confissão é discutida enquanto produção de uma verdade, a *parresía*. Nessa tese, compreendemos os depoimentos dos egressos do CsF como confissões sobre assuntos tais quais o uso da língua estrangeira moderna inglesa e o Programa CsF. Prado Filho (2008, p.145) compreende confissão como

tecnologia de confissão, conjunto embricado de saberes e práticas relativos à subjetividade, colocados numa relação de incitação recíproca, onde o ato de verbalização, o exercício do discurso em relação a si mesmo, gera um conhecimento sobre o sujeito. Ela é uma grande tecnologia de conhecimento e

subjetivação dos sujeitos inventada pelo cristianismo, que se difundiu em variados campos da vida moderna, presente entre nós no âmbito relações institucionais, mas também das relações pessoais, íntimas, sempre ligadas a formas de conhecimento e de trabalho dos sujeitos sobre si mesmos.

Desse modo, o tema da tese é o discurso sobre o programa CsF, escolha esta que se justifica por ser um acontecimento e dispositivo de governamentalidade endereçado aos acadêmicos das IES. Ademais, trabalhamos com a língua estrangeira (doravante LE) inglesa, e esse programa está diretamente ligado ao uso do idioma, além do impacto que ele proporciona.

A forma de condução do trabalho é feita através de entrevistas, projeto de pesquisa aceito pelo comitê de ética da UEM (Apêndice), além de mídias, livros e documentos. A partir de Bauer & Gaskel (2002) tivemos embasamento para entrevistas narrativas, usando o gravador digital Sony ICD - PX440.

Para verificarmos o estado da arte das pesquisas sobre o Programa CsF, procuramos na Plataforma Sucupira as revistas classificadas em 2014 como qualis A1 e A2 da área de Letras e Linguística. Nessas revistas, selecionamos o período de 2012 até o mês de agosto de 2016 por conta do tempo em que o Programa CsF da graduação esteve presente nas instituições.

A busca foi realizada por palavras ou termos centrais: Programa Ciência sem Fronteiras, Idiomas sem Fronteiras, internacionalização. Nesse trabalho, utilizamos o conceito de internacionalização relacionando-o principalmente com a educação do ensino superior. Para Morosini (2017, p.115-118) a

internacionalização da educação superior é um conceito complexo, com uma diversidade de termos relacionados, apresentando diversas fases de desenvolvimento. São citadas: a) dimensão internacional – presente no século XX, que se caracteriza por ser uma fase incidental mais do que organizada; b) educação internacional – atividade organizada prevalente nos Estados Unidos, entre a segunda guerra mundial e o término da guerra fria, preferentemente por razões políticas e de segurança nacional; e c) internacionalização da educação superior, posterior à guerra fria e com características de um processo estratégico ligado à globalização e à regionalização das sociedades e seu impacto na educação superior[...].Entretanto as discussões sobre a concepção de internacionalização universitária já não

apresentam o caráter amplo do período anterior (2000– 2003) e abarcam temas como internacionalização e as instituições universitárias. Isto porque, dada como certa a internacionalização, o pensamento mundial isomórfico passa a discutir os efeitos da globalização sobre a instituição universitária.

Isso posto, observamos na própria discussão conceitual realizada por Morisini a construção da verdade sobre a internacionalização afirmando ser ela “o pensamento mundial isomórfico” sem abertura para outra versão dos fatos. O que se discute são os efeitos da globalização nas IES. Compreendendo a internacionalização sob esse prisma, nos encaminhamos para a verificação do estado da arte sobre o programa CsF nos periódicos científicos. Logo, confirmamos a existência de cinco artigos sobre o Programa CsF, porém nenhum deles está centrado na área da análise do discurso foucaultiano. Esses trabalhos de pesquisa que figuram em revistas A1 e A2 da área de Letras e Linguística convergem para o Programa CsF, considerando-o como política de internacionalização do governo brasileiro e com ele discutem o Idiomas sem Fronteiras – política pública que tem intenção de fortalecer o ensino de línguas estrangeiras nas instituições de ensino do Brasil.

Os trabalhos encontrados foram: 1) *Tecnologia e Metodologia no Ensino de Inglês: Impactos da Globalização e da Internacionalização* em 2014 na revista Ilha do Desterro; 2) *Inglês Sem Fronteiras: uma mirada ao contexto de prática pelo prisma da formação de professores a partir do trabalho docente* em 2015 na revista Ilha do Desterro; 3) *Globalização e Multilinguagem no Brasil Competência Linguística e o Programa Ciência Sem Fronteiras* em 2015 na Revista Brasileira de Linguística Aplicada; 4) *Políticas linguísticas e suas consequências não planejadas: o programa “Inglês Sem Fronteiras” e suas repercussões nos cursos de Letras* em 2016 na revista Calidoscópio; 5) *Saberes sem Fronteiras: Políticas para as migrações Pós-modernas* em 2016 na revista Delta.

Em tempo, sem fazer parte do grupo de revistas com status A no qualis, mas com classificação B3 na plataforma, salientamos a existência de uma edição da revista Brazilian English Language Teaching Journal (BELT) de

2015, totalmente dedicada ao Programa Inglês sem Fronteiras com os seguintes artigos: 1) *O Programa Idiomas sem Fronteiras analisado a partir do ciclo de políticas*; 2) *Compilation of a University Learning Corpus*; 3) *O uso do livro didático no Programa Idiomas sem Fronteiras - Inglês*; 4) *Para além do conceito cotidiano: a concepção de atividades de ensino-aprendizagem com vistas à (re)conceitualização de apresentações acadêmicas*; 5) *O Ensino-Aprendizagem da Pronúncia no Programa Inglês sem Fronteiras (IsF) na Universidade Federal do Paraná (UFPR): análise da perspectiva dos professores*; 6) *O Uso de Graded Readers no Ensino de Inglês como Língua Adicional no Programa Idiomas sem Fronteiras*; 7) *Leitura e Escrita Acadêmica através de Abstracts: uma proposta de tarefa*.

Nesse sentido, após verificarmos que as pesquisas realizadas sobre o CsF não têm base teórica na análise de discursos foucaultiana, compreendemos que essa pesquisa se justifica ao ampliar as discussões em torno do CsF por ter uma abordagem discursiva em que o olhar está voltado para o sujeito nas relações com o poder-saber.

Isso posto, ao buscar compreender o processo de governamentalidade que atravessa o programa CsF delineamos a sequência dos capítulos, como segue: no primeiro capítulo intitulado *Método arqueogenalógico* alicerçamos conceitos e discussões importantes para a construção da tese; no segundo capítulo, nomeado de *Programa Ciência sem Fronteiras como acontecimento discursivo* objetivamos investigar o CsF como acontecimento discursivo e nos baseamos na fase mais arqueológica de Foucault. No terceiro capítulo, denominado *Dispositivos de governamentalidade: Programa Ciência sem Fronteiras, língua estrangeira inglesa e globalização* almejamos verificar os dispositivos de governamentalidade percebidos nas séries enunciativas selecionadas, esse capítulo está na fase mais genealógica de Foucault. No quarto capítulo nominado *Efeitos de governamentalidade do Programa Ciência sem Fronteiras: aproximações*, buscamos indicar os efeitos de governamentalidade construídos nas séries enunciativas eleitas para a análise. Nesse capítulo a fase estética de Foucault está mais presente. Nas

considerações finais, ponderamos sobre as discussões apresentadas no decorrer da tese e seguimos com as referências bibliográficas.



Fonte: Blog de livros e filmes⁶

CAPÍTULO 1 – MÉTODO ARQUEGENEALÓGICO

Esse capítulo anuncia a negação do que pretende ser na imagem escolhida para sua abertura, uma menção ao título *Isto não é um cachimbo* de Michel Foucault, que por sua vez referencia a pintura de René Magritte. Nessa impossibilidade de ser, representamos nesse capítulo a arqueogenealogia (FOUCAULT, 1999, 2008a, 2008b 2014a, 2014b) como metodologia a ser usada ao longo do trabalho. Porém, ao utilizarmos o chamado método arqueogenealógico, deixamos claro que esse termo nunca foi empregado por Foucault. Fazemos como Bacca et al (2004, p.20), na primeira aula transcrita para texto impresso como livro. Nessa aula, eles dizem que Foucault nunca deixaria que falassem dele como senhor de um método, mas compreender o

⁶ <http://procopioo.blogspot.com.br/2014/03/isto-nao-e-um-cachimbo-michel-foucault.html>

método como uma organização do pensamento nos leva a utilizar as ideias de Foucault como uma “caixa de ferramentas”, e isso pode auxiliar no processo de análise das séries enunciativas que pensamos para essa tese. Ainda em ambiente educacional nos referimos à aula inaugural no Collège de France ministrada por Foucault: *A ordem do discurso*. Nessa obra, em umas das passagens, o autor afirma que

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. [...] Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 2014b, p. 8-9).

Desse modo, quando nos reportarmos aos ditos estarem na ordem do discurso, ou na norma, é justamente pelo fato de Foucault (2014b) anunciar que não se pode falar tudo o que se quer em qualquer tempo ou lugar. Assim, tendo como base a leitura da modernidade na perspectiva da educação (NOGUERA-RAMÍREZ, 2011), em que a posição sujeito é preenchida com um “aprendiz permanente”, ao me aproximar dos objetivos do programa CsF, notei que ele não era para todas as áreas do conhecimento e que a intenção era promover a internacionalização envolvendo sujeitos assumindo a posição de alunos de graduação em disciplinas, estágios e projetos de pesquisa. Para Foucault (2014a, p.113)

o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado: e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos.

Nessa situação, esse lugar dito vazio é preenchido pela noção de sujeito como posição, pois aquela concepção de sujeito reconhecido como sujeito integral (HALL, 1997) não existe mais, ele é substituído pela concepção de sujeito enquanto posição. E é nessa tendência de sujeito pós-moderno, que Hall (1997) estabelece relação com Foucault (2014a) ao se referir ao sujeito

não como o sujeito pleno, mas como uma função que é modificada frequentemente. Veiga Neto (2014, p.110-111) certifica que

[...] Foucault não foi, absolutamente, o único nem mesmo o primeiro a se despedir dessa noção moderna e iluminista de sujeito. [...] Mas foi Foucault que de forma mais detalhada, trabalhou para demonstrar de que maneiras esse sujeito se institui. Suas pesquisas giraram em torno daquilo que ele mesmo denominou “os três modos de subjetivação que transforma os seres humanos em sujeitos”⁷: a objetivação de um sujeito no campo dos saberes – que ele trabalhou no registro da *arqueologia* -, a objetivação de um sujeito nas práticas do poder que divide e classifica – que ele trabalhou no registro da *genealogia* – e a subjetivação de um indivíduo que trabalha e pensa sobre si mesmo – que ele trabalhou no registro da ética.

Logo, essa posição sujeito que se constitui e (re) constitui na pós-modernidade está associada ao momento histórico de globalização e internacionalização, em que são assumidas diferentes funções sociais, culturais e econômicas. À vista disso, essa posição sujeito foucaultiana leva em conta a História Geral ou serial que percebe elementos como a descontinuidade, temporalidades diferentes para um mesmo momento histórico e documento como monumento, ou seja, o documento analisado em relações com outros documentos e com a história. Nesse movimento, são estabelecidas relações dessa posição sujeito com o arquivo, que para Foucault (2014a, p.158), é “de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”. Para utilizarmos o método arqueogenealógico tomamos o conceito de discurso como elucida Revel (2005, p.37),

discurso designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente lingüísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinada.

⁷ Foucault (1995).

Esse sistema de regras que autoriza a entrada de determinados enunciados em lugar de outros é formado a partir do momento histórico em que se está inserido. As regras de que fala Michel Foucault estão especificadas

Chamaremos *regras de formação* as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidades de enunciação, conceitos e escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva. (FOUCAULT, 2014a, p. 47)

Assim, a busca pela regularidade dos enunciados que circulam no lugar de outros é realizada a partir das regras as quais Foucault anuncia como determinantes para as condições de existência e desaparecimento de enunciados. Essa tendência, essa autorização que os enunciados recebem para difundir em dado momento histórico e em determinado grupo social alcança o status de uma ordem, a ordem do discurso. A concepção da ordem do discurso surge formalmente com o registro da aula inaugural de Foucault (2014b) que foi traduzido como *A ordem do discurso*. Revel (2005, p.24,37) afirma que

A Ordem do Discurso dá continuidade à reflexão sobre um fluxo de fala que seria ao mesmo tempo historicamente determinado e não-individualizado, e que ditaria as condições de fala do próprio Foucault na sua aula inaugural no *College de France*[...]a "ordem do discurso" própria a um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real.

Desse modo, para continuar tratando de um determinado enunciado em lugar de outro é preciso considerar que muito já foi dito anteriormente e que as condições discursivas determinam se o que está sendo dito está ou não está na ordem desse discurso.

Outro aspecto ainda ligado ao sistema de regras que Foucault (2014a) discute é a formação discursiva (doravante FD). Para Foucault (2014a, p.47)

[...] sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva.

Para Sargentini (2005) FD foi primeiramente utilizada enquanto terminologia por Michel Foucault na obra *Arqueologia do Saber*. A relação entre a formação discursiva o sistema de regras mobiliza outro conceito chamado de *a priori*, que para Foucault (2014a, p.155)

[...] tem de dar conta do fato de que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um *dever* estranho [...] Além disso, o *a priori* não escapa à historicidade.

Nesse sentido, a multiplicidade de verdades e de sentidos se faz a partir de um *a priori* e considerando esse *a priori*, reconhecemos que as verdades percebidas traduzem um olhar através de lentes opacas sobre as regras que regem as séries enunciativas. A opacidade é um termo que mostra a dificuldade de atingir o ‘verdadeiro’ do enunciado. Albuquerque Junior (2008, p.98) afirma que Foucault

[...] vê a linguagem como uma coisa entre coisas, que é dotada de uma opacidade que a torna incapaz de dizer e fazer as coisas como são. Esta opacidade advém do próprio caráter político da linguagem, vem do fato de que seu uso é estratégico, de que segue objetivos e astúcias dadas por interesses diversos e divergentes no interior da sociedade e ao longo da história.

Nessa concepção, percebemos que a linguagem se torna incapaz de atingir a plenitude e transparência do que se quer dizer. Dessa forma, lembramos que, para Veyne (2011, p.50-51),

[...] os discursos são as lentes através das quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas, pensaram e agiram; elas se impõem tanto aos dominantes quanto aos dominados, não são mentiras inventadas pelos primeiros para dominar os últimos e justificar sua dominação.

Destarte, buscamos quais são as regras que determinam que os discursos do momento atual naturalizem a ‘verdade’ da urgência e da necessidade de internacionalização em vários campos do saber. Consideramos discurso, conforme Foucault, “um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2014a, p.131).

O verdadeiro desse momento histórico não é a nacionalização, isso chega a ser dissonante na harmonia da ordem do discurso. Procuramos as regras de formação que constroem essa regularidade em torno da

internacionalização, uma vez que o discurso sobre a internacionalização “não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece” (FOUCAULT, 2014a, p.66).

Para Foucault (2014a), o sujeito não pode ser considerado como fundante, como aquele que primeiro falou sobre determinado assunto; ele é considerado como uma posição vazia que é preenchida por funções diferentes (por exemplo: aluno egresso do CsF, bolsista do CsF no exterior, filho, profissional). Por entendermos que a posição sujeito foucaultiana ocorre na dispersão (que são essas diferentes posições de sujeito) recortamos para o *corpus* séries enunciativas que se relacionam de forma descontínua e em temporalidades diversas. De acordo com Foucault (2014a, p.12) séries enunciativas são consideradas no seguinte contexto:

[...] o problema que se apresenta – e que define a tarefa de uma história geral – é de determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries; que sistema vertical podem formar; qual é, de umas às outras, o jogo das correlações e das dominâncias; de que efeito podem ser as defasagens, as temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente; em resumo, não somente que séries, mas que “séries de séries” – ou, em outros termos, que “quadros” – é possível constituir.

Desse modo, quando nos referimos ao método arqueogenalógico de Foucault, o fazemos diante das ressalvas apresentadas. Dito isso, aproximamos o método arqueogenalógico da sociologia e, para dar conta desta tarefa, explicamos como delineamos o processo de análise: os textos que compõem o *corpus* desse trabalho são tratados como enunciados que operam como função enunciativa em dada materialidade.

Para Foucault (2014a, p.108)

[...] um enunciado existe fora de qualquer possibilidade de reaparecimento; e a relação que mantém com o que enuncia não é idêntica a um conjunto de regras de utilização. Trata-se de uma relação singular: se, nessas condições, uma formulação idêntica reaparece – as mesmas palavras são utilizadas, basicamente os mesmos nomes, em suma, a mesma frase, mas não forçosamente o mesmo enunciado.

Nessa sequência, ao acessarmos o enunciado ciência sem fronteiras, acionamos nele prontamente outro enunciado que é mais antigo: sem

fronteiras, o qual está vinculado a vários campos do saber (médico, artístico, educacional, entre outros). Dessa forma, o reaparecimento do enunciado sem fronteiras no novo enunciado ciência sem fronteiras evoca diferentes efeitos nas relações que são estabelecidas entre o que enuncia e as regras que utiliza ao fazer uso do enunciado. Esse enunciado é mais que um enunciado, é função enunciativa, que é composta pelo referencial, pela posição sujeito, suporte material e pelo campo associado. E é com suporte nessa função que analisamos nosso *corpus*, Foucault (2014a, p.110-111) afirma que o

[...] referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade.

No contexto dessa pesquisa, verificamos que o referencial para todos os enunciados do recorte que forma o *corpus* é o programa criado pelo governo federal brasileiro CsF, a partir dele foi possível o aparecimento do enunciado CsF e a produção de saberes e poderes alicerçada nesse enunciado.

Com base no referencial existente, observamos a condição de aparecimento do enunciado ciência sem fronteiras e, nessa condição, movimentam-se enunciações pronunciadas por diferentes posições sujeito.

Essa terminologia utilizada por Michel Foucault (2014a, p.115) é tida como “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes”. No caso desse *corpus* tem-se uma diversidade de posições sujeito ocupadas por egressos, servidores e outros indivíduos analisados a partir de relações com o Programa Ciência sem Fronteiras. Cada um deles pode ocupar diversas posições sujeito dependendo da relação que estabelecer em determinado contexto.

Nesse sentido, a função sujeito é justamente essa forma de assumir diversas posições nos pronunciamentos dos enunciados. Trata-se de uma posição a ser preenchida constantemente por indivíduos que vão assumindo novos lugares e, a partir deles, estabelecem relações de poder e saber diante de um mesmo enunciado, configurando-se uma dispersão discursiva.

Para Foucault (2014a, p.116), “a função enunciativa não pode se exercer sem a existência de um domínio associado”, que seria o que ele também chama de campo associado, que é

[...] constituído, de início, pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento (um jogo de réplicas formando uma conversação, a arquitetura de uma demonstração – limitada, de um lado, por suas premissas, do outro, por sua conclusão – a sequência das afirmações, que constituem uma narração). É constituído, também, pelo conjunto das formulações a que o enunciado se refere (implicitamente ou não), seja para repeti-las, seja para falar de cada uma delas; não há enunciado que, de uma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados (elementos rituais de uma narração) (FOUCAULT, 2014a, p.119).

Portanto, ao recordarmos o referencial que dá possibilidade ao acontecimento CsF, verificamos que é possível uma série de relações a partir do campo associado que se forma nas séries enunciativas analisadas, uma vez que esse campo se estabelece e continua na dispersão. Dessa forma, é indispensável notar que todas as séries enunciativas analisadas precisam estar em um suporte material, uma “superfície de inscrição, substância sonora, matéria moldável, incisão vazia de um traço” (FOUCAULT, 2014a, p.121-122). Ainda para esse mesmo autor,

[...] poderíamos falar de enunciado se uma voz não o tivesse enunciado, se uma superfície não registrasse seus signos, se ele não tivesse tomado corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca – apenas alguns instantes – em uma memória ou em um espaço? Poderíamos falar de um enunciado como de uma figura ideal e silenciosa? O enunciado é sempre apresentado através de uma espessura material, mesmo dissimulada, mesmo se, apenas surgida, estiver condenada a se desvanecer.

Logo, ao apresentarmos nosso *corpus* percebemos seus diferentes suportes materiais e efeitos produzidos em sua dispersão. Destarte, explicitamos que o recorte que fizemos, além das entrevistas, busca compreender efeitos de poder-saber diferenciados para o mesmo acontecimento: o programa CsF. Diante disso, detalhamos a metodologia que utilizamos para pesquisar esse assunto.

1. Metodologia do trabalho

Em primeiro lugar, verificamos a dispersão discursiva presente no processo, assim, para aproximarmos as análises de um *corpus* disperso, cartografamos o CsF a partir de um *corpus* que parte de recortes considerados relevantes, como Revista Veja, Gazeta do Rio de Janeiro, Jornal Bom dia Brasil e G1, por circularem na mídia impressa/virtual e terem a possibilidade de atingir maior número de leitores/ouvintes. Outra parte do *corpus* foi retirada de um acervo relacionado ao universo acadêmico e engloba um público que faz parte da academia ou se interessa por ela: entrevistas com egressos do CsF UTFPR-FB; entrevistas com servidores da UTFPR; Jornal Labor da UTFPR; Chamada Pública do CsF; Revista Comemorativa da CAPES; Link da campanha para reitor UTFPR/2017; Aula pública Ópera Mundi e entrevista em rádio com a presidenta Dilma Rouseff.

Como última seleção do *corpus* fizemos a triagem dos textos legais que amparam juridicamente a sociedade ao longo dos tempos, entre as quais destacamos: as leis, cartas de lei e alvarás. Ao fazermos uso do *corpus* no decorrer da tese negritamos as passagens que merecem destaque partindo de nosso olhar analítico.

Nesse momento, descrevemos em detalhes o *corpus* acima justificado:

- a) cinco entrevistas narrativas com alunos de graduação da UTFPR-FB egressos do CsF que foram para os EUA;
- b) três entrevistas com professores e técnicos administrativos da UTFPR;
- c) dois classificados da Gazeta do Rio de Janeiro, contidos nos números 99 de quarta-feira, 23 de agosto de 1808 e 2 de quarta-feira, 6 de janeiro de 1813;
- d) uma reportagem do Jornal Labor – órgão oficial da Escola Técnica de Curitiba, n.19 de novembro, Curitiba, 1947;
- e) decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909;
- f) chamada pública Programa Ciência sem Fronteiras/CRUP (conselho de reitores das universidades portuguesas) e Universidade de Coimbra nº 127/2012;
- g) Revista Comemorativa CAPES de julho, 2011;
- h) dois artigos da Revista Veja: *Vão faltar alunos para bolsas de estudo do governo*, 08/08/2011 e *A manobra delicada do Ciência sem Fronteiras*, 24/02/2013;
- i) uma entrevista em rádio de 30/09/2013 com a presidenta Dilma Rouseff apresentada no Programa Café com a Presidenta, intitulada: *Ciência sem Fronteiras: conhecimento é o que*

move o mundo; j) um link da Internet sobre campanha para reitoria da UTFPR-2016 com a seguinte chamada: *Proposta 3 – Rumo à classe mundial*; k) Aula pública Ópera Mundi gravada no Câmpus UNESP Bauru – TVUNESP pela socióloga Manolita Correia Lima – publicado em 05 de maio de 2014 sobre *A mobilidade acadêmica é a parte mais visível da internacionalização*; l) uma reportagem do Jornal Bom dia Brasil de 26/07/2016 com a chamada *Governo acaba com o Ciência sem Fronteiras para cursos de graduação*; m) nota oficial da CAPES em 26 de julho de 2016 intitulada *Programa Ciência sem Fronteiras terá novo foco*; n) duas notícias publicadas no G1 online: *Uerj pode fechar as portas por conta da crise financeira* em 10 de janeiro de 2017 e *Governo acaba com o Ciência sem Fronteiras para curso de graduação* em 26 de julho de 2016; o) Cartas de lei, alvarás, decretos e cartas régias de 1813, 1820, 1809.

Para organizarmos o material selecionado para o *corpus* de entrevistas enumeramos os depoimentos por ordem de realização utilizando as letras de A até F com a sigla SE⁸ posicionadas à frente do respectivo algarismo para simbolizar a expressão sequência enunciativa da série de enunciados recortados. De acordo com Foucault (2014, p.120), “pode-se dizer, de modo geral, que uma sequência de elementos linguísticos só é enunciado se estiver imersa em um campo enunciativo em que apareça com elemento singular”. Desse modo, consideramos sequências enunciativas os enunciados que de fato estejam conectados com o campo associado que envolve o CsF.

Os outros materiais, tais como decretos, mídias, artigos de revistas foram recortados do suporte material utilizado e referenciado ao final da série descrita, utilizando o sinal gráfico parênteses. Para a análise das materialidades, utilizamos o método arqueogeneológico que não foi cunhado por Foucault, mas usado por estudiosos do discurso ao basearem-se nos estudos arqueogeneológicos do filósofo Michel Foucault (2014a). A descrição das séries enunciativas se concentram nos seguintes conceitos foucautianos: discurso, enunciado, dispositivo, governamentalidade. Também recorreremos à Bauman (1999a, p.66-67) no uso do conceito globalização. Para Bauman

⁸ As SEs não estão organizadas em ordem cronológica, elas são agrupadas pela temática da qual fazem parte.

[...] esta nova e desconfortável percepção das “coisas fugindo ao controle” é que foi articulada (com pouco benefício para a clareza intelectual) num conceito atualmente na moda: o de globalização. O significado mais profundo transmitido pela idéia da globalização é o de caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. A globalização é a “nova desordem mundial” de Jowitt com um outro nome.

Em vista disso, tomamos como direcionamento as relações teóricas explicitadas no quadro 1.

Quadro 1 – Relações teóricas e eixos temáticos das confissões narrativas

TEORIA DO DISCURSO		SOCIOLOGIA	EDUCAÇÃO
Temas narrados nas confissões	Conceito mobilizador	Conceito mobilizador	Conceito mobilizador
Língua estrangeira Programa Ciência sem Fronteiras	Dispositivos e efeitos de governamentalidade Acontecimento	Globalização	Programa de internacionalização educacional

Fonte: a autora

Tendo em vista o *corpus* e metodologia apresentada para esse trabalho discutimos o CsF como um acontecimento discursivo no capítulo a seguir.



Fonte: Blog de imagens⁹

CAPÍTULO 2 - PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS COMO ACONTECIMENTO DISCURSIVO

Nesse capítulo, ao nos depararmos com a imagem de Obama e Dilma Rousseff temos por objetivo compreender o Programa CsF como um acontecimento associado ao momento em que esses dois líderes estavam com funções de liderança em suas respectivas nações. Para tanto, apresentamos o Programa CsF como acontecimento embasados em Foucault (2014a) e relacionamos a arqueogenealogia da UTFPR ao acontecimento Programa CsF.

No decorrer da história do Brasil, e por bastante tempo foi a “elite intelectual brasileira” que se serviu de poucas instituições de ensino básico e superior. Quando enunciados nos levaram a pensar em uma “educação para todos”, presenciamos um pouco mais do que a “elite intelectual” nos bancos das instituições de ensino. Desse modo, vinculamos a questão das mudanças ocorridas na educação e as palavras de Veyne (2011, p.101) que relembra uma inquietação de Foucault ao mencionar um comentário do autor: “Meu problema, escreve Foucault, poderia enunciar-se assim: como acontece que numa dada época seja possível dizer algo e que isso nunca tenha sido dito?” Para Foucault (2008a, p.12) a verdade

[...] é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz

⁹ Disponível em < <http://www.leovillanova.net/2015/06/30/30-de-junho-de-2015-dilma-e-obama>> Acesso em set. 2016.

funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Logo, o regime de verdade atual parece autorizar a internacionalização como uma “verdade” que produz um efeito de necessidade em vários campos do saber. É nesse sentido que corroboramos com Navarro (2004, p.113), quando afirma

[...] que é o discurso que determina o que o sujeito deve falar, é ele que estipula as modalidades enunciativas. Logo o sujeito não preexiste ao discurso, ele é uma construção no discurso, sendo este um feixe de relações que irá determinar o que dizer, quando e de que modo.

Isso posto, é nesse movimento descontínuo na história que os feixes de relações vão se ligando à internacionalização e é nessa tensão que acontece o Programa Ciência sem Fronteiras.

1. O acontecimento Programa Ciência sem Fronteiras

O programa CsF, em termos foucaultianos, pode ser compreendido como um acontecimento. Possenti (2006, p.94) afirma que “em geral, considera-se que estamos diante de um acontecimento quando o que ocorre é algo de inesperado ou de “espetacular”. Em vista disso, ao atentarmos para o programa CsF como algo inesperado na dinâmica da educação brasileira recorreremos à reflexão de Foucault (2014a, p. 34) sobre o termo acontecimento em que afirma,

[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem.

Foucault (2014a) amplia o sentido do termo para a emergência do enunciado como única, e sua possível repetição não representará exatamente o mesmo enunciado, tampouco propagará os mesmos efeitos. Trazendo para a discussão do termo outro conceito que envolve a noção de acontecimento, Gregolin (2005, p.4) sustenta que

[...] todo um conjunto de noções foucaultianas é integrado ao conceito de FD (acontecimento, práticas discursivas, arquivo etc.) fortalecendo a idéia de uma articulação dialética entre singularidade e repetição, regularidade e dispersão.

Nesse seguimento, verificamos que, ao apresentarmos noções sobre o termo acontecimento, não podemos deixar de lembrar que ele está relacionado a vários outros conceitos discutidos por Foucault. Nessa perspectiva, todas as práticas discursivas em torno do CsF são representadas na dispersão. Foucault (2014a, p.144) afirma que prática discursiva

[...] é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa.

Assim sendo, é nesse conjunto de regras anônimas, históricas que o CsF emerge como acontecimento, como ruptura no modo de pensar a internacionalização para cursos de graduação nas IES da federação. Contribuindo com essa discussão Bacca et al (2004, p.31) discorrem sobre a ruptura e descontinuidade, concluindo que

[...] a ruptura de que Foucault fala não é na ordem dos conceitos, dos discursos. A ruptura é na ordem do acontecimento. Foucault entende a descontinuidade, a ruptura como acontecimentos, e não como mudanças de discurso, mudanças de conceituação, novos paradigmas. O que realmente muda são as regras do jogo que legitimam saberes e relativizam outros. O que Foucault chama de **regime de verdade**¹⁰ são as regras da construção de verdade. A mudança paradigmática refere-se apenas à mudança conceitual, não à regra que monitora a organização dos conceitos. O acontecimento é uma mudança no regime de verdade, ou seja, na regra de construção do conceito, não se limitando ao discurso para dar conta da formação histórica de um domínio de objeto.

¹⁰ Grifo de Bacca et al (2004)

Importa ponderar que depois da mudança das regras em relação à internacionalização dos cursos de graduação das IES da federação surgem outras possibilidades de inserção internacional para esses alunos na UTFPR, por exemplo. Nesse contexto, são lançados programas de dupla diplomação, por meio dos quais, a partir de acordos entre a UTFPR e universidades de outros países, a/o aluna/o tem a opção de formação nacional e internacional em seu curso de graduação.

Com referência ao enunciado sem fronteiras vinculado ao programa CsF considerando sua época histórica e atualidade do momento, temos o acontecimento neste ponto de encontro, promovendo diferentes efeitos de verdade de acordo com as FDs dos sujeitos envolvidos pelos enunciados produzidos. Nessa acepção, o enunciado sem fronteiras prenuncia o acontecimento do CsF, à medida em que se relaciona com outros campos do saber e se liga à ideia da internacionalização, do outro, do externo, do globalizado.

Nesse ponto de vista, podemos visualizar o CsF como uma *acontecimentalização* quando exerce o papel de romper com as práticas de internacionalização das Instituições de Ensino Superior (doravante IES) vigentes até então. Revel (2005, p. 14) considera que

[...] é por ocasião de uma discussão com os historiadores que Foucault dá a definição de "acontecimentalização": não uma história acontecimental, mas a tomada de consciência das rupturas da evidência induzidas por certos fatos. O que se trata então de mostrar é a irrupção de uma "singularidade" não necessária: o acontecimento que representa o enclausuramento, o acontecimento da aparição da categoria de "doenças mentais" etc.

A partir das primeiras chamadas, ir ao exterior para acadêmicos da graduação torna-se algo aceito como verdade para a comunidade acadêmica, e o aparecimento da categoria internacionalização para os estudantes brasileiros passa a ser uma prática discursiva bastante utilizada no cotidiano das IES brasileiras.

Foucault (2015c, p.248) afirma que “é preciso considerar o discurso como uma série de acontecimentos, como acontecimentos políticos, através dos quais o poder é vinculado e orientado”. O CsF foi um acontecimento advindo de um programa vinculado ao governo federal que orientou e encaminhou o processo discursivo em torno desse enunciado. Foucault (2015c, p.249-250) ainda sustenta que

[...] não é o sentido que eu busco evidenciar, mas a função que se pode atribuir uma vez que essa foi dita naquele momento. Isso é o que eu chamo de acontecimento. Para mim, trata-se de considerar o discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições.

O CsF foi um acontecimento do campo da educação, e manteve relações com outros sistemas como o econômico, científico, midiático. Por sua vez, tais relações formam redes de acontecimentos que trazem o CsF para momentos singulares em seu evento e efeito. Continuando nessa linha de pensamento, lembramos que Foucault (2015c, p.252) esclarece que

somos inextricavelmente ligados aos acontecimentos discursivos. Em um certo sentido, não somos nada além do que aquilo que foi dito, há séculos, meses, semanas...

Nessa acepção do termo acontecimento, encontramos-nos em um momento histórico em que o CsF pertence ao conjunto de elementos que compreendemos como uma das opções de internacionalização nas IES, por fazer parte do que foi dito até agora. Isso em relação à internacionalização talvez seja refletir sobre esse conjunto de elementos que possibilitam dizer atualmente, o que de certa forma é o que Foucault (2015b) chama de arquivo. Com tal característica, a internacionalização é possível para a educação superior até o ponto em que ocorra um programa como o CsF e torne esse dito como um acontecimento, uma ruptura entre a educação que se fazia nas IES antes e depois da internacionalização. Foucault (2015b, p.98-99) elucida a relação entre arquivo e acontecimento da seguinte forma:

[...] chamarei de arquivo não a totalidade de textos que foram conservados por uma civilização, nem o conjunto de traços que puderam ser salvos de seu desastre, mas o jogo de regras que em uma cultura, determinam o aparecimento e o

desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal de acontecimentos e de coisas.

Logo, o arquivo sobre a internacionalização na civilização ocidental (que é aquela em que o CsF está inserido) de alguma forma determina o acontecimento CsF no Brasil. Esse acontecimento também parte de um dito inserido nesse arquivo sobre espaços com/sem fronteiras. Diante disso, ao nos reportarmos para o enunciado fronteiras, percebemos que esse funciona como um dito para o que posteriormente se desdobrará em sem fronteiras. Para Silva (2007, p.17), fronteiras são

[...] construções. São processos social e historicamente – vale dizer, simbolicamente – produzidos. Devem ser concebidas mais como abertura e atualidade, do que como dado ou acabamento. São locais de mutação e subversão, regidos por princípios de relatividade, multiplicidade, reciprocidade e reversibilidade.

Nessa ideia de fronteira como construção simbólica, Foucault (2008a, p.157), afirma que “território é sem dúvida uma noção geográfica, mas é antes de tudo uma noção jurídico-política: aquilo que é controlado por um certo tipo de poder”. Ao buscar a noção geográfica e associá-la ao poder jurídico-político, Foucault nos fornece elementos para a compreensão do enunciado contemporâneo sem fronteiras cuja inserção nos ditos associa ao que pode ser dito no momento histórico em que acontece o programa CsF.

Esses efeitos de relações regidos ora pela noção de fronteiras ora pela noção do sem fronteiras aproxima o que Foucault (2015b, p.246) chamou de acontecimento ao

[...] pensar o puro acontecimento é dar-lhe de saída sua metafísica [...] O acontecimento - a ferida, a vitória-derrota, a morte – é sempre efeito, inteiramente produzido por corpos que se entrecrocaram, se misturam ou se separam: mas esse efeito jamais é da ordem dos corpos: impalpável, inacessível batalha que gira e se repete mil vezes...

Consequentemente, o acontecimento do programa CsF se instaura na trama da internacionalização nas IES e gera efeitos de encontros e desencontros entre nação, espaços de fronteira e destinos sem fronteiras que, a princípio, não apresentam limites, mas estão direcionados para nações específicas do controle, do poder e do saber.

Um exemplo disso é o uso do enunciado sem fronteiras. Anteriormente ao CsF, na França da década de 70, surgia um grupo humanitário chamado de médico sem fronteiras (Médecins Sans Frontières - MSF). A ação desses indivíduos se espalhou para cerca de 80 países, e, a partir daí, vários empreendimentos utilizaram o mesmo enunciado. Podemos considerar que em determinado momento da história foi possível ter por verdade o enunciado sem fronteiras e aplicá-lo às mais diversas áreas de conhecimento.

O enunciado sem fronteiras também atravessa outros domínios, como os domínios de organizações que atendem pelos nomes de tradução sem fronteiras¹¹, professores sem fronteiras¹², fotógrafos sem fronteiras¹³, engenheiros sem fronteiras¹⁴, químicos sem fronteiras¹⁵, “mundo sem fronteiras¹⁶ e muitos outros campos do saber são atingidos pelo efeito do enunciado sem fronteiras, que reverbera seu dito e refaz, a cada acontecimento, uma singularidade a ser percebida na história.

Desse modo, ao analisarmos o CsF como acontecimento que desencadeia a possibilidade de um novo discurso em relação à internacionalização das IES brasileiras, lembramos as palavras de Navarro (2015, p.198) ao se referir a Veyne: “somente se sai do aquário (o *a priori* histórico) por conta de novos acontecimentos do momento ou pelo surgir de um novo discurso que obteve sucesso”.

Logo, o Programa CsF pode ser considerado um acontecimento histórico e discursivo, pois podemos compreendê-lo como *acontecimentalização*, na medida em que os efeitos que produz rompem com as práticas de internacionalização adotadas até aquele momento pelo campo da política brasileira. Nesse quesito, reforçamos a presença da descontinuidade evocada por Foucault (2014b) quando retomamos noções dos elementos da história da internacionalização das IES na educação superior do Brasil, em que a ordem do discurso evocada por Foucault (2014b) se reveste de descontínuas formas de inserção da internacionalização nas IES brasileiras.

¹¹ Disponível em: < <http://translatorswithoutborders.org/>> Acesso em: 11 dez 2016.

¹² Disponível em: <<http://teacherswithoutborders.org/>> Acesso em: 11 dez 2016.

¹³ Disponível em: <<http://www.photographerswithoutborders.org/>> Acesso em: 11 dez 2016.

¹⁴ Disponível em: < <http://www.ewb-usa.org/>> Acesso em: 11 dez 2016.

¹⁵ Disponível em: < <http://www.chemistswithoutborders.org/>> Acesso em: 11 dez 2016.

¹⁶ Disponível em: < <http://www.wwbfoundation.org/>> Acesso em: 11 dez 2016.

Podemos considerar o Programa CsF como um acontecimento na formação de ensino superior brasileiro, observando o programa CsF como um marco na história do processo de internacionalização das IES. Refletimos sobre a noção de acontecimento histórico com Le Goff (1990, p.33), que afirma que

[...] a contradição mais flagrante da história é sem dúvida o fato do seu objeto ser singular, um acontecimento, uma série de acontecimentos, de personagens que só existem uma vez, enquanto que o seu objetivo, como o de todas as ciências, é atingir o universal, o geral, o regular.

Sendo assim, o CsF pode ser compreendido como um momento único que ficará registrado na história da educação superior, se isso fizer parte das estratégias que configurem os enunciados dos livros de história.

Esse programa está registrado nesse momento discursivo da sociedade brasileira e pode ser lembrado pelo povo brasileiro em seus discursos, pela comunidade acadêmica, fazendo parte da história da internacionalização das IES, se isso representar o poder-saber dos discursos vigentes no futuro (aquário que não nos pertence).

No tocante à lembrança do povo brasileiro, ou seja, na propagação e reinserção do enunciado CsF, no discurso vigente, o olhar é direcionado para o que se chama de estratos de acontecimentos. Pois, além de perceber o acontecimento e reativação ou apagamento do enunciado devemos atentar para as formas de compreensão desses enunciados, os quais não são internalizados e/ou apreendidos por todos da mesma maneira.

Em relação a isso, Foucault (2015b, 305-306) afirma que

[...] na história tradicional, considera-se que os acontecimentos eram o que era conhecido, o que era visível, o que era identificável direta ou indiretamente, e o trabalho do historiador era buscar sua causa ou seu sentido. A causa ou o sentido estavam essencialmente escondidos. O próprio acontecimento era basicamente visível, mesmo se ocorria não se dispor de documentos para estabelecê-lo de uma forma inquestionável. A história serial permite de qualquer forma fazer aparecer diferentes estratos de acontecimentos, dos quais uns são visíveis, imediatamente conhecidos até pelos contemporâneos, e, em seguida, debaixo desses acontecimentos que são de qualquer forma a espuma da história, há outros acontecimentos

invisíveis, imperceptíveis para os contemporâneos, e que são de um tipo completamente diferente.

Observar o acontecimento programa CsF sob a perspectiva da história serial é perceber o limite da compreensão do acontecimento nos diversos estratos de acontecimento. Um exemplo disso é analisar que o alcance do evento CsF para os egressos UTFPR-FB e para os servidores da UTFPR. Naquele momento histórico em que as entrevistas foram narradas, o CsF foi estratificado pelos entrevistados e pela mídia da forma em que dispomos no decorrer da tese.

Esse acontecimento dispersou enunciados, e provocou o que a nosso ver constituiu um acontecimento histórico, pois nem todo acontecimento pode ser visto como histórico, o que é tomado como acontecimento histórico procede da escolha realizada pela/o historiadora/historiador. Nesse caso, divulgado pela mídia, pelas IES, pelo governo federal e relacionado a outros países e governos, o acontecimento CsF circula por vários espaços e se torna regular a partir de sua repetição e reaparição.

Um exemplo de acontecimento histórico é discutido em Voss e Navarro (2013, p. 104) quando defendem a eleição de Lula como acontecimento histórico, a partir daí afirmam que “é evidente, contudo, que uma eleição presidencial é, na sociedade, um evento que recebe grande atenção, principalmente da mídia, e, por isso, se torna um acontecimento histórico”. Nessa conjuntura, relacionar um programa de mobilidade estudantil internacional atinge sujeitos posicionados em diversos extratos da sociedade, também chama a atenção da mídia e assim pode se tornar um acontecimento histórico.

Dessa forma, não é o acontecimento em si que pode ser considerado histórico, mas o fato de que o discurso o restaura e o reinsere em outros momentos. Foucault (2015b, p.301) reflete sobre o papel da história e a noção de acontecimento, propondo a ideia de que

[...] a história se atribuía a tarefa de tornar viva a totalidade do passado nacional. Essa vocação e esse papel da história devem ser agora revisados se quisermos separar a história do sistema ideológico em que ela nasceu e se desenvolveu. Ela deve ser preferencialmente compreendida como a análise das transformações das quais as sociedades são efetivamente capazes. As duas noções fundamentais da história, tal como

ela é praticada atualmente, não são mais o tempo e o passado, mas a mudança e o acontecimento.

Logo, a partir dessa perspectiva, esse trabalho de pesquisa aproxima o acontecimento CsF da voz dos egressos e dos envolvidos no processo do programa CsF na UTFPR-FB, e nessa relação estabelecemos conexão com pontos da história para buscarmos compreender o CsF visto “de baixo”, pela ótica daqueles que assumem funções aparentemente cotidianas na rede da história tradicional. Esses egressos e servidores da UTFPR, a princípio não estariam nas reflexões da história da educação, se não fosse pela metodologia que parte do olhar foucaultiano. Essa análise torna-se uma versão diferente das versões oficiais do programa. Para reforçar essa relação entre o tema acontecimento e história serial, afirma Foucault (2015b, p.304):

[...] tomando um exemplo bastante diferente, de mostrar como certos métodos utilizados atualmente pelos historiadores permitem dar um sentido novo à noção de acontecimento. Há o hábito de dizer que a história contemporânea se interessa cada vez menos pelos acontecimentos e cada vez mais por certos fenômenos amplos e gerais que atravessariam de qualquer forma o tempo e se manteriam, através dele, inalterados. Mas, já há algumas décadas, começou-se a praticar uma história dita “serial”, na qual acontecimentos e conjuntos de acontecimentos constituem o tema central.

Verificar o programa CsF como um acontecimento através da história serial é pensar no descentramento do homem. Para analisar a história sob esse ponto de vista se considera as rupturas/acontecimentos imersos nesse arquivo discursivo sem a centralidade dos homens/mulheres. Nesse aspecto Navarro (2011, p.273) afirma que

[...] com suas análises, Foucault realiza uma desconstrução da história e anuncia o descentramento do homem, ao mostrar que a emergência dos saberes não obedece a uma lógica contínua e evolutiva, mas a uma descontinuidade. Por correlato, a história descontínua exclui qualquer antropocentrismo, uma vez que a sucessão das fases obedece a uma lógica puramente discursiva, sem qualquer referência a um projeto teológico ou a uma subjetividade fundadora. A noção de discurso como acontecimento discursivo deve ser compreendida no horizonte dessa história descontínua e serialista e tendo em vista o descentramento do homem.

Segundo essa reflexão, é possível compreender que um acontecimento discursivo, para surgir como tal, é preciso que seja formulado, é preciso que

um sujeito assumia tal discurso nessa história descontínua e serialista que descentraliza o homem. Seguindo essa linha de pensamento, associamos a internacionalização com a possibilidade de ruptura do padrão de atividades relacionadas somente ao país e com a busca pela verdade de uma constante necessidade de troca de experiências entre os países do mundo. A relação entre a construção dessa verdade e a UTFPR é o que objetivamos discutir na seção seguinte.

2. UTFPR: uma *microarqueogenealogia*¹⁷

Com vistas a chegarmos a uma *microarqueogenealogia* da UTFPR discutimos a arqueologia e a genealogia para atingirmos a arqueogenealogia, de acordo com Foucault (2015a, 2015b, 2015c, 2008a, 2008b, 2014a, 2014b). Assim, relacionamos esses elementos através do recorte das sequências enunciativas que discorrem sobre o ensino técnico e a UTFPR. Em relação à arqueologia Foucault explica que

[...] esse termo [arqueologia] não incita à busca de nenhum começo; não associa a análise de nenhuma exploração ou sondagem geológica. Ele designa o termo geral de uma descrição que interroga o já dito no nível de sua existência; da função enunciativa que nele exerce, da formação discursiva a que pertence, do sistema geral de arquivo de que faz parte. A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo (FOUCAULT, 2014a, p.161).

Destarte, buscamos na História Geral ou serial os documentos/monumentos em relação ao ensino técnico e a UTFPR, analisando *microarqueologicamente* as relações entre eles para elencar as práticas especificadas recortadas nas sequências enunciativas desse interminável arquivo.

Nesse trabalho *microarqueológico*, percebemos a diferença da proposta de Foucault (2014a) da descrição dos acontecimentos discursivos em relação à análise linguística dos discursos. Em Foucault, o discurso não é concebido

¹⁷ Utilizamos o termo *microarqueogenealogia* seguindo a perspectiva de Foucault quando esse utiliza palavras como microfísica e micropoder. Com esse neologismo buscamos demonstrar a impossibilidade de se dar conta do arquivo, discussão essa realizada pelo filósofo Michel Foucault.

somente por meio da relação língua e fala, tal como pensada na visão saussuriana, que considerava a língua como sequência de signos, mas é considerado mais que utilizar esses signos para designar coisas. “É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 2014, p.60). Sobre essa questão Machado (2006, p.156) aponta que

[...] os princípios de análise definidos e ilustrados em *A arqueologia do saber* se relacionam mais com as pesquisas históricas sobre as ciências do homem antes realizados do que com o tipo de análise que os livros seguintes farão sobre o poder ou a subjetividade que Foucault denominará “genealogia”.

Nessa acepção, a ‘escavação’ *microarqueogenalógica* é o processo que faz sentido para analisar os enunciados recortados para o *corpus* dessa tese. Ainda sobre esse aspecto, é dito que:

[...] chamaria de genealogia uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história (FOUCAULT, 2008a, p.7).

Desse modo, ao situar a genealogia no mirante de uma história sem marcos, sem heroínas ou heróis Foucault retira do foco a centralidade da referência aos sujeitos da história e abre possibilidades para outras relações.

Desse modo, verificamos que o trabalho genealógico nos aproxima das relações entre o poder-saber. Sendo assim, traçamos o que chamamos de *microarqueogenalogia* da UTFPR e trabalhamos com o que Foucault (2008a, p.15) denomina genealogia, considerando que ela é “cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos”. Logo, sem buscarmos um sujeito fundante da instituição, nem o ponto zero de sua criação, mas através da história serial rastreamos traços *microarqueogenalógicos* relacionados ao ensino técnico e à UTFPR. Chamamos esse processo de *microarqueogenalogia*, pois sabemos da limitação do alcance desse trabalho em comparação ao proposto pelo filósofo e ao trabalho desenvolvido nessa pesquisa.

Consideramos assim, a *microarqueogenealogia* como metodologia de trabalho para nossa pesquisa, lembramos do que Veiga-Neto (2014, p.115) julga sobre o alcance desses domínios,

[...] se no primeiro domínio – o do ser-saber, cujo método é a arqueologia – Foucault se ocupou centralmente em analisar as gêneses e as transformações dos saberes no campo das Ciências Humanas, no segundo domínio – o do *ser-poder*, trabalho pela genealogia – o que ele procura é descrever o surgimento dos saberes.

Assim sendo, verificamos que nessa pesquisa o poder e saber atravessam o campo da educação e, através das sequências enunciativas elencadas buscamos compreender o programa CsF como um acontecimento discursivo. Fisher (2012, p.95) tece observações em relação ao discurso e sua análise, da seguinte forma,

[...] partindo do pressuposto de que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, o que afirmo aqui, com base em Foucault, é que determinado objeto [...] existe sob condições “positivas”, na dinâmica de um feixe de relações; e que há condições de aparecimento histórico de um determinado discurso, relativas às formações não discursivas (instituições, processos sociais e econômicos). Tudo isso pode ser apreendido e descrito a partir dos próprios textos: a partir deles, é possível destacar as regras pelas quais o jogo de relações entre o discursivo e o não discursivo, em uma determinada época, faz aparecer aquele objeto e não outro, como objeto de poder e saber.

Nesse jogo, que determina o que é evidenciado ou não no discurso, faz da *microarqueogenealogia* do ensino técnico relacionado à UTFPR possibilidade para analisar as relações entre o discursivo (das entrevistas, dos documentos, etc) e não-discursivos (instituições envolvidas no processo).

Aproximando-nos da *microarqueogenealogia* da UTFPR¹⁸, percebemos que essa instituição não foi sempre uma universidade. Se nos inclinarmos ao olhar *microarqueogenalógico* foucaultiano observamos na criação da instituição o período que a história tradicional chama de Brasil República. Consideramos

¹⁸ De acordo com o sítio da UTFPR, esta instituição foi fundada em 1909, como Escola de Aprendizes Artífices. Em 1937 passou a ser o Liceu Industrial do Paraná. No ano de 1942 tornou-se Escola Técnica de Curitiba (ETC), de 1959 até 1977 sua denominação era Escola Técnica Federal do Paraná (ETFPR), de 1978 até 2005 foi o Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (CEFETPR) e a partir de 2005 passou a ser a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

nas SEs que seguem questões como trabalho, escravização e ensino técnico/tecnológico.

SE1- Considerando: que o **aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades** sempre crescentes da lucta pela existencia: que para isso se torna necessario, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o **indispensavel preparo tecnico e intelectual, como faze-los adquirir habitos de trabalho proficuo, que os afastara da ociosidade ignorante, escola do vicio e do crime**; que é um dos primeiros deveres do Governo da Republica formar codações uteis à Nação: **Decreta: Art. 1º. Em cada uma das capitaes dos Estados da Republica o Governo Federal manterá, por intermedio do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio, uma Escola de Aprendizizes Artifices, destinada ao ensino profissional primario gratuito.** (Decreto N^o 7.566, de 23 de setembro DE 1909)¹⁹

SE2 - Com a **transferência da CBAI (Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial)**²⁰ para a Escola Técnica de Curitiba, **todo o material gráfico produzido pela Comissão passou a ser publicado pela gráfica da Instituição.** Uma apostila voltada para o ensino da tipografia foi então composta, paginada e impressa pelos alunos da 1ª e 2ª séries da ETC. (CBAI – sítio UTFPR)

SE3 - **O estreitamento das relações entre o Brasil e os Estados Unidos dá, frequentemente, margem aos mais diferentes comentários.** Não só aqui, como por certo, até naquele país amigo esse fenômeno é, também observado. **Nada como o tempo para evidenciar as intenções e apresentar os fatos despidos de falsas aparências.** (Nossa página: Brasil – Estados Unidos. Ano VIII, Jornal Labor²¹, 1947)

SE4 - **Art. 2 A UTFPR reger-se-á pelos seguintes princípios: I - ênfase na formação de recursos humanos, no âmbito da educação tecnológica, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, para os diversos setores da economia, envolvidos nas práticas tecnológicas e na vivência com os problemas reais da sociedade, voltados, notadamente, para o desenvolvimento socioeconômico local e regional.** (Lei da criação da UTFPR - Lei nº 11.184, de 07 de outubro de 2005).

¹⁹ Todos documentos antigos utilizados neste trabalho não sofreram correção da grafia.

²⁰De acordo com Novaes (2009, p.1) “A Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI) foi um programa de cooperação educacional mantido pelos governos do Brasil e dos Estados Unidos da América que iniciou suas atividades no Brasil em 1947 na capital da República, o Rio de Janeiro. Dez anos depois, mas precisamente em fevereiro-março de 1957 a CBAI transferia o Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores para a Escola Técnica Federal do Paraná”.

²¹ De acordo com o sítio da UTFPR “A revista Labor, lançada em abril de 1940, teve dezenove números publicados até novembro de 1947. Criada como órgão oficial da Escola de Aprendizizes Artífices do Paraná, Labor também foi o veículo de comunicação impressa do Liceu Industrial do Paraná e da Escola Técnica de Curitiba. [...]. No último número, a revista Labor informa sobre as ações da CBAI, no Brasil registrando, com fotos, os professores da Escola Técnica de Curitiba contemplados com bolsas de estudos para estágios nos Estados Unidos.

SE5 - Quem quiser comprar hum mulato official de Marcineiro, que sabe fazer carros e rodeiros para carroças e seges, e também exercitalo em lambica agoardente, e fazer assucar, procure seu dono, que mora em *Mattacavalos*, na esquina da rua dos Invalidos, na caza em que esteve o Quartel General. (Aviso – Gazeta do Rio de Janeiro²², n.56, quarta-feira, 1º de julho de 1820).

Verificamos que a questão do trabalho funciona como regularidade desde o Brasil República até os dias atuais. As regras que parecem levar a esse jogo discursivo, que posiciona o ensino técnico como possibilidade para discussão dos problemas educacionais da sociedade brasileira, são constituídas de dois elementos: relações internacionais entre Brasil e Estados Unidos e ensino técnico/tecnológico.

Com essa *microarqueogenealogia*, notamos o atravessamento do campo econômico como uma espinha dorsal que, na dispersão, mantém as regras da educação para o trabalho manual/ técnico/tecnológico como mola propulsora ao encaminhamento educacional de parte da população.

Em relação aos estratos de acontecimentos vistos anteriormente e à *microarqueogenealogia* da UTFPR constatamos a relação da criação da UTFPR com vários acontecimentos que se tornaram visíveis na história (como as instituições anteriores à UTFPR) e imperceptíveis (como as relações internas, a influência da CBAI, o jogo de forças poder-saber à época da lei da criação da escola de aprendizes artífices). Nessa perspectiva, conforme Foucault (2008a, p.5)

[...] não se trata de colocar tudo num certo plano, que seria o do acontecimento, mas de considerar que existe todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos. O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os

²² De acordo com o sítio da Biblioteca Nacional o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro* foi "lançada a 10 de setembro de 1808, no Rio de Janeiro (RJ), a *Gazeta do Rio de Janeiro* foi o órgão oficial do governo português durante a permanência de Dom João VI no Brasil. Tendo circulado às quartas-feiras e aos sábados, ou seja, como bi-hebdomadário, foi editada primeiro pelo frei Tibúrcio José da Rocha e, depois, redigida pelo primeiro jornalista profissional do Brasil, Manuel Ferreira de Araújo Guimarães. Precursora do *Diário Oficial da União*, foi o segundo jornal da história da imprensa brasileira, sendo, no entanto, o primeiro a ser redigido e publicado totalmente no Brasil, pela Impressão Régia, com máquinas trazidas da Inglaterra – o primeiro periódico nacional, o *Correio Braziliense*, editado por Hipólito José da Costa em postura contrária à Coroa, foi lançado cerca de três meses antes, totalmente editado em Londres".

ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros.

Sendo assim, a relação entre o acontecimento CsF que introduz o princípio da internacionalização na graduação das IES brasileiras e outros acontecimentos que circundam o CsF (como acordos de dupla diplomação entre instituições brasileiras e estrangeiras; editais de apoio à internacionalização; eventos científicos discutindo a internacionalização), não têm o mesmo efeito e nem atingem a todas/todos da mesma forma. Desse modo, atentamos para a função poder-saber da mídia em relação à influência de participação no alcance e para efeito dos acontecimentos e como consequência as relações de escalonamento que determinam o que é e o que não é importante para determinadas funções que são preenchidas por sujeitos que detêm posições conjunturais de poder-saber (como as manchetes no sítio CsF, nos jornais impressos e online; imagens de destaque nas revistas; propagandas da TV aberta e fechada; temáticas escolhidas para filmes, documentários, entrevistas). Por esse ângulo, o CsF projeta efeitos de verdade e de falsidade em camadas que podem ser mais superficiais ou mais profundas, dependendo da percepção e das relações de poder-saber em que o sujeito está inserido.

Desse modo, percebemos alguns fatores responsáveis por rupturas, tais como: a) O processo de abolição da escravatura que rompeu com o trabalho manual/técnico escravizador como está marcado na SE5. Nesse seguimento, observamos o trabalho manual/técnico associado aos escravizados antes do processo abolicionista e, depois, esse tipo de trabalho passa a ser relacionado ao ensino técnico/tecnológico que não necessariamente se envolve com a produção de conhecimento, mas com a realização do trabalho; b) As políticas de colonização brasileira pós-abolição e o trabalho profissionalizante como um modo de manter a sociedade sob controle representada na SE1.

Nesse ponto de vista, contemplamos um momento histórico em que as políticas de branqueamento no Brasil estimularam a vinda de povos não negros para ocuparem a função de sujeitos trabalhadores/estudantes da área técnica como elos da sociedade de controle; c) A cooperação educacional entre Brasil e EUA representada pela Comissão Brasileira-Americana de Educação

Industrial (CBAI) no Brasil, especificamente no estado do Paraná na antiga Escola Técnica de Curitiba, local precursor da UTFPR como mostram as SEs 2 e 3. Nesse cenário, o aparecimento da CBAI junto à Escola Técnica de Curitiba consolida a influência dos EUA no ambiente educacional técnico do estado do Paraná, fato esse que, na descontinuidade ressurgiu, por exemplo, com o programa CsF na UTFPR com o envio de acadêmicos para as instituições americanas.

Além disso, vale lembrar que a influência norte-americana também ocorreu devido ao pós-segunda guerra mundial. Segundo Amorim (2007, p.168)

[...] a partir da nova conjuntura advinda com o pós-guerra, baseada na divisão do mundo em dois blocos opostos, e com o alinhamento do Brasil no bloco liderado pelos E.U.A., há um crescimento da influência estadunidense no Brasil, através da divulgação do *american way of life*²³, tão bem expressado na ideologia do americanismo.

Esse evento parece colaborar para a inserção da construção de verdade do modo de vida americano em solo brasileiro, influência que se constrói em diversos campos; d) A mudança de status do CEFETPR para UTFPR na SE4. Nesse âmbito, de acordo com Leite (2010), a UTFPR foi a primeira universidade tecnológica do Brasil e em termos de acontecimento, esse processo de tornar o CEFETPR em UTFPR, se deu para fortalecer a tradição brasileira de 500 anos de ensino técnico/tecnológico. Foucault (2015b, 308) reconhece que

[...] na raiz do tempo da história não há alguma coisa como uma evolução biológica que englobaria todos os fenômenos e todos os acontecimentos; há, na verdade, durações múltiplas, e cada uma delas é portadora de um certo tipo de acontecimento. É preciso multiplicar os tipos de acontecimentos como se multiplica os tipos de duração.

Destarte, verificamos haver nas rupturas descritas acima uma multiplicidade de tipos de acontecimentos com durações múltiplas cujos efeitos produziram outros acontecimentos e alimentaram a trama descontínua da história serial.

²³ modo de vida americano.

Outra questão a ser pontuada é a produção gráfica de material confeccionada pelo CBAI na SE2 como apostilas a serem utilizadas em cursos ministrados para formação de profissionais, além de regulamentos, normas e diretrizes que vigiam e regulam o governo institucional. Foucault (1999, p.199) afirma que

[...] é o problema das grandes oficinas e das fábricas, onde se organiza um novo tipo de vigilância. É diferente do que se realizava nos regimes das manufaturas do exterior pelos inspetores, encarregados de fazer aplicar os regulamentos; trata-se agora de um controle intenso, contínuo; corre ao longo de todo o processo de trabalho; não se efetua — ou não só — sobre a produção (natureza, quantidade de matérias-primas, tipo de instrumentos utilizados, dimensões e qualidades dos produtos), mas leva em conta a atividade dos homens, seu conhecimento técnico, a maneira de fazê-lo, sua rapidez, seu zelo, seu comportamento. Mas é também diferente do controle doméstico do mestre, presente ao lado dos operários e dos aprendizes; pois é realizado por prepostos, fiscais, controladores e contramestres. À medida que o aparelho de produção se torna mais importante e mais complexo, à medida que aumentam o número de operários e a divisão do trabalho, as tarefas de controle se fazem mais necessárias e mais difíceis. Vigiar torna-se então uma função definida, mas deve fazer parte integrante do processo de produção; deve duplicá-lo em todo o seu comprimento.

Partindo dessa citação, examinamos a proximidade das palavras de Foucault (1999) com os governos brasileiro e americano em torno do ensino técnico e a permanência da CBAI nas dependências da ETC regulando e vigiando a produção de materiais, a condução dos professores e alunos da instituição. Constatamos isso nas SEs 2 e 3 que o CBAI estava presente na produção dos materiais didáticos. As relações EUA-Brasil se fortaleceram nesse sentido.

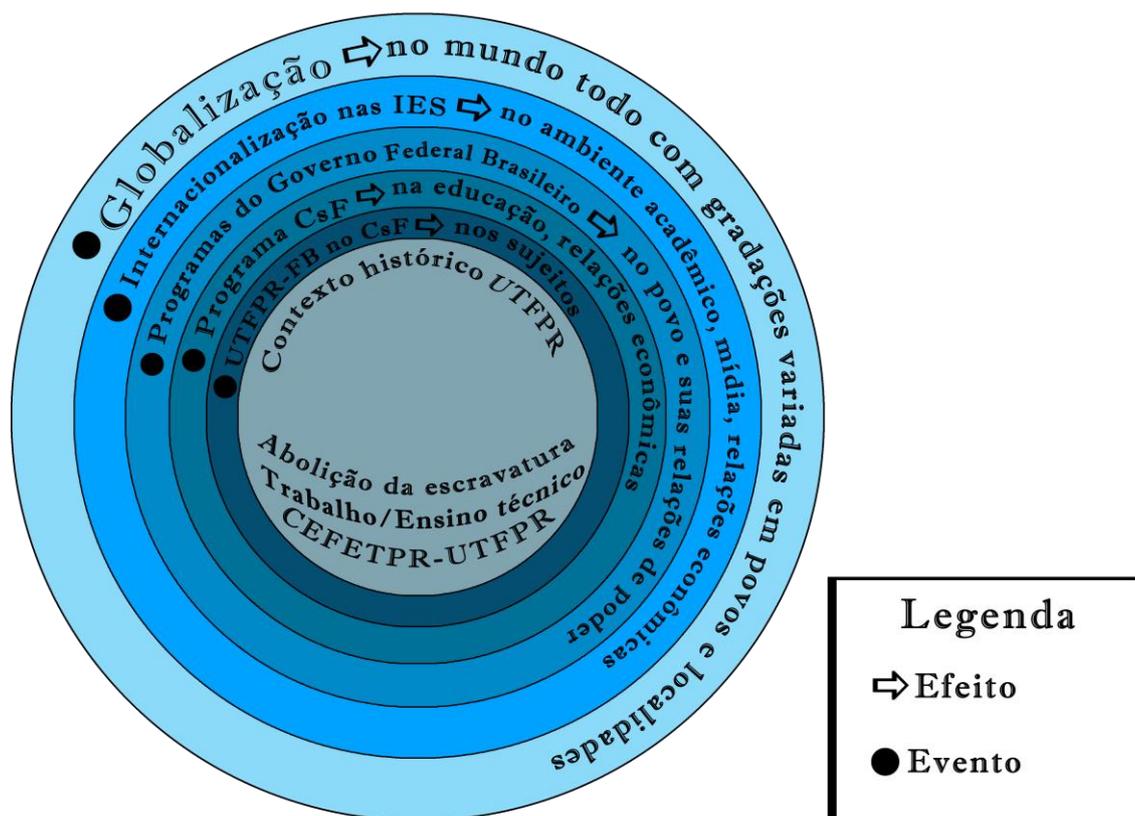
Todas essas rupturas/acontecimentos operaram efeitos de verdade diversos e novas práticas discursivas foram estabelecidas em cada época histórica representada nos recortes das sequências. Na ruptura/acontecimento do CEFETPR para UTFPR figurada na SE4 ainda podemos verificar a tecnologia incorporada na educação massificada para as populações. Essa condução das populações está associada ao biopoder, que para Castro (2017,

p.69) são “dois eixos do biopoder: as disciplinas (o governo do corpo dos indivíduos) e a biopolítica (o governo da população) ”.

Assim, verificamos que na ruptura CEFETPR para UTFPR se tem a manutenção das práticas escolares atreladas ao técnico/tecnológico que vêm alimentar a mesma função em outros países como no caso do acontecimento programa CsF.

Desse modo, nesse capítulo pudemos visualizar o programa CsF como um acontecimento discursivo atrelado a outros elementos como mostra o quadro 2 por ordem de intensidade na relação eventos e seus efeitos:

Quadro2: Resumo acontecimento CsF



Fonte: a autora
Arte: Helena Lingnau

Ao observarmos o quadro 2, verificamos a abrangência, ou o escalonamento em relação ao acontecimento específico do programa CsF. Cada um dos itens representa alcances diferentes e provoca efeitos desiguais. O fato é que a singularidade do CsF como acontecimento está imersa no

discurso da globalização que repercute o discurso da internacionalização nas IES.

Esse discurso ecoa nos programas de governo federal brasileiro que instituem o acontecimento CsF. A partir desse acontecimento, a UTFPR-FB se insere no mundo globalizado e leva o nome da UTFPR-FB para vários países do mundo, reverberando o regime de verdade sobre a internacionalização, o qual torna possível o acontecimento CsF.

Desse modo, notamos que a sociedade contemporânea por si só não dá conta de explicar discursos como o da internacionalização, por exemplo. A esse respeito, vale registrar as palavras de Foucault (2008a, 2008b, 2014a, 2014b), autor que propõe olhar para a história como uma história serial e “captar” rupturas que criem efeitos de verdade para suas versões dos enunciados.

Ainda, nesse capítulo, associamos o acontecimento programa CsF à *microarqueogenealogia* da UTFPR. Por ter uma história centenária desde seu início como instituição de ensino técnico, o acontecimento da abolição da escravatura rompeu com o trabalho escravizado e substituiu esse tipo de mão de obra pelo técnico. A formação técnica se fez em escolas de ensino técnico, o que, no caso da história do CEFETPR se transforma em universidade, a única tecnológica do Brasil. A relação nos leva a compreender o acontecimento discursivo CsF nos limites do regime de verdade sobre a internacionalização que faz emergir, em ritmo descontínuo, a possibilidade de levar e buscar relações de poder-saber em outros países através da UTFPR.



Fonte: [jornalistadanielsoares](http://jornalistadanielsoares.com) /²⁴

CAPÍTULO 3 - DISPOSITIVOS DE GOVERNAMENTALIDADE: PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS, LÍNGUA ESTRANGEIRA INGLESA E GLOBALIZAÇÃO

Ao abrimos o capítulo com a imagem de Obama e Dilma, vinculamos o programa CsF aos seguintes dispositivos de governamentalidade: programa CsF, língua estrangeira inglesa e globalização, os quais transitam em relação à UTFPR-FB, modalidade graduação em um movimento que percorre as relações de poder-saber reguladas nas redes macro e micro. Para tanto, relacionamos esses dispositivos com momentos da história serial conceituamos e governamentalidade e dispositivo a partir de Foucault (1999, 2008a, 2008b, 2014a, 2014b, 2015a) e articulamos os dispositivos com o *corpus* selecionado para o trabalho fazendo menção ao biopoder (disciplina e biopolítica).

Dessa forma, para contextualizarmos o evento CsF observamos no blog do planalto o título da notícia de 05 de fevereiro de 2011: “Visita de Barack Obama ao Brasil simboliza parceria estratégica com os Estados Unidos”. Ao

²⁴ Disponível em <<http://jornalistadanielsoares.blogspot.com.br/2011/02/barack-obama-chega-ao-brasil-em-marco.html>> Acesso em 01 nov. 2016.

continuarmos a leitura da entrevista com o assessor-chefe da Assessoria Especial da Presidenta da República, Marco Aurélio Garcia percebemos que

[...] esse momento é a oportunidade da discussão de aspectos políticos não só no âmbito bilateral, mas também no âmbito multilateral, já que “os Estados Unidos são um país de uma presença no mundo extraordinária – praticamente não há questão internacional na qual eles não estejam presentes – e o Brasil, evidentemente, quer expor os seus pontos de vista” - (BRASIL, 2011a, p.1).

Partindo de elementos discursivos de uma FD, em que o sujeito se posiciona a partir do olhar do governo federal, observamos o valoramento positivo das relações entre o Brasil e os EUA. Quanto a isso, Knobel²⁵ (2011, p. 1) relaciona a criação do CsF às negociações entre Obama e Rousseff, quando afirma que

[...] apenas alguns dias depois da visita oficial do presidente americano Barack Obama em março de 2011, a presidente brasileira Dilma Rousseff anunciou que era uma prioridade máxima do governo enviar pelo menos 75.000 estudantes universitários para passar um tempo em instituições de ensino superior americanas. Hoje, é estimado que existem aproximadamente 8.800 brasileiros matriculados em campus americanos, o maior grupo estrangeiro²⁶.

Esses dados mostram um pouco os bastidores de uma possível versão do que foi o início do programa CsF. Mais adiante, Knobel (2011, p.2) associa o CsF com o programa americano ‘100.000 Strong Initiative’ (Fortes como 100.000), ele assevera que o CsF

[...] está certamente relacionado ao chamado 100.000 Strong Initiative’ (Fortes como 100.000), considerado ser um

²⁵ De acordo com o sítio do lattes, disponível em <<http://lattes.cnpq.br/3557992461593136>> Marcelo Knobel é diretor do Laboratório Nacional de Nanotecnologia (LNNano) do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais (CNPEM). É professor titular do Departamento de Física da Matéria Condensada do Instituto de Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi Pró-Reitor de Graduação da UNICAMP de 2009 a 2013, sendo responsável, entre outras ações, pela implantação do Programa Interdisciplinar de Educação Superior (ProFIS), que alia inclusão social com formação geral. Para justificarmos as linhas de rodapé em relação aos sujeitos citados lembramos de Fisher (2001,p.208) que diz que Foucault elabora perguntas ao refletir sobre os enunciados produzidos por sujeitos: “Quem fala? Qual o status do enunciador? Como seu papel se constitui juridicamente? Como se relaciona hierarquicamente com outros poderes além do seu? Como é realizada sua relação com outros indivíduos no espaço ocupado por ele. Também cabe indagar sobre o lugar de onde fala, o lugar específico no interior de uma dada instituição, a fonte do discurso daquele falante, e sobre a sua efetiva posição de sujeito suas ações concretas, basicamente como sujeito incitador e produtor de saberes” Nesse sentido algumas vezes explicitamos o lugar institucional do sujeito citado.

²⁶ a tradução livre foi realizada por Carina M. Lingnau.

componente chave da agenda administrativa de política estrangeira. Assim, existiria um esforço coordenado designado para aumentar drasticamente o número e diversificar a composição dos estudantes americanos estudando na China. Semelhante ao caso brasileiro, esta iniciativa está impregnada por sérias preocupações em relação à realização de tamanho objetivo. Entretanto, contrário ao caso brasileiro, a administração de Obama está apresentando muito esforço mas nenhum dinheiro, alegando que o apoio financeiro para o esforço é necessário a partir de fontes privadas.²⁷

Esse programa americano, mencionado na citação acima: Fortes como 100.000, foi um projeto em que as relações com a China estavam sendo motivadas para que mais alunos americanos fossem estudar naquele país. No caso do Brasil, o apelo de internacionalizar com o programa CsF está sendo motivado por interesses externos às necessidades e às possibilidades econômicas do CsF. Uchoa (2012, p.1) tece o seguinte comentário sobre as trocas entre os países (Brasil e EUA):

[...] a intensa agenda educacional responde diretamente aos esforços, no norte e no sul do continente, para agregar valor à relação bilateral das duas principais economias hemisféricas. As trocas entre Brasil e Estados Unidos somaram US\$ 60 bilhões em 2011 e corresponderam a cerca de 12% do total de intercâmbios do Brasil com o mundo. "As exportações de produtos de maior valor agregado para os Estados Unidos crescem e contribuem para o resultado positivo do nosso comércio". A expectativa é de que o maior volume de intercâmbios educacionais reforce esta dinâmica. No curto prazo, as iniciativas reforçariam a "conta" americana de educação e treinamento, que já estão na lista dos dez principais produtos de exportação dos Estados Unidos. Há mais de 690 mil estudantes estrangeiros matriculados nas universidades americanas, que contribuem com um valor estimado em US\$ 21 bilhões para a economia, entre gastos com mensalidades e custeio de vida. Estima-se que os brasileiros contribuam com US\$ 257 milhões deste total.

Nesse sentido, o discurso das relações entre os dois países é reforçado e mais uma vez observamos que, dependendo dos elementos da FD que o sujeito enunciativo esteja inserido, temos a internacionalização das instituições de ensino superior (IES) referenciadas sob pontos de vista muito diferenciados.

²⁷ tradução livre realizada por Carina M. Lingnau.

Ao comparar a educação brasileira com a educação de outros países Schwartzman²⁸ (2012, p.28) certifica que

[...] comparações internacionais revelam que a educação brasileira permanece isolada. Diferentemente de outros países, onde as famílias enviam seus filhos para cursos de graduação no exterior (asiáticos liderando as estatísticas), poucos brasileiros vão estudar fora com recursos próprios. Comparado com China, Índia e Coreia, o Brasil ainda tem um fluxo limitado de intercâmbios com o exterior. O número de professores e pesquisadores estrangeiros no país é pequeno. Todos os cursos superiores e mesmo de pós-graduação são dados em português e, embora o inglês seja cada vez mais requerido, o número de pessoas fluentes em língua estrangeira no país é muito reduzido. Portanto, todo esforço no sentido de reduzir o isolamento da educação, da ciência e da tecnologia em nosso país é muito bem-vindo e deve ser apoiado.

Esse discurso sobre a importância da fluência em língua estrangeira e inserção de pesquisadores brasileiros em IES estrangeiras corrobora com o projeto CsF. Quanto às áreas de interesse do Programa CsF, a UTFPR está inserida no perfil delimitado pelo Programa. Brasil (2012a):

[...] a Estratégia Nacional para Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI) destaca a importância da ciência, a tecnologia e a inovação (C,T&I) como eixo estruturante do desenvolvimento do País e estabelece diretrizes que irão orientar as ações nacionais e regionais no horizonte temporal de 2012 a 2015.

Sendo assim, percebemos que as áreas da Ciência e Tecnologia são as prioridades do governo brasileiro em termos de urgência. Entre as críticas atribuídas ao CsF, uma é apresentada em forma de notícia,²⁹ na qual Simon Schwartzman salienta que

[...] o programa não foi bem pensado. Foi lançado às pressas. O governo obrigou as agências a implementá-lo, mas não houve uma análise cuidadosa sobre como isso seria feito. Quando, de repente, se cria um programa com metas quantitativas muito altas e se muda de maneira drástica o perfil do aluno beneficiado, surgem os problemas que estão se evidenciando agora.

²⁸ Simon Schwartzman é pesquisador do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade no Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em políticas sociais, atuando principalmente nos seguintes temas: política comparada, educação superior, ciência e tecnologia, educação, e sociologia da ciência. É membro da Academia Brasileira de Ciências.

²⁹ Disponível em: < <http://www.dw.com/pt-br/na-metade-da-vida-ci%C3%Aancia-sem-fronteiras-%C3%A9-criticado-por-m%C3%A1-gest%C3%A3o/a-17474927>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

Nessa perspectiva, o processo de governamentalidade no qual o CsF se constrói, se faz em meio aos dispositivos de governamentalidade que circundam e acionam as relações de poder-saber que se estabelecem na dispersão. Para buscarmos uma melhor compreensão sobre governamentalidade e dispositivo, encaminhamo-nos para a próxima seção do trabalho.

1. Governamentalidade

Ao longo do trabalho, para compreendermos a governamentalidade buscamos referencial teórico em Foucault (2015, 2008, 2014) e em comentadores, tais como Veiga-Neto (2002, 2004, 2009, 2009a), Veyne (2011), Lemke (2007), entre outros.

Ao relacionarmos a governamentalidade com a educação, fundamentamos o trabalho em Amos (2010), Fimyar (2009), Noguera-Ramírez (2011), Veiga-Neto e Saraiva (2011), entre outros. Foucault (2008, p.291-292) destaca três significados para o termo governamentalidade:

1 – o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança.

2 – a tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros –soberania, disciplina, etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes.

3 – resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado.

Essa competência de reflexão em torno de um verbete desenvolve a capacidade de assimilar a não possibilidade de rotular a governamentalidade em apenas uma palavra. Foucault, ao pontuar no momento da citação acima três elementos que se interligam, afasta a restrição do termo governamentalidade apenas como o ato de governar. Podemos observar esse fato nas seguintes palavras do autor:

[...] governante pode ser chamado qualquer monarca, imperador, rei, príncipe, senhor, magistrado, prelado, juízes e

semelhantes [...] de governar se lembram com regularidade que se diz, igualmente, governar uma casa, crianças, almas, uma província, um convento, uma ordem religiosa, uma família (FOUCAULT, 2015a, p.288).

Desse modo, Foucault diferencia a governamentalidade do governante e do ato de governar. Essa distinção é importante para deixar claro as especificidades de cada termo. A esse respeito, ou seja, no tocante ao léxico utilizado por Foucault, Veiga-Neto (2002) mostra uma preocupação com o que ele entende como sendo o uso correto das palavras relacionadas ao termo governamentalidade, como segue: *governo*³⁰ está para governar/executar uma ação; *governo* está presente quando o sentido é de Governo municipal, estadual, da República; *governamentalidade* é adotada como tradução do conceito *gouvernementalité*. Fimyar (2009, p.38) oferece uma versão sobre um possível detalhamento do termo governamentalidade:

[...] ao fundir o governar (*gouverner*) e a mentalidade (*mentalité*) no neologismo *governamentalidade*, Foucault enfatiza a interdependência entre o exercício do governo (práticas) e as mentalidades que sustentam tais práticas. Em outras palavras, a governamentalidade pode ser descrita como o esforço de criar sujeitos governáveis através de várias técnicas desenvolvidas de *controle*, *normalização* e *moldagem* das condutas das pessoas.

Esse esforço de criar sujeitos governáveis, do qual se ocupa Fimyar ao detalhar o neologismo governamentalidade, é objeto de interesse do analista ao utilizar a arqueogenealogia e o governo de si e do outro para refletir sobre campos específicos da sociedade, no caso dessa pesquisa buscamos refletir sobre o campo da educação.

Resende (2015, p.270) ressalta que “o conceito de governamentalidade é crucial para podermos entender como se deram as articulações entre o Estado moderno e as instituições de cunho educativo”.

³⁰ Nas palavras de Lemke (2007, p.17) * “a análise do governo para Foucault combina a “microfísica do poder” que permanece centrada em questões de disciplina e normatização com a questão macro-política do Estado”. * Todas as traduções da língua inglesa para a portuguesa dessa referência foram elaboradas por Carina M. Lingnau.

Nessa perspectiva, para saber se a noção de governamentalidade ainda é relevante atualmente, Lemke³¹ ao ser entrevistado atesta que

[...] a noção de governamentalidade foi assumida por muitos estudiosos de diferentes países e contextos. Eles estavam à procura de um instrumento analítico que fosse capaz de explicar as transformações radicais que alteraram os regimes de bem estar nas sociedades neoliberais. Não simplesmente em termos de detecção de ideologias políticas abstratas que assumiram, mas sim em termos de realização empírica de análises concretas em domínios específicos da sociedade: que racionalidades emergiram neste ou naquele campo, quais tecnologias têm substituído as mais velhas, e como exatamente eles são informados, que objetivos que pretendem atingir e quais são os meios que são colocados em prática, e assim por diante. Nestes termos, a governamentalidade revela-se uma ferramenta analítica útil, mas também instrumento muito útil para a crítica social (BAELE & LEMKE, 2008, p.1-2).

Por esse ângulo, verificamos a governamentalidade como ferramenta e instrumento útil para a elaboração de crítica social através de análise concreta de *corpus* integrado na dispersão, como é o caso do CsF. Bacca et al (2004, p.161-162) manifestam a compreensão de Foucault sobre governo e sustentam que “a compreensão dele é, em primeiro lugar, arqueológica.

Ele sempre vai buscar nas sociedades anteriores, em muito tempo atrás, qual é a lógica constitutiva de “governar e ser governado”. Sendo esse programa uma ação do governo federal para a população acadêmica relacionada às IES, podemos considerá-lo uma forma de governo não só do indivíduo, mas da população.

No desenvolvimento da noção de governamentalidade, Foucault (1988, p.149) discute sobre a biopolítica em termos de “um poder que se exerce, positivamente, sobre a vida, que empreende sua gestão, sua majoração, sua multiplicação, o exercício, sobre ela, de controles precisos e regulações de conjunto”.

Nesse aspecto, o gerenciamento das políticas públicas em prol da mobilidade acadêmica para o exterior, reuniu um conjunto de acadêmicos e IES a serviço de um capital humano que atua em um sistema de governamentalidade de populações acadêmicas que são particularizadas,

³¹ A tradução livre foi realizada do inglês para o português por Carina M. Lingnau.

selecionadas e enviadas para fora do país através da demarcação temporal de aproximadamente um ano para o caso do CsF.

Essa organização de populações está relacionada com o biopoder, o qual “Foucault divide [...] em dois eixos: as disciplinas [o governo do corpo dos indivíduos] e a biopolítica [o governo da população] (CASTRO, 2017, p.69)

O programa CsF concernente ao campo educacional está imerso no biopoder ao alocar as disciplinas do sistema educacional básico aos corpos que, futuramente no sistema educacional do ensino superior, estão sob o programa de biopolítica, que faz uso da internalização do biopoder escolar e reserva programas como o CsF para fortalecer o discurso da internacionalização. Foucault (1999, p.110) afirma:

[...] o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

Sendo assim, a docilização dos corpos, isto é, o disciplinamento para que os sujeitos se aproximem da ‘verdade’ sobre a importância da internacionalização nos mais diversos campos de conhecimento, faz do biopoder uma disciplina a serviço do CsF. Nesse viés de análise, essa biopolítica, vista aqui, como um governo de políticas que internacionalizam grupos de corpos, põe em funcionamento aquilo que Foucault sintetiza, quando usa a expressão “o corpo humano entra numa maquinaria de poder”.

Essa maquinaria utilizada como metáfora foucaultiana pode ajustar no caso do CsF poderes políticos, educacionais e governamentais. Nessa direção,

Amos (2010, p.27) explicita relações entre política, educação e governo quando afirma que

[...] ao pensar nas relações educativas modernas, especialmente na forma dos sistemas educacionais, é o neoinstitucionalismo³² sociológico que proporciona alguns dos mais profundos insights para o entendimento da relação entre o Estado e "seu" sistema educacional. Em outras palavras, é inegável o mérito do neoinstitucionalismo macrossociológico, fenomenológico, ao introduzir aspectos das estruturas relacionais entre a política, i.e., o Estado-nação, e a pedagogia.

Para exemplificarmos esse aspecto neoinstitucionalista na relação de governamentalidade, constatamos essa vinculação entre o Estado brasileiro e sistema educacional universitário em circulação no Brasil, através do sítio da UTFPR³³ em notícia afirmando que

[...] a UTFPR está entre as 50 melhores instituições de ensino superior do Brasil, segundo o Ranking Universitário da Folha de São Paulo (RUF) divulgado nesta segunda-feira (19). O levantamento existe há cinco anos e classifica as universidades a partir de 5 indicadores: pesquisa, ensino, mercado, inovação e internacionalização. Em uma escala de 0 a 100, a UTFPR foi pontuada com a nota final de 65,1, calculada com as seguintes notas de cada indicador: 26,2 na Pesquisa (em escalada de 0 a 40); 24,32 no Ensino (em escala de 0 a 32); 9,72 no Mercado (em escala de 0 a 18); 1,8 na Internacionalização (em escala de 0 a 6); 3,06 na Inovação (em escala de 0 a 4); e 3,43 no Índice Geral de Cursos do MEC (em escala de 0 a 5). Já na avaliação individual por curso, destacaram-se as engenharias de Controle e Automação (8º lugar), Mecânica (11º lugar) e Elétrica (16º lugar). A avaliação dessas carreiras é feita com base em uma média das notas dos cursos de todos os câmpus da UTFPR.

Podemos analisar esses *rankings* como aproximações do que Foucault (2008a) chama de controle, e essa fiscalização numérica não necessariamente está relacionada com a qualidade educacional. Esse gerenciamento da educação, medido por indicadores associados aos itens: pesquisa, ensino,

³²De acordo com o blog de Sociologia Política de Adriano Codato (2006), o novo institucionalismo pode ser "i) instituições – e não indivíduos ou classes – são o elemento central da vida política; ii) indivíduos são 'atores' importantes, mas é mais proveitoso compreender quais são os marcos institucionais dentro dos quais eles agem, ao invés de observar o próprios indivíduos, suas motivações, preferências e escolhas (no caso, instituições funcionam como variável dependente); portanto,iii) não apenas instituições "contam" na explicação, mas são a explicação para a maior parte das ocorrências da vida política (instituições como variável independente)". Disponível em: <<http://adrianocodato.blogspot.com.br/2009/02/o-neo-institucionalismo-historico-uma.html>> Acesso em: 20 fev. 2017.

³³Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/franciscobeltrao/estrutura-universitaria/assessorias/ascom/noticias/acervo/ranking-da-folha-de-s-paulo-poe-a-utfpr-entre-as-50-melhores-do-pais>>.

mercado, inovação e internacionalização mostram um pouco do que Dametto e Esquinsani (2015, p.623) discutem quando declaram que

[...] a emergência de rankings pode ser tomada como um dos fenômenos que mais mobilizaram o campo educacional nos últimos anos. Tal questão, cujas dimensões são mundiais, configura uma tendência em diversos setores antes não submetidos a esse tipo de tratamento e análise: para além da Educação, também a Ciência, a Saúde, a Segurança Pública, dentre outros recortes da experiência social, são objetos de ranqueamentos que, além de fomentarem uma inoportuna competição, propõem juízos de valor sobre as condições, populações ou instituições avaliadas.

Esses juízos de valor sobre tudo e todos os envolvidos instaura efeitos de verdade sobre os corpos afetos ao programa do qual fazemos nossa análise. Como Foucault declara

[...] na época atual, todas essas instituições – fábrica, escola, hospital psiquiátrico, hospital, prisão – têm por finalidade não excluir, mas, ao contrário, fixar os indivíduos. A fábrica não exclui os indivíduos; liga-os a um aparelho de produção. A escola não exclui os indivíduos; mesmo fechando-os; ela os fixa a um aparelho de transmissão do saber. O hospital psiquiátrico não exclui os indivíduos; liga-os a um aparelho de correção, a um aparelho de normalização dos indivíduos. O mesmo acontece com a casa de correção ou com a prisão. Mesmo se os efeitos dessas instituições são a exclusão do indivíduo, elas têm por finalidade primeira fixar os indivíduos em um aparelho de normalização dos homens. A fábrica, a escola, a prisão ou os hospitais têm por objetivo ligar o indivíduo a um processo de produção, de formação ou de correção dos produtores. Trata-se de garantir a produção ou os produtores em função de uma determinada norma (FOUCAULT, 2002, p. 114).

Assim como a fábrica, a escola, a prisão ou os hospitais ligam os indivíduos ao aparato de normalização os rankings ligam os indivíduos aos espaços e tempos mercadológicos do consumo poder-saber fixando esses indivíduos em instituições ranqueadas. Nesse sentido, a governamentalidade funciona como governo dos corpos. Seguindo essa perspectiva nos voltamos para as noções de dispositivo para completar a discussão posterior do capítulo.

2.O dispositivo de governamentalidade

Nesse trabalho, a noção de dispositivo é importante para relacionarmos o termo com a governamentalidade. Para Foucault (2008a, p.244) dispositivo é

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Logo, esse conjunto que aciona e envolve a rede de componentes auxilia na motivação de ações e reações dos corpos. Veyne (2011, p.45) afirma que

[...] para um foucaultiano, [...] a sociedade, longe de ser o princípio ou o termo de toda explicação, precisa ela própria ser explicada; longe de ser última, ela é o que dela fazem a cada época todos os discursos e dispositivos de que ela é o receptáculo.

Quando Veyne usa o termo receptáculo, expressa a relação que os discursos e os dispositivos têm com a sociedade, com os corpos. Ainda sobre dispositivo, Agamben (2011, p.256) explica que

[...] o termo dispositivo nomeia aquilo no que e pelo que se realiza a atividade pura do governo sem a mediação fundada no ser. É por isto que os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, devem produzir um sujeito.

Nesse seguimento, os corpos são fundamentais para que o dispositivo se realize ou para que o dispositivo se realize neles. Navarro (2015, p.197) contribui com uma reflexão sobre uma das formas de manifestação do dispositivo, quando esclarece que

[...] acolher o texto de *A ordem do Discurso* como um dos momentos do pensamento de Foucault (1995) em que o saber “encontra” o poder é observar uma das formas de manifestação do dispositivo, por intermédio de práticas discursivas que estabelecem divisões, por exemplo, entre verdadeiro e falso, razão e desrazão, normal e anormal ou interdições, como as que definem o que é permitido ou não falar e em que circunstâncias é possível falar.

Em certa medida, o alcance desse dispositivo está nas manifestações encontradas nas entrevistas. Ainda do ponto de vista teórico, Deleuze (1996, p.3) assegura que

[...] os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjectivação, linhas de brecha, de fissura, de fractura, que se entrecruzam e se misturam, acabando por dar uma nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento. Decorrem daí duas conseqüências importantes no que concerne a uma filosofia dos dispositivos. A primeira é o repúdio dos universais. Com efeito, o universal nada explica, é ele que deve ser explicado. Todas as linhas são linhas de variação, que não tem sequer coordenadas constantes. O Uno, o Todo, o Verdadeiro, o objecto, o sujeito não são universais, mas processos singulares, de unificação, de totalização, de verificação, de objectivação, de subjectivação imanentes a dado dispositivo. E cada dispositivo é uma multiplicidade na qual esses processos operam em devir, distintos dos que operam noutro dispositivo.

Ao vincularmos essa reflexão que nega a totalização do sujeito e parte dos processos singulares, podemos lembrar do pensamento de Silva e Sousa (2013, p.87) quando observam que “o dispositivo está sempre inscrito num jogo de poder e ligado a uma configuração de saber que dele nasce”.

Deleuze (1996, p.1) assevera “que os dispositivos são como as máquinas de Raymond Roussel, máquinas de fazer ver e de fazer falar, tal como são analisadas por Foucault”. Nesse aspecto, Navarro (2015, p.199) também afirma que

[...] os dispositivos são máquinas de fazer falar. Uma ciência, em um determinado momento, ou um gênero literário, ou um estado de direito, ou um movimento social, definem-se precisamente pelos regimes de enunciações.

Ainda sob o ponto de vista teórico, Agamben (2011, p.249) sustenta que

[...] a palavra dispositivo é um termo decisivo na estratégia de pensamento de Foucault. Sobretudo utiliza-o a partir dos anos setenta quando começa a se ocupar da “governamentalidade” ou do “governo dos homens”.

Nesse sentido, governamentalidade e dispositivo são discutidos de forma interligada, sendo que um complementa, aciona e é acionado pelo outro. Quanto a esse aspecto Veyne (2011, p.153) analisa que

[...] o dispositivo e o cientista têm poder um sobre o outro, e a ciência tem poder sobre a sociedade porque supostamente diz a verdade; dispositivo, sujeito, poder e verdade estão assim ligados. O poder do saber é particularmente poderoso nas sociedades ocidentalizadas, mas não nos enganemos: ele não se exerce apenas sobre o complexo militar-industrial ou na comissão de energia atômica! O poder médico não é o da lei,

mas o de um saber; purga-se, sangra-se porque se sabe e o paciente se deixa levar: quando a Faculdade falou, é preciso inclinar-se.

Dessa forma é pelo viés do poder-saber no campo da educação que nessa tese o dispositivo e o cientista se ligam e agem um sobre o outro, uma vez que o CsF é um programa relacionado às IES. Associado também ao campo da educação Castro (2017, p.86), ao conferenciar sobre a obra de Foucault *Vigiar e punir* expressa que

[...] está inteiramente dedicada ao estudo dos dispositivos disciplinares, vale dizer, no sentido estrito em que o termo “disciplina” é utilizado nesse trabalho, ao conjunto de técnicas e procedimentos com os quais se busca produzir corpos politicamente dóceis e economicamente rentáveis.

Essa referência aos “corpos politicamente dóceis e economicamente rentáveis” está diretamente relacionada ao biopoder discutido anteriormente. Nessa situação, analisamos os corpos politicamente dóceis que fazem parte do CsF e voltam economicamente rentáveis e a serviço da engrenagem globalizada.

2.1 O Programa Ciência sem Fronteiras como dispositivo de governamentalidade no CsF UTFPR, Francisco Beltrão

Nessa perspectiva, o programa CsF tenta responder à urgência do regime de verdade sobre a internacionalização firmado no momento histórico em que estamos inseridos. O Programa CsF pode ser considerado o maior programa de mobilidade internacional promovido pelo governo que o Brasil já teve. Foi um programa criado com o objetivo de “promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira”.³⁴ Quando consideramos o programa CsF para além de um acontecimento, também um dispositivo, nos reportamos a Veyne (2011, p.166) quando menciona que

[...] um certo regime de verdade e certas práticas formam assim um dispositivo de saber-poder que inscreve no real o que não existe, submetendo-o ainda à divisão do verdadeiro e do falso.

³⁴Informação disponível no site do programa CsF <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>.

Assim, Goettert (2011, p.59) ao pensar as fronteiras como dispositivo de poder, controle e identidade assegura que

[...] as nações inventadas passam com o forte sentido atribuído pelo mapa, a serem imaginadas “material-territorialmente”, para, com força total a partir dos processos revolucionários (como na Inglaterra de 1688 e na França de 1789), de independência (como nos Estados Unidos em 1776, no Paraguai em 1811 e no Brasil em 1822), de consolidação (como as unificações alemã e italiana em 1971) e de descolonização (como na Índia em 1947, na Argélia em 1962 e em Moçambique em 1975) a serem também vividas, transformando os cotidianos os mais diversos na expressão dos cotidianos nacionais. O poder, o controle e a identidade nacionais tornam-se expressão de um mundo ao mesmo tempo “globalizado” e “fraturado”, que, em aproximadamente três séculos, se constituiu em um dos mais poderosos processos de “naturalização” das relações humanas.

Portanto, é nesse tempo globalizado em que a função sujeito é preenchida por essa tendência fragmentada das relações, é nessa redoma das nações inventadas que os enunciados fronteiras e sem fronteiras aparecem e se dispersam nas tensões dos cotidianos nacionais e internacionais. Dessa forma, o discurso do momento histórico em que o dispositivo CsF está em evidência possibilita a emergência de discursos sobre a internacionalização das IES.

Nessa perspectiva, o programa CsF assume um valor de acontecimento e de dispositivo de governamentalidade nas IES brasileiras e do exterior ao ser identificado como um programa do governo federal brasileiro que tentou responder à urgência do regime de verdade sobre a internacionalização firmado no momento histórico em que estamos inseridos. Sobre tal aspecto, Navarro (2011, p.271) afirma que

[...] determinados dispositivos de saber/poder que, ao se projetarem sobre o executivo, o idoso e o professor, produzem representações desses sujeitos em discursos que circulam na mídia e na educação.

O dispositivo CsF produz os sujeitos egressos do CsF, funções ocupadas por processos de subjetivação que posicionam esses corpos em instituições acadêmicas, no mercado de trabalho, nas relações cotidianas e que são marcados pelo dispositivo que projetou um lampejo de novidade.

Igualmente, podemos afirmar que o CsF é um dispositivo de poder-saber que, ao se relacionar com os egressos e envolvidos no programa CsF, cria efeitos de verdade sobre esses egressos em discursos que se dispersam em campos do saber, tais como: educação, mídia, economia, relações internacionais. Aproximando o dispositivo CsF nos trechos recortados das sequências enunciativas do *corpus* elencado para o trabalho apresentamos:

SE6 - E assim, é uma experiência fantástica o Ciência sem Fronteiras, é uma experiência em que o governo viu uma oportunidade de levar... Eu acho que esse programa não fez distinção de classe econômica ou de classe social, ou pelo seu coeficiente dentro da universidade...(SE-D)

SE7 - Então a ideia do Ciência sem Fronteiras é uma ideia extremamente positiva, nunca na história desse país teve um outro programa assim, tem que começar reconhecendo isso. (SE-F)

SE8 - Talvez valesse a pena lembrar que quando os nossos estudantes do Ciência sem Fronteiras deixam o Brasil para estudar nos diversos países o Governo Brasileiro está pagando, ele está pagando seja as anuidades na escola que está acolhendo os estudantes, seja uma bolsa de estudo que o estudante tem direito. Então você veja que o país acolhedor está ganhando duplamente: ele está ganhando o valor das anuidades pagas pelo Governo Brasileiro e a sua bolsa de estudo porque você até certo ponto investe no país para comprar os serviços necessários para sua sobrevivência. (Aula pública Ópera Mundi gravada no Câmpus UNESP Bauru – TVUNESP pela socióloga Manolita Correia Lima – publicado em 05 de maio de 2014 sobre A mobilidade acadêmica é a parte mais visível da internacionalização)

SE9 - Por que que a gente ao invés de colocar todo esse montante de dinheiro no exterior, que foi o que acabou acontecendo, não fizemos priorizações pra investir esse dinheiro nas nossas universidades, nos nossos centros de pesquisa, e atraindo mais pesquisadores estrangeiros, eu acho que teria sido mais interessante, mais saudável, não estou dizendo que o programa não deveria ter acontecido, mas ele poderia ter sido 10% do que foi ou 20% do que foi, que eu acho que já teria sido um avanço interessante e continuado que hoje poderia estar crescendo e não regredindo... Em geral as pessoas planejam... É estranho que um país mande tanta gente e depois não tenha dinheiro para mandar mais ninguém, então falta esse planejamento de longo prazo, acaba perdendo um pouco da credibilidade, mas vocês sabem que isso tudo você fecha os olhos quando tem recursos envolvidos, porque afinal de contas em grande parte dos países dos quais a gente está falando, a educação superior é um business, é um negócio, e eles viram nos alunos brasileiros oportunidade de ter mais dinheiro e foi uma boa oportunidade para eles. No momento em que esse dinheiro deixar de existir e deixar de vir eles vão focar os esforços em outros lugares, quando voltar a ter, vão voltar a ser amigos de novo, isso eu não tenho nenhuma dúvida (Programa 'Ensino Superior' da UNIVESP TV com análise de Marcelo Knobel do Programa Ciência sem Fronteiras – publicado em 07 de março de 2016).

SE10 - Capítulo VI – **Vida do estudante Brasileiro** – Despesas – Lucta com o frio e o calor – Contrastes de temperatura durante o anno letcivo – Theatros, Prelecções e reuniões familiares – Cartas de recomendação. Parecerá fora de propósito nesta série de artigos alludir aos assumptos com a epigraphe acima, porém tal é a curiosidade de muitos que tiveram e ainda tem filhos estudando naquele paiz que eu de bom grado accedo aos seus desejos. **Os jovens Brasileiros que vão para os Estados-Unidos (é quasi sempre regra invariavel) levam consigo uma carta de credito de modo que, quando alli estabelecidos, possam obter uma quantia marcada mensalmente em New-York ou em qualquer cidade dos Estados-Unidos, sem ser preciso saccarem todos os mezes contra os seus correspondentes no Brazil.** (Estados-Unidos e norte-americanos acompanhado de algumas considerações sobre a immigração chinesa no Imperio do Brazil. /livro escrito por José Custódio Alves de Lima³⁵, 1886).

SE11 – **A grande nação norte-americana, incontestavelmente, a mais poderosa do mundo no instante histórico³⁶ que atravessamos, tem revelado um elevado grau de interesse humano na solução dos problemas internacionais. As bolsas de estudos para aperfeiçoamento dos técnicos de países vizinhos constituem uma significativa faceta do detalhe por nós focalizado. As nossas escolas técnicas foram brindadas com elevado número de bolsas de estudo. Não podemos deixar de citar e aplaudir a ação decisiva da direção da CBAI que possibilitou a realização desse velho sonho de muitos estudiosos brasileiros. Da Escola Técnica de Curitiba partiram primeiramente dois mestres. Um da oficina de tipografia – Fanor Medeiros – e outro da mecânica – Paulo Vistuba. Recentemente partiu para a terra de “Tio San” o nosso diretor dr. Lauro Wilhem.** (Jornal Labor –órgão oficial da Escola Técnica de Curitiba, n.19 de novembro, Curitiba, 1947).

SE12 – **As universidades brasileiras têm quatro grandes desafios:** a questão do financiamento, a questão da qualidade, a questão do acesso social e a **questão da internacionalização. É justamente na questão da internacionalização, que eu, Pillati e Vanessa, compomos uma chapa tentando orientar o futuro desta instituição para uma universidade de classe mundial.** (“Os desafios das universidades brasileiras” - Vídeo³⁷ da campanha 2016 para reitor UTFPR, chapa Pillati e Vanessa Rumo à classe mundial. Publicado em 08 abr 2016).

SE13 – A principal motivação que, em meados da década de 70, levou a então pequena coordenação do Ministério da Educação e Cultura a avaliar os cursos de pós-graduação no país foi estabelecer parâmetros para melhor distribuir os recursos de financiamento, como bolsas de estudo [...] A evolução do número de

³⁵ De acordo com o Correio Paulistano, “José Custódio Alves de Lima nasceu em Tietê, Estado de São Paulo a 7 de setembro de 1852. Filho do comendador Antônio Manuel Alves de Almeida Lima e de Maria Leopoldina de Almeida Lima. Estudou em São Paulo e no Rio de Janeiro e, em 1873, foi para os Estados Unidos, onde fez o curso de Engenharia nas Universidades de Cornell e Syracuse. Terminado o curso, casou-se com Ella Barber Alves de Lima nasceram os filhos: Frederico; Gay; Antônio; Paulo e Maria. Foi cônsul do Brasil em Havana e, após a Grande Guerra (1ª Guerra Mundial), foi cônsul geral do Brasil nos Estados Unidos. Faleceu no dia 2 de fevereiro de 1938”.

³⁶O artigo do jornal LABOR refere-se ao momento histórico do pós-guerra (ano de publicação do jornal foi 1947).

³⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZrjleG_zGh8> Acesso em 14 dez 2016.

bolsas da CAPES acompanha o significativo crescimento da pós-graduação brasileira. **Em 1974, a CAPES mantinha mil bolsistas no país e apenas 70 no exterior. No final da década, as concessões saltaram para 13 mil no Brasil e 1.200 no exterior. Nos últimos anos, o crescimento tem sido recorde. A coordenação chegou à marca dos 30 mil bolsistas em 2007 e já alcançou 58.107 em 2010** (CAPES 60 anos – Revista comemorativa, julho/2011).

Buscamos, com a seleção dessas sequências enunciativas, as regras de formação do discurso que ora analisamos, e isso se dá por meio das regularidades, ou seja, por meio de enunciados que se encontram em uma mesma ordem do discurso. No caso das SEs6 e 7, estão voltadas para a importância do programa CsF na educação brasileira. Essa regularidade dissemina o discurso, segundo o qual a internacionalização é uma variável que está presente como possibilidade para o crescimento das IES brasileiras.

A SE12 demonstra o comprometimento da chapa concorrente à reitoria com a internacionalização, visto como enunciado centralizador, que orientará o futuro da universidade para a classe mundial, ou seja, para a relação globalizada entre os países. Aqui fazemos alusão a Foucault (2014b, p.48) quando afirma que “é preciso questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante”.

Nesse momento, ao nos encontrarmos de frente com Foucault e tentarmos aceitar esse convite para suspender a soberania do significante podemos nos perguntar se a internacionalização é realmente importante para a educação, se ela realmente pode ser considerada uma verdade. Talvez a internacionalização não seja algo bom para a educação, nem tampouco seja algo real, apenas um conceito. Veyne (2011, p.28-29) ao citar Foucault explica que

[...] para citar as próprias palavras de Foucault: “parto da decisão, ao mesmo tempo teórica e metodológica, que consiste em dizer: suponhamos que os universais não existem”; por exemplo, suponhamos que a loucura não existe, ou antes, que ela não passa de um falso conceito (mesmo que uma realidade lhe corresponda). “A partir disso, qual é, então, a história que se pode fazer com esses diferentes acontecimentos, com essas diferentes práticas que, aparentemente, se ordenam a este algo suposto que é a loucura?” E que fazem com que ela

acabe existindo como loucura verdadeira aos nossos olhos, em vez de permanecer uma coisa perfeitamente real, mas desconhecida, despercebida, indeterminada e sem nome. Ou desconhecida ou incompreendida.

Todo esse questionamento parece loucura para nosso tempo, mas e se não for? Perguntas filosóficas difíceis de serem respondidas, mas a partir das sequências analisadas torna-se instigante o exercício da dúvida sobre aquilo que nos parece tão verdadeiro e naturalizado. Ao darmos prosseguimento, notamos que outro ponto que se encontra como regularidade é o valor econômico, o custo de se manter e ser mantido nos EUA representado nas SEs 9,10 e 11. Na SE 11, especificamente, se tem a relação das bolsas que eram concedidas aos servidores da Escola Técnica de Curitiba através do CBAI, órgão que atuava como gerenciador dos conteúdos e modos de realizar o trabalho técnico/tecnológico de acordo com o modelo norte-americano.

As SEs 8 e 9 estão no momento histórico atual retomando o acontecimento da ida de alunos brasileiros aos EUA, enquanto a SE10 já tem em seu texto a relação Brasil-EUA e mobilidade 'pague você mesmo'. A SE11 mostra outra faceta da relação Brasil – EUA, ela situa a ruptura do momento sócio-econômico pós-guerra e anuncia dispositivos de governamentalidade relacionados à mão de obra especializada e retomada econômica no país. Nessa SE, vemos não acadêmicos/alunos indo para o exterior com bolsas de estudo, mas dois mestres e o diretor da Escola Técnica custeados pelo CBAI, o que, de alguma forma, implica em relações de poder-saber pela via do dispositivo pedagógico e econômico.

Seguindo por esse raciocínio, aludimos ao que Alfano (2016, p.1) expõe a respeito do pensamento de Bauman sobre a influência do mercado capitalista na educação:

[...] o sistema universitário de hoje foi incorporado pela economia de mercado capitalista. Ele serve como um outro mecanismo na reprodução de privilégios e aprofundamento das desigualdades sociais. Como diz Fareed Zakaria (*escritor americano*), enquanto um rapaz de 18 anos da Califórnia recebia a melhor educação possível nos anos 60 “sem qualquer custo”, no ano passado os alunos precisavam pagar uma taxa de matrícula de US\$ 12.972 se tivessem nascido no estado; se não, o valor sobe para US\$ 22.878 (sem incluir

custo de moradia e alimentação; o valor total do momento da matrícula até o diploma ficaria perto de US\$ 50 mil por ano para não residentes). Poucos entre os milhões de pais amorosos e cuidadosos têm possibilidades de garantir um valor dessa magnitude.

Esses dispositivos de governamentalidade mantidos por relações de certo modo 'antigas' entre os dois países sugerem a retomada do discurso de mobilidade estudantil na direção Brasil-EUA com o CsF em proporções econômicas diferenciadas. Ao constataremos os valores citados por Bauman, em Alfano (2016), cruzamos os dados com as SEs 9,10,11 e 13 e notamos a preocupação com os recursos para financiar as/os bolsistas.

Outra retomada de discurso que ocorre a partir da SE11 é o vínculo Brasil-EUA no sentido de governo e EUA e China numa aproximação pelo programa 100,000 Strong China³⁸ que tem o sentido EUA para China, com o objetivo de enviar estudantes norte-americanos para estudarem na China, essa diferença entre os sentidos tomados nessa mobilidade indica um movimento macro estrategicamente construído, mesmo que não estanque, ele mostra indícios de governamentalidade presentes na sequência analisada.

Nas SEs 9, 10 e 13 a regularidade é o uso das bolsas pela CAPES, mas a diferença nesse uso é a discrepância entre os dados históricos da SE13 que evidenciam a distribuição gradativa das bolsas ligadas à pós-graduação brasileira, enquanto que nas SE9 e SE10 a discussão gira em torno do investimento realizado em bolsas movimentando recursos financeiros direcionados ao exterior.

A questão dos não ditos fica em torno dos motivos da criação do CsF, a regularidade circula em um discurso de importância e oportunidade para os estudantes das IES brasileiras, porém nenhum dos entrevistados provocou o questionamento. Uma vez que o CsF foi implementado, nos ditos expressos nas sequências enunciativas das entrevistas realizadas, que foram concedidas por discentes e servidores da UTFPR, não houve questionamento por conta

³⁸ De acordo com o sítio < <http://www.state.gov/100k/>> "em novembro de 2009, o presidente Barack Obama anunciou o programa "100.000 Strong Initiative" (Fortes como 100.000), um esforço nacional projetado para aumentar drasticamente o número e diversificar a composição de estudantes americanos na China. A secretária de Estado Hillary Clinton lançou oficialmente a iniciativa em maio de 2010 em Pequim".

dos motivos do programa e seus efeitos. Esse silêncio pode indicar mais um efeito dos dispositivos de governamentalidade em relação à instituição e seu efeito disciplinar.

Nessa linha de pensamento, não podemos deixar de acrescentar que esses efeitos não são percebidos por todos da mesma forma. Quanto a isso Foucault (2015b, p.306) demonstra que

[...] em um certo sentido, a entrada e a saída de um navio do Porto de Sevilha é um acontecimento que os contemporâneos habitantes de Sevilha conhecem perfeitamente que podemos reconstituir sem muitas dificuldades. Por baixo desse estrato de acontecimentos, existe um outro tipo de acontecimentos um pouco mais difusos: acontecimentos que não são percebidos exatamente da mesma forma pelos seus contemporâneos, mas dos quais, no entanto, todos tinham uma certa consciência; por exemplo, uma baixa ou um aumento dos preços que vai mudar sua conduta econômica. Depois, ainda por debaixo desses acontecimentos vocês têm outros que são difíceis de localizar, que são com frequência dificilmente perceptíveis pelos contemporâneos, que não deixam de constituir rupturas decisivas.

Um exemplo disso está representado na charge que abre esse capítulo, que faz remissão ao encontro entre os ex-presidentes Barack Obama e Dilma Rousseff, quando esta fez uma visita ao presidente norte-americano, encontrando-se com ele na Casa Branca³⁹. A nosso ver, a charge dá visibilidade aos efeitos de governamentalidade advindos do CsF como um acontecimento na ordem desse dispositivo de poder-saber. Porém, outros acontecimentos estão relacionados a essa imagem e não estão explícitos, como, por exemplo, uma das pautas do encontro entre os dois líderes que versava sobre a importância do ensino técnico e o sucesso do CsF em instituições americanas. A partir do dispositivo CsF, a sociedade brasileira e internacional, projetam discursos sobre o programa, sobre os sujeitos produzidos pelo dispositivo, sobre as várias “camadas” que constituem e desconstituem o dispositivo.

Dessarte, para buscarmos outros elementos que corroboram para outros níveis de compreensão da imagem e do programa CsF na UTFPR-FB passamos ao item 2.2

³⁹Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/06/1649665-leia-integra-do-comunicado-conjunto-de-dilma-e-obama-sobre-encontro.shtml>. Acesso em 13 dez. 2016.

2.2 A língua estrangeira inglesa e a globalização como dispositivos de governamentalidade no CsF UTFPR, Francisco Beltrão

De acordo com Amos et al (2008, p.119)⁴⁰, ao discorrerem sobre a história da educação do Brasil “antes de 1808, um número significativo dos descendentes da elite colonial se graduava, principalmente em universidades de Portugal, mas também da França e da Inglaterra”. Nesse contexto, a língua estrangeira já era um dispositivo educacional para quem ambicionava entrar em uma universidade na época. Por isso, aqueles pertencentes ao grupo da elite da época tinham mais chances de aliar poder e saber.

Nesse cenário, tomando o CsF, as relações de poder não estão presentes apenas em instituições como o MCTI/CNPQ/MEC/CAPES, mas permeiam as interações entre os acadêmicos, universidades envolvidas, comunidade etc. Já o saber segundo Foucault (2014b, p.16-17) é

[...] uma vontade de verdade, [...] apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema de livros, da edição das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído. Recordemos aqui, e apenas a título simbólico, o velho princípio grego: que a aritmética pode bem ser o assunto das cidades democráticas, pois ela ensina as relações de igualdade, mas que só a geometria deve ser ensinada nas oligarquias pois demonstra as proporções na desigualdade.

Nessa circunstância, podemos direcionar nosso olhar para as leituras que fazem parte do cotidiano dos envolvidos com o CsF. Tudo o que eles vivenciaram no Brasil e tudo o que vivenciaram no exterior. Seguindo essa perspectiva, nas relações entre poder e saber associadas à língua estrangeira moderna inglesa, há, nas construções *microarqueogenealógicas* a ligação entre Inglaterra, Brasil e EUA desde o Brasil colônia.

Porém essa vinculação não tem sido de igualdade, como afirma Foucault na citação acima, mas tem sido uma vinculação geométrica, demonstrando proporções de desigualdade.

⁴⁰ Todas as traduções da língua inglesa para a portuguesa feitas a partir dessa referência foram realizadas por Carina M. Lingnau.

A respeito desse tipo de vinculação geométrica, Bauman (1999b, p.23) argumenta que

[...] a geometria é o arquétipo da mente moderna. A grade é o seu tropo predominante [...]. A taxonomia, a classificação, o inventário, o catálogo e a estatística são estratégias supremas da prática moderna. A mestria moderna é poder dividir, classificar e localizar – no pensamento, na prática, na prática do pensamento e no pensamento da prática. Paradoxalmente, é por essa razão que a ambivalência é a principal aflição da modernidade e o mais preocupante dos seus cuidados. A geometria mostra como seria o mundo se fosse geométrico. Mas o mundo não é geométrico. Ele não pode ser comprimido dentro de grades de inspiração geométrica.

E como não se pode sair dessa ambivalência, o poder e saber consolidam relações que estabelecem regimes de verdade que impulsionam o dispositivo da língua estrangeira inglesa.

Sobre essa questão, Veyne (2011, p.170), ao citar Nietzsche, afirma que “mesmo na obediência há resistência”. Nesse sentido, ainda que com poder de influenciar as políticas educacionais nesse período de governo ditatorial no Brasil, a sugestão oferecida pela USAID de instalar um novo modelo de universidade privada no país não foi aceita. Veyne (2011, p.167) confirma que

[...] o que é tido por verdade se faz obedecer. Voltemos a esse poder: o que vem fazer aqui? Ele chega porque o discurso se inscreve na realidade e porque, na realidade, o poder está em toda parte, como veremos; o que é reputado como verdadeiro se faz obedecer.

Como esse discurso da verdade é construído, como sua inscrição na realidade consegue o status de verdade e qual a razão de ser esse enunciado e não outro que impera na crista da onda dessa ordem? Esses questionamentos levam-nos a perceber que o governo militar brasileiro de 1965 parece não ter recepcionado como verdadeira a criação de uma instituição separada do poder do estado. Intermediando essa reflexão, Resende (2015, p.270) afirma que

[...] na mentalidade liberal de governo, para administrar é preciso tornar inteligíveis e praticáveis as condições para produzir e governar um corpo político, constituído de cidadãos livres. A educação de massas vai se instituir como o dispositivo privilegiado de constituição não só do sujeito moral, do agente

reflexivo que forma esse corpo político, tornando-se, ela mesma, um laboratório de práticas de regulação moral.

Nesse momento, ao relacionarmos a governamentalidade com a língua estrangeira moderna inglesa também percebemos regimes de verdade em relação ao uso do inglês, em situações como Lacoste (2005, p.7-8) aponta:

[...] em nossos dias, aquilo que podemos chamar de neo-imperialismo não tem mais necessidade de conquistar territórios para exercer sua dominação econômica e cultural. Isso vale sobretudo para aquela que se tornou a hiperpotência, a América (ou mais exatamente os Estados Unidos da América). Ocorre que, por ser antiga herança colonial, sua língua é o inglês, a língua que também é oficial em vários dos países que foram colonizados pelos britânicos. Em acréscimo, de algumas décadas para cá, o inglês também se propaga no plano mundial como a língua da globalização, bem como a língua da União Européia, que engloba cerca de trinta Estados de línguas diferentes e que tem necessidade de uma língua comum, ao menos em meio às categorias sociais mais “globalizadas” de sua população.

Nessa perspectiva, o uso da língua estrangeira moderna inglesa ao se espalhar como língua de globalização está no regime de verdade que valida sua importância e a mantém no status de língua franca⁴¹. Bauman (1999a, p.7) afirma que a globalização

[...] está na ordem do dia; uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, “globalização” é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, “globalização” é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo “globalizados” – e isso significa basicamente o mesmo para todos.

Dessa forma, inseridos no regime de verdade em que a globalização está na ordem do dia, todos somos afetados por esse efeito de verdade, e esse efeito traz consigo o uso da língua estrangeira moderna inglesa. Em locais como a Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE), a língua estrangeira inglesa circula como língua franca.

⁴¹ Para Phillipson (1992), “A língua franca é uma língua que é usada para a comunicação entre diferentes grupos de pessoas, cada grupo falando uma língua diferente. A língua franca pode ser uma língua usada internacionalmente (ex. inglês)” (p.42).

Em entrevista realizada pela revista *Hérodote*⁴² em Lacoste (2005, p.27) sobre a LE inglesa como língua franca das instituições internacionais, Gadriot-Renard afirma que

[...] na OCDE, as duas línguas oficiais são o inglês e o francês, mas o inglês vem se tornando hegemônico, tanto mais porque se exige dos francófonos que falem corretamente o inglês (as entrevistas orais de contratação são feitas nessa língua). A recíproca está longe de ser verdadeira: muitos anglófonos não falam francês ou o falam mal; alguns não se esforçam nem mesmo para aprendê-lo.

Sendo assim, chegamos à realidade criada de uma sociedade globalizada que se reúne em LE moderna inglesa em vários campos do saber para utilizar estratégias de governamentalidade e promover a legitimidade de dispositivos que gerem efeitos de necessidade da internacionalização, como foi o caso do programa CsF.

O dispositivo da língua moderna inglesa, em vários momentos da história, tanto no suporte da mídia digital quanto no da mídia impressa, pode ser percebida nas seguintes SEs:

SE14 - “**Quem quiser aprender a Lingua Ingleza gramaticalmente com percepção em pouco tempo**, há de falar com *Francisco Ignacio da Silva* na casa de Café na rua Direta, o qual há de entregar hum bilhete com o nome do **Mestre, natural de Londres**.” (Gazeta do Rio de Janeiro, contidos nos números a seguir : n.99 de quarta-feira, 23 de agosto de 1809)

SE15- “*João Lourenço Toole*, **professor da Lingua Ingleza, estabelece Aula da dita Lingua a qual ensina gramaticalmente; como também Arithmetica, e Escrituração dobrada**. Os Senhores, que se quiserem utilizar, se dirigirão ao dito professor na Praça da Carioca, N.18, primeiro andar.” (Gazeta do Rio de Janeiro, contidos nos números a seguir: n.99 de quarta-feira, 23 de agosto de 1809).

SE16 - “**AVISOS**. *D. Catharina Jacob* toma a liberdade de fazer sciente ao Publico, que **ella tem estabelecido huma Academia para Instrucção de Meninas** na rua da *Lapa*, defronte da Ex.ma Duqueza, em **que ensinará a lêr, escrever, e falar as línguas Portuguesa, e Ingleza gramaticalmente; toda a qualidade de costura e bordar, e o manejo da Caza**. Está esperançada que. em consequência do seu cuidado, e atenção na educação, Religião, e Moral, merecerá eternamente a proteção dos pais, partentes, e pessoas, que lhe confiarem esta honra: cada Menina trará a cama completa, três toalhas de mãos, hum talhere completo e copo de prata... (Gazeta do Rio de Janeiro, contidos nos números a seguir : n.2 de quarta-feira, 06 de janeiro de 1813).

⁴² De acordo com <http://www.herodote.org/> Acesso em 17 jan. 2017 Lacoste é o diretor da revista *Hérodote*, assim ele escolheu essa entrevista publicada na revista para fazer parte do livro organizado por ele e Kanavillil Rajagopalan.

SE17 - “O episódio do CsF é mais um lembrete de que persiste uma distância enorme entre brasileiros - inclusive os estudantes - e a língua inglesa. No levantamento mais recente publicado pela empresa Education First (EF), de outubro de 2012, os brasileiros ficaram no 46º lugar no Índice de Proficiência em Inglês (EPI), à frente de apenas oito nações. "Somos um país isolado academicamente, que não prepara bem seus alunos para a internacionalização da educação superior", diz Claudio de Moura Castro, colunista de VEJA e especialista em educação. Ele observa, porém, que a redução no nível de exigência do CsF pode ser a única forma de garantir um fluxo contínuo de bolsistas brasileiros rumo ao exterior. "Ou fazemos concessões assim ou os programas de intercâmbio não vão adiante." (Revista Veja: A manobra delicada do Ciência sem Fronteiras, 24/02/2013)

SE18 - “Os Estados Unidos é o país em que os universitários da UTFPR mais realizam intercâmbio acadêmico, repetindo uma tendência nacional. Das cerca de 71 mil bolsas implantadas pelo governo federal, quase 21 mil tiveram como destino os Estados Unidos. Na UTFPR, 512 estudantes dos 1.615 que participaram do programa realizaram atividades acadêmicas em alguma universidade norte-americana.” (Revista Tecnológica UTFPR com a reportagem UTFPR sem fronteiras – mais de 1600 alunos fizeram intercâmbio fora do Brasil , 2015)

SE19 - “Os vetos ideológicos⁴³ eram mais ou menos 5% do total. O Coronel Newton Cruz, chefe da agência central do SNI (1981-83) e comandante militar do Planalto (1983-84), segundo Castro, pegou um processo e disse: “Olhem essa figura aqui: quer dinheiro do Brasil para fazer um doutorado, mas fez greve aqui, organizou não-sei-o-quê e agora quer fazer um doutorado em ciência política na Inglaterra. Vai é falar mal do Brasil. Não há nenhuma razão para o governo financiá-lo”, contou.” (Revista Comemorativa CAPES de julho, 2011)

SE20 - "Será um desafio para o Brasil conseguir preencher essa quantidade de vagas, que exige estudantes de alto nível acadêmico e que dominem a língua inglesa.” (Revista Veja: *Vão faltar alunos para bolsas de estudo do governo*, 08/08/2011)

SE21 – “AVISOS. Diogo Fórsyb de Londres tem a honra de participar, que ele tem principiado a trabalhar no seu officio de Dorador na sua loja na rua dos Barbarios no.17, (em que morava o falecido Marcineiro Inglez, Guilherme Herdman) pela sua grande experiência no seu officio, ele está certo de dar inteira satisfação a todos os que lhe honrarem com as suas ordens, e nada deixará de fazer para ganhar a estima e proteção do publico” (Aviso – Gazeta do Rio de Janeiro, n. 6, quarta-feira, 19 de janeiro de 1820).

SE22 - DECRETO - DE 30 DE MAIO DE 1809 Crêa a cadeira da lingua ingleza na Academia Militar desta Côrte , Hei por bem nomear lente da Cadeira da língua íngleza na Academia Militar desta Corte, a Eduardo Thomaz Cohill, com a graduação de 2º Tenente de Artilharia, e soldo de 12\$000 por mez, devendo, emquanto se não abrirem as aulas da mesma Academia, principiar as suas lições no local, que lhe fôr indicado pelo Tenente General de Artilharia Inspector Geral da mesma arma. O Conselho Supremo Militar o tenha assim entendido e lhe faça expedir os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em 30 de Maio de

⁴³ Relacionado ao governo militar e ao Serviço Nacional de Informações (SNI).

1809. Com a rubrica do Príncipe Regente Nosso Senhor (Cartas de Lei, Alvarás, Decretos e Cartas Régias⁴⁴ de 1809).

SE23 - CARTA RÉGIA - DE 14 DE SETEMBRO DE 1820 Approva o estabelecimento de um collegio de educação creado na Villa do Recife, em Pernambuco. Luiz do Rego Barreto, do meu Conselho, Governador e Capitão General da Capitania de Pernambuco, Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Tendo-me representado Antoruo Jacintho Xavier Cabral, que elle formara nessa Villa do Recife o importante estabelecimnto de um collegio de educação; **para nelle instruir a mocidade, provendo-o de bons mestres de primeiras lettras, das linguas ingleza e franceza, de arithmetica, geometria, desenho civil e militar**, supplicando-me que Eu houvesse por bem prestar-lhe os convenientes auxílios, para a conservação e bom exito de uma tão util empreza; e merecendo a minha Real consideração não só o supplicante, pela sua perícia na arte do desenho, e louvavel emprego dos seus talentos, como tambem o seu estabelecimento, pelos grandes interesses que resultam ao meu Real Serviço e ao Estado da boa educação da mocidade : -Hei por bem approvar o collegio de educação que elle tem estabelecido nessa villa, para continuar debaixo da vossa inspecção e dos vossos successores no governo dessa Capitania. E.sou outrosim servido que se lhe preste annualmente pelas rendas applicadas ao Seminario de Olinda um ordenado igual ao que vencem os professores de grammatica dessa villa; e que vagando ahi alguma cadeira, que deva escusar-se, se applique o ordenado, que lhe era proprio, para as despesas deste estabelecimento. O que me pareceu participar-vos, para que assim o tenhais entendido, e façais executar. Escripta no Palacio do Rio de Janeiro em 14 de Setembro de 1820 (Cartas de Lei, Alvarás, Decretos e Cartas Régias de 1820).

SE24 - DECRETO- DE I DE ABRIL DE 1813 Approva o plano dos Estudos de Cirurgia no Hospital da Misericordia do Rio de Janeiro. Tendo por Aviso de 18 de Março passado, mandado pôr em execução no Hospital da Santa Casa da Misericordia desta Côrte o Curso de Cirurgia que faz parte do de Medicina, que me proponho estabelecer neste Estado do Brazil: hei por bem approvar, para que lhe sirva de Estatutos, emquanto não dou mais amplas providencias, o plano de Estudos de Cirurgia que offereceu Manoel Luiz Alvares de Carvalho, Medico honorario da minha Real Camara, e Director dos Estudos de Medicina e Cirurgia nesta Côrte e Estado do Brazil, e que com este baixa assignado pelo Conde de Aguiar, do meu Conselho de Estado, Ministro Assistente ao despacho do Gabinete e Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Brasil, que assim o tenha entendido e o faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em I de Abril de 1813. Com a rubrica do Príncipe Regente Nosso Senhor. **Plano dos Estudos de Cirurgia I. Os Estudantes para serem matriculados no primeiro anno do Curso de Cirurgia, devem saber ler e escrever correctamente. II. Bom será que entendam as linguas franceza e ingleza mas esperar-se-ha pelo exame da primeira, até á primeira matricula do segundo anno, e pelo da ingleza, até á do terceiro** (Cartas de Lei, Alvarás, Decretos e Cartas Régias de 1813).

O acontecimento da fundação da imprensa Nacional⁴⁵ figura como ruptura na sociedade brasileira da época do Brasil Império. Através desse

⁴⁴Disponível em <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio/colecao1.html> Acesso em 18 dez 2016.

⁴⁵Disponível em <http://portal.impresnanacional.gov.br/acesso-a-informacao/institucional/a-imprensa-nacional> Acesso em 18 dez. 2016.

acontecimento, surge a possibilidade de aparecimento dos discursos na materialidade impressa do cotidiano brasileiro. Essa materialidade torna possível o enunciado ser apresentado em formato capaz de ser registrado. Nesse veículo, o enunciado pode circular, mas isso não garante seu lugar na ordem do discurso, pois, seguindo as regras anônimas do discurso, ele pode aparecer e desaparecer de acordo com o que puder ser dito. E essa possibilidade de se exercer a função enunciativa dá vazão às práticas discursivas.

Seguindo essas práticas discursivas, em todas as SEs acima verificamos que a regularidade está no uso da língua inglesa. Nesse contexto, observamos a relação dessa regularidade nas SEs com o a priori que traz consigo a historicidade do discurso do uso da LE inglesa. Todos os recortes trazem a via Brasil-Inglaterra/EUA e não o contrário. Nesse cenário, compreendemos que a direção das relações entre os países Brasil/Inglaterra e Brasil/EUA estão ligadas por enunciados de outros campos do saber, como os da economia, da política, da pedagogia, para citar apenas esses.

A ordem do discurso propaga seus efeitos nos vários campos do saber, que fazem as SEs convergirem para a naturalização da ideia sobre a importância de saber a língua inglesa para: a) ir para a Inglaterra ou para os EUA por questões acadêmicas SEs17,18,19,20; b) aprender o idioma com alguém nativo de um desses países SEs14 e 15; c) aprender uma LE em instituição de ensino brasileira SEs16, 22, 23 e24.

Dessa forma, tendo em vista que “a história serial define seu objeto a partir de um conjunto de documentos dos quais ela dispõe” (FOUCAULT, 2015b, p.304), por meio do recorte de enunciados acima dispostos, verificamos que o poder dos ingleses e dos americanos colaborou para a construção de um conjunto de relações que fortalece o dispositivo da língua moderna inglesa e da globalização. Freire (1977, p.106) compartilha com seus leitores que

[...] os almanaques e os registros comerciais do Rio de Janeiro, na Bahia e do Recife da primeira metade do século XIX estão cheios de nomes ingleses. Gente estabelecida nas cidades mais importantes do litoral brasileiro com armazéns de fazendas, ferragens, tintas, louças, cutelaria, fundições, oficinas, casas de leiloeiro, escritórios comerciais, hotéis,

*shipchandlers*⁴⁶. Também alguns médicos e professores da língua inglesa. E vários engenheiros, técnicos, governantes, dançarinos, mágicos.

Esse cotidiano brasileiro do século XIX, repleto de influências britânicas, é efeito da ordem que já se tinha em Portugal. Vicente (1993, p.200) verifica que “no campo da política exterior, Portugal mantinha-se fiel, desde 1386, à aliança com a Inglaterra”. Uma vez que o Brasil se fez sede da monarquia portuguesa, as redes discursivas entre essas três nações foram bastante intensas durante um período.

Nessa escavação *microarqueogenológica* ainda sobre o envolvimento do Brasil com a Inglaterra e com os EUA, também notamos rupturas, como está discursivizado nas SEs14 e 15 em relação ao envolvimento do Brasil com a Inglaterra, e nas SEs16 e 17, em que aparece o envolvimento do Brasil com os EUA.

Nesse ponto de vista, o acontecimento da Revolução Industrial está para a relação com a Inglaterra e o pós-guerra está para a relação com os EUA. As relações econômicas e sociais mudam e, portanto, no pós-guerra e início da guerra fria, como mostra a SE16, temos os EUA liderando certas questões em relação ao Brasil e isso associado à implantação do Plano Marshall⁴⁷, que remete ao cenário mundial. Dessa forma o idioma inglês se consolida como dispositivo ao ter o poder econômico a seu lado.

Seguindo essa linha de raciocínio, as SEs reverberam efeitos de verdade, como a ressonância acústica regida pelas leis do campo da física, em outros termos, verificamos um silenciamento, um não dito, em relação ao remanejamento da formação de professores, a governamentalidade em relação ao ensino do dispositivo da LE no Brasil.

⁴⁶De acordo com o dicionário online Cambridge, disponível em < <http://dictionary.cambridge.org/> > Acesso em 20 dez 2016 o significado de *shipchandlers* é: negociantes de equipamento/abastecimento de navios.

⁴⁷De acordo com o dicionário político disponível em < https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/p/plano_marshall.htm > o Plano Marshall foi o “plano elaborado pelos Estados Unidos e destinado à recuperação dos países da Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial. Seu nome oficial era Programa de Recuperação Europeia, mas ficou conhecido como nome do Secretário de Estado George Marshall. O Plano foi elaborado após uma reunião com os países europeus em julho de 1947. A União Soviética e os países da Europa Oriental foram convidados a participar, mas se recusaram. Durante os seus quatro anos de funcionamento transferiu cerca de 13 bilhões de dólares (em valores da época) a título de assistência técnica e econômica”.

A regularidade presente na ordem sobre o status dos nativos ingleses em terras brasileiras é evidenciado na SE21, pois um marceneiro escravizado não apresentava na ordem o mesmo prestígio que um marceneiro estrangeiro inglês.

A educação feminina também está na SE16 atravessada pela Academia para Instrução⁴⁸ de Meninas pelo discurso da religião e moral da época. No movimento da história, esse modelo de abordagem disciplinar visitou não só estabelecimentos de ensino, mas também ambientes de trabalho e de relações cotidianas, materializadas em locais como revistas, propagandas, moda. Nesse cenário, a LE inglesa poderia funcionar como dispositivo de status para a função sujeito a ser ocupada por essas figuras do sexo feminino.

Outro fator ligado aos dispositivos manifesta-se na relação com o campo militar. A SE22 apresenta a LE inglesa como parte da educação militar. Na SE19, ao lermos nos vetos ideológicos o efeito de verdade produzido pelo regime da ditadura, além da produção de verdade relacionada à amizade entre o Brasil e os EUA, momento histórico marcado por adidos norte-americanos e ingleses em vários setores do Brasil⁴⁹. Nesse quesito, lembramos do que Veiga-Neto (1999, p.14) discute sobre a governamentalidade. Para esse autor,

[...] a governamentalidade é máxima, no neoliberalismo. As palavras ditas por Foucault (1992, p.292) no início de 1978, em relação à governamentalização do Estado, parecem inteiramente válidas duas décadas depois: Desde o século XVIII, vivemos na era da governamentalidade. [...] a governamentalização do Estado foi o fenômeno que permitiu ao Estado sobreviver. Se o Estado é hoje o que é, é graças a esta governamentalidade, ao mesmo tempo interior e exterior ao Estado. São as táticas de governo que permitem definir a cada instante o que deve ou não competir ao Estado, o que é público ou privado, o que é ou não estatal, etc.; portanto, o Estado em sua sobrevivência e em seus limites, deve ser compreendido a partir das táticas gerais de governamentalidade.

⁴⁸ Grafia original da SE 3.

⁴⁹ Quanto aos adidos lemos em Afonso (2014, p.1) que “quando os Estados Unidos entraram na Guerra, em 1941, seu Departamento de Estado já possuía um sistema complexo e eficiente de espionagem e comunicação internacional. A edificação desse sistema, que contaria com agências especiais de inteligência, teria suporte, também, de homens da “inteligência”. Pensados pelo governo norte-americano desde a década de 30 eles seriam os Adidos Trabalhistas” Esta infiltração de acordo com Afonso (2014) foi responsável por enviar relatórios sobre o movimento operário no Brasil.

Na esteira dessa ordem discursiva, que não sabemos de onde vem (FOUCAULT, 2014a), teríamos a constituição de um programa, estabelecido pelo Governo Federal Brasileiro e chamado de CsF, que emerge nesse “aquário internacionalizante” e exige de seus participantes o aprendizado de uma LE e o envolvimento com ensino, pesquisa e estágio em universidade norte-americana.

O CsF foi instituído no governo de Dilma Rousseff. De acordo com o sítio do Programa CsF, o maior número de bolsas concedidas para a modalidade graduação sanduíche foi para os Estados Unidos da América.

Como a dificuldade de muitos participantes do CsF modalidade graduação era com a LE, foi criado o Programa “Inglês sem Fronteiras” (IsF)⁵⁰ que, posteriormente, recebeu o nome de “Programa Idioma sem Fronteiras-Inglês” (IsF). Tal programa abarcou, além da língua moderna inglesa, cursos chamados de piloto dos seguintes idiomas: francês, espanhol, italiano, alemão e o último curso a fazer parte desse piloto foi o japonês⁵¹.

Esse processo do IsF associado à ordem do discurso sugere a descontinuidade quando verificamos na SE24 a proposta do estudo e do exame da língua francesa vir primeiro do que o estudo e o exame da língua inglesa. No IsF a língua que veio primeiro e com o curso online mais completo para a comunidade acadêmica foi a LE inglesa, e em segundo lugar, o francês, mas com um impacto bem mais ameno.

O silêncio encontrado nas SEs está em torno da influência da Inglaterra e dos EUA em terras brasileiras não apresentar resultados eficientes para tornar a LE inglesa uma segunda língua para os brasileiros.

Nas SEs17, 18 e 20, constatamos a relação com o inglês, momento das relações com os EUA, mesmo que não seja mais uma relação com a língua inglesa da Inglaterra como grande potência. As regras mudaram para as relações político-econômicas e, por colorário, para as relações da ordem das LEs pelo mundo. Quanto a isso, Lemke (2007, p.17) afirma que

⁵⁰De acordo com o sítio do Idioma sem Fronteiras disponível em <<http://isf.mec.gov.br/ingles/pt-br/historico>> “em 18 de dezembro de 2012 foi o lançamento da Portaria do Programa Inglês sem Fronteiras pelo ministro Aloizio Mercadante.

⁵¹De acordo com o sítio do Idioma sem Fronteiras disponível em <<http://isf.mec.gov.br/ingles/pt-br/historico>> “O Idiomas sem Fronteiras - Inglês surgiu para atender a demandas do programa Ciência sem Fronteiras e outros programas de intercâmbio governamentais”

[...] a análise de Foucault de governamento combina a “microfísica do poder” que permaneceu centrada em questões de disciplina e normalização, com a questão macro-política do estado. Esta abordagem investiga como as relações de poder têm historicamente sido concentradas na forma do estado sem nunca terem sido reduzidas a isso.

Esse autor associou a obra de Foucault (2008a) com o ato de governar do estado e, para além disso, ressaltou a importância das relações de poder para serem analisadas. Assim, o macro universo institui o programa IsF que normatiza microfisicamente testes de proficiência⁵² e núcleos de língua estrangeira (NuLi)⁵³ nas IES brasileiras. Além dessas orientações, alunos e servidores das IES podem, após teste de proficiência TOEFL_ITP, solicitar acesso à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e utilizar o curso de inglês online *My English Online* (MEO), trazido ao ambiente universitário brasileiro pela CAPES, *National Geographic Learning*, *Cengage Learning* e Ministério da Educação.

Trabalhando sobre as questões de LE inglesa, Archanjo (2015, p.652) reconhece que

[...] não basta legislar sobre o que deve ser ensinado e em que nível. São necessários professores, e estes precisam de formação especializada. É preciso intercâmbio de conhecimento não apenas nas áreas elitizadas do conhecimento científico, mas igualmente naquelas que promovem a base para que este tipo de ciência se desenvolva. Políticas públicas e políticas linguísticas mais inclusivas representariam, assim, uma mudança de valores e de prioridades. Programas como o CsF criam esta necessidade e nos levam a reagir para acompanhar sua velocidade e expansão. A globalização é um fato e o domínio de uma ou mais línguas estrangeiras é uma competência necessária. Dadas as ambições do país, é hora do Brasil avaliar suas

⁵²As IES brasileiras foram chamadas a participar como centros aplicadores junto ao MASTERTEST (empresa brasileira responsável por distribuir os testes TOEFL-ITP, TOEIC, mais informações disponíveis em: <<http://www.mastertest.com.br/quem-somos/>>) para oferecerem aos alunos e servidores das IES a prova do TOEFL-ITP paga pelo governo sem ônus para os participantes. A empresa norte-americana responsável pelos exames TOEFL-ITP, TOEIC, entre outros é a Educational Testing Service (ETS), empresa cujos líderes figuram como empresários e vendem os testes por vários países do mundo. Mais informações estão disponíveis em: <<https://www.ets.org/about/faq>>.

⁵³De acordo com o sítio do Programa IsF disponível em: <http://isf.mec.gov.br/ingles/images/Edital1_2013_ISF_assinado.pdf> a partir de 2013 “os Núcleos de Língua Estrangeira (NuLi) serão responsáveis pelo desenvolvimento de projetos de ensino de língua inglesa para estudantes de graduação, potenciais participantes do Programa CsF, em primeira instância, regularmente matriculados em universidades federais”.

próprias políticas e prover condições para que as transformações aconteçam sobre bases planejadas e não sobre alicerces adicionados ao sabor dos acontecimentos.

Nesse sentido, o discurso no campo acadêmico dá visibilidade e faz salientar o dispositivo da globalização, em que o dispositivo da língua estrangeira moderna inglesa conquistou o status de poder-saber. Em 2016, aconteceu o 32º Encontro Nacional dos Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação (XXXII ENPROP) cuja programação consta da mesa redonda: Programa Ciência sem Fronteiras e Cooperação Internacional.

Entre todas as áreas a UTFPR é a décima instituição a enviar alunos para o Programa CsF (UTFPR, 2015). Em termos de preferência em relação ao país escolhido pelos alunos da UTFPR, os Estados Unidos é o país com mais alunos, seguido pela Alemanha, pelo Canadá, pelo Reino Unido e pela França (UTFPR, 2015). De acordo com Brasil (2012b, p.165),

[...] nos Estados Unidos, o processo de internacionalização do ensino superior continuará com o ritmo de ampliação observado nas últimas décadas em todos os seus aspectos. São três os fatores principais que contribuem nessa direção: (1) consenso sobre a importância da internacionalização entre os diversos atores (governos, academia, empresas) envolvidos no planejamento, no apoio e na execução de programas voltados para o intercâmbio e a educação internacional; (2) massa crítica acumulada e capacidade administrativa desenvolvida em décadas de operação de tais programas; e (3) a atração global exercida pela qualidade e amplitude do sistema universitário norte-americano.

Observamos que o próprio início do programa já foi direcionado aos EUA, quanto a isso, Schwartzman (2012, p.26) menciona que

[...] os Estados Unidos são o principal destino dos estudantes brasileiros que vão para o exterior. Dados do Institute of International Education (IIE) indicam que 8.777 brasileiros estudavam naquele país em 2010-2011, número muito aquém de países como China (158 mil), Índia (104 mil), Coreia (73 mil) ou México (13 mil).

A partir dessas informações, o destino preferido dos alunos da UTFPR corrobora com a expectativa dos EUA como local de maior incidência de bolsistas e mostra que desde a época do CBAI, essa relação com os EUA estava instituída como governamentalidade educacional e econômica entre os dois países.

Constatamos nesse capítulo que o programa CsF, a LE inglesa e a globalização são dispositivos de governamentalidade. Para tanto fizemos menção ao biopoder (disciplina e biopolítica).

No movimento de discussão do *corpus* debruçamo-nos sobre os conceitos de governamentalidade e dispositivo para analisarmos as SEs. Nesse sentido, verificamos, no sistema de governamentalidade de biopoder, que os dispositivos língua moderna inglesa, globalização e CsF são acionados e, através deles, expressam-se ‘verdades’, as quais são resumidas no quadro 3.

Quadro 3 – Dispositivos de governamentalidade

DISPOSITIVOS (máquinas de fazer falar) DE GOVERNAMENTALIDADE	O QUE SE FALA A PARTIR DOS DISPOSITIVOS
<p align="center">Língua moderna inglesa e Globalização</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Relação histórica do uso da LE inglesa no Brasil via influência de países como Inglaterra e EUA; - Importância de saber a LE inglesa para: a) ir para EUA em IES; b) aprender inglês com nativos; c) aprender inglês em IE brasileira; - Uso do inglês como língua da globalização a partir do pós-segunda guerra; - Nativos americanos e ingleses têm status no Brasil; - Criação do ISF, NUCLi e aplicações mais frequentes de testes de proficiência em LE inglesa; - Associação econômica e política relacionada ao uso da LE inglesa como língua franca da globalização.
<p align="center">Programa CsF</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Importância do programa CsF na educação brasileira; - CsF como oportunidade para estudantes das IES; - Mobilidade; - Relação globalizada entre as IES de diversos países; - Recursos financeiros para manter bolsistas e programas; - Especialização da mão de obra; - Internacionalização como oportunidade de crescimento das IES brasileiras.

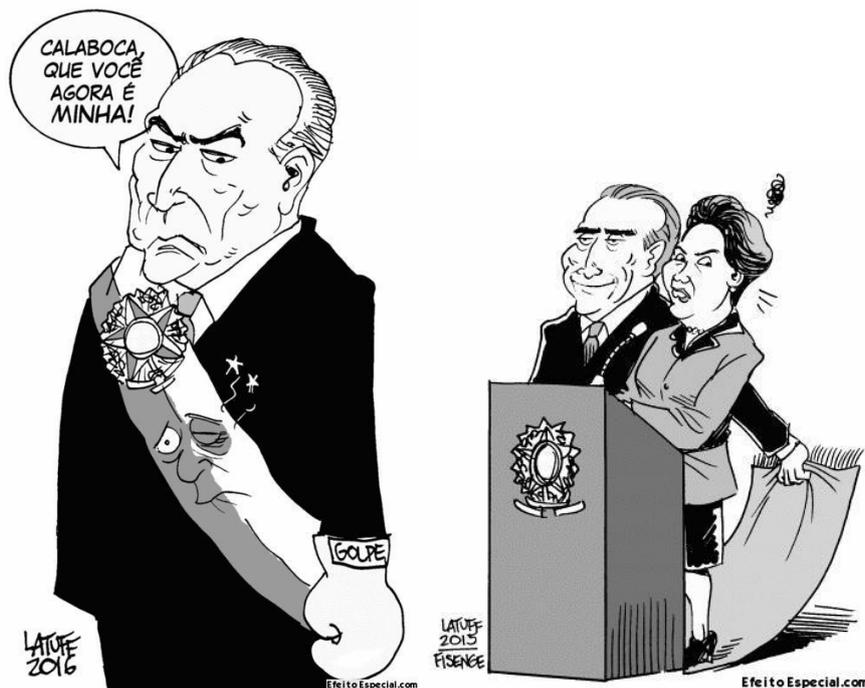
Fonte: a autora.

A partir do quadro, podemos compreender a governamentalidade pela via do biopoder conduzindo corpos, por meio de um processo de normalização

que leva os dispositivos de língua estrangeira, globalização e CsF a operarem esse processo de modo a incitarem os corpos a enunciarem determinadas 'verdades', como as descritas no quadro.

Isso, de uma certa forma, induz esses corpos a cooperarem com a lógica neoliberal do momento histórico em que estão inseridos. Foucault (1995) alerta, contudo, para o fato de que todo poder ter a possibilidade de gerar resistência e que nem todos os corpos vão operar e cooperar o tempo todo pela manutenção da lógica neoliberal. Momentos de lucidez e resistência são possíveis e passíveis de ocorrer em todos os microespaços em que os micropoderes e macropoderes atuam.

Dito isso, prosseguimos para essa reflexão no próximo capítulo, no qual buscamos reunir aproximações dos efeitos do programa CsF observados nos sujeitos enunciadoreis do *corpus* dessa pesquisa.



Fonte:Latuffcartoons⁵⁴

CAPÍTULO 4 - EFEITOS DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS: APROXIMAÇÕES

“Uma imagem vale mais do que mil palavras”, esse dito popular auxilia a pensarmos sobre os efeitos da imagem acima no leitor que acompanha o momento histórico brasileiro em que a troca abrupta de líderes de Estado se faz de forma politicamente complicada. Dessa maneira, ao verificarmos a transição das lideranças, presenciamos efeitos nas ações políticas desenvolvidas em (des) continuidade em relação ao programa CsF.

Encontramos no sítio do CsF os seguintes objetivos: investir na formação de pessoal altamente qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento; aumentar a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições de excelência no exterior; promover a inserção internacional das instituições brasileiras pela abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros; ampliar o conhecimento inovador de pessoal das

⁵⁴ Disponível em < <https://latuffcartoons.wordpress.com/2016/05/12/charges-do-impeachment-de-dilma-rousseff/> > Acesso em 21 nov. 2016.

indústrias tecnológicas; atrair jovens talentos científicos e investigadores altamente qualificados para trabalhar no Brasil. Nesse capítulo, procuramos estabelecer aproximações com os objetivos desse programa e verificar os efeitos de poder-saber do CsF vinculados às séries enunciativas recortadas nessa tese.

Para tanto, esse capítulo é organizado primeiramente, relacionando a educação e internacionalização, posteriormente apresentamos os efeitos de governamentalidade do CsF UTFPR-FB. Logo após, discutimos sobre os efeitos de subjetivação e efeitos de resistência. Finalizamos, associando o CsF na UTFPR-FB com os efeitos abordados no decorrer do capítulo.

1.Educação & internacionalização

Para tratarmos do assunto educação e internacionalização frente ao referencial arquegenealógico que utilizamos nessa pesquisa, buscamos em Gallo (2014, p.1) a discussão sobre a inserção de Foucault no campo educacional. Assim,

Foucault tratou diretamente de questões relativas à Educação apenas em Vigiar e punir, mais especificamente na parte sobre a disciplina, e nos cursos finais, sobre os modos de subjetivação na Antiguidade, nos quais aparecem comentários pontuais, muitas vezes críticos, à Pedagogia. Entretanto, sua obra foi apropriada por pesquisadores do campo da Educação, dando origem a uma prolífica produção.

Logo, adicionamos a essa discussão o fato de que Foucault (2014a) abre um questionamento sobre

[...] o que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra [fala]; senão uma qualificação e uma fixação de papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 2014a, p. 44-45)

Nessa ritualização, e fixação de papéis com relação ao campo do saber educacional, podemos citar a existência de práticas instaurando regimes de verdade que vão formando dispositivos de poder-saber que inscrevem no mundo dito real novidades construídas que parecem ser as únicas verdades possíveis para determinado tempo histórico. De acordo com Amos et al (2008,

p.122), no Brasil “até os anos 60 o modelo de ensino superior ainda era baseado na educação profissionalizante, sem muita preocupação com a pesquisa”. Ao olharmos para nossa história, vemos que

[...] o Brasil chegou tarde ao mundo da educação superior, ciência e tecnologia e, quando o fez, foi sempre importando pessoas e ideias da Europa e, mais tarde, dos Estados Unidos. Os espanhóis criaram universidades nas colônias no século 16 (México, República Dominicana, Peru e Colômbia) e outras no século 17. Em contraste, Portugal não permitiu a abertura de instituições de estudos superiores no Brasil até a vinda da família real. Todas foram moldadas nos modelos franceses. A matrícula total no país não passaria de algumas centenas e, ao longo do século 19, essa realidade pouco mudou. A nobreza e a nova burguesia, se interessadas em um ensino melhor, destino era a França, vista como o modelo de civilização e cultura que nossas elites deveriam emular, apesar da maior preeminência britânica no Brasil na área econômica (SCHWARTZMAN, 2012, p.26-27).

Dessa forma, verificamos que as “verdades” que têm regido os séculos de educação superior no Brasil fazem parte de “verdades” vindas de outros países. Primeiro, a Europa depois os EUA, o que nos faz perceber o acontecimento/dispositivo CsF como efeito de seu tempo histórico. Para a retomada de elementos da história da pesquisa e da tecnologia no Brasil, Schwartzman (2012, p.27) contribui dizendo que

[...] ao longo do século 19, as primeiras instituições de pesquisa e tecnologia criadas no Brasil foram lideradas por estrangeiros, que vieram para cá trazidos por D. Pedro II. Vários outros vieram na primeira metade do século 20, escapando das guerras na Europa. É desta combinação de imigrantes, brasileiros educados no exterior e seus discípulos no país que se desenvolvem a ciência e a tecnologia brasileiras, que se ampliam cada vez mais, a partir da Segunda Guerra Mundial.

Dessa maneira, compreendemos que o ensino superior e a pesquisa são recentes no Brasil e motivados a partir de uma amálgama de saberes formados em outro momento histórico, sendo efeitos de relações poder-saber bem diferenciadas, se pensarmos na realidade do Brasil, por isso, ao nos atentarmos para o acontecimento/dispositivo CsF, relacionamos o programa aos dois órgãos de fomento que foram criados para estimular a pós-graduação no Brasil, mesmo que nesse trabalho estejamos analisando as SEs advindas

das confissões de egressos e gestores de um programa sanduíche, modalidade graduação.

Acerca disso, Morosini⁵⁵ (2008, p.293) afirma que

[...] no Brasil a internacionalização da educação superior sempre veio acoplada ao desenvolvimento dos programas de pós-graduação. Esses são fomentados pela cooperação internacional apoiada pelas duas principais agências governamentais – o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Essa associação entre internacionalização da educação superior e pós-graduação *stricto sensu* voltou a ser uma continuidade, uma vez que a descontinuidade existente com a internacionalização no CsF modalidade graduação sofreu mudanças a partir de 2016⁵⁶, quando o governo brasileiro atesta o término do CsF para alunos de graduação. Caso haja recursos financeiros em 2017 o governo investirá nos estudantes de pós-graduação. Essa prática de enviar alunos de pós-graduação das IES brasileiras para o exterior foi uma ação mais frequente de agências de fomento como CAPES e CNPq.

O Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) foi criado pela Lei nº 1.310 de 15 de janeiro de 1951⁵⁷. No artigo terceiro, desse documento é dito que compete ao Conselho,

a) promover investigações científicas e tecnológicas por iniciativa própria, ou em colaboração com outras instituições do país ou do exterior; b) estimular a realização de pesquisas científicas ou tecnológicas em outras instituições oficiais ou particulares, concedendo-lhes os recursos necessários, sob a forma de auxílios especiais, para aquisição de material, contrato e remuneração de pessoal e para quaisquer outras providências condizentes com os objetivos visados; c) auxiliar a formação e o aperfeiçoamento de pesquisadores e técnicos, organizando ou cooperando na organização de cursos especializados, sob a orientação de professores nacionais ou estrangeiros, concedendo bolsas de estudo ou de pesquisa e

⁵⁵ Marília Costa Morosini é pesquisadora e professora na PUCRS e trabalha com os temas educação superior, qualidade da educação superior, formação de professores, internacionalização da Educação Superior, diversidade e equidade na Educação Superior.

⁵⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/07/governo-acaba-com-ciencia-sem-fronteiras-para-cursos-de-graduacao.html>> Acesso em: 23 nov 2016.

⁵⁷ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L1310.htm> Acesso em: 24 set. 2017.

promovendo estágios em instituições técnico-científicas e em estabelecimentos industriais no país ou no exterior; d) cooperar com as universidades e os institutos de ensino superior no desenvolvimento da pesquisa científica e na formação de pesquisadores; e) entrar em entendimento com as instituições, que desenvolvem pesquisas, a fim de articular-lhes as atividades para melhor aproveitamento de esforços e recursos; f) manter-se em relação com instituições nacionais e estrangeiras para intercâmbio de documentação técnico-científica e participação nas reuniões e congressos, promovidos no país e no exterior, para estudo de temas de interesse comum; g) emitir pareceres e prestar informações sobre assuntos pertinentes às suas atividades e que sejam solicitados por órgão oficial; h) sugerir aos poderes competentes quaisquer providências, que considere necessárias à realização de seus objetivos.

Criação recente na história do ensino brasileiro, o CNPq, em meio as suas competências, apresenta no item f) um elemento da internacionalização, o que possibilita visualizar o interesse no acesso a outros países pelas IES. Outro fator de destaque é o componente técnico-tecnológico, que está representado nos itens a, b, f. Assim, além do CNPq, em julho do mesmo ano de 1951⁵⁸ é criada a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que atualmente apresenta as seguintes atividades:

- avaliação da pós-graduação *stricto sensu*;
- acesso e divulgação da produção científica;
- investimentos na formação de recursos de alto nível no país e exterior;
- promoção da cooperação científica internacional.
- indução e fomento da formação inicial e continuada de professores para a educação básica nos formatos presencial e a distância.

Assim como o CNPq, a CAPES também apresenta um item sobre a internacionalização, o que atualmente encontra-se na agenda da política internacional, porém, ao nos depararmos com a história da CAPES⁵⁹, verificamos que

[...] em 1953, é implantado o Programa Universitário, principal linha da CAPES junto às universidades e institutos de ensino superior. Teixeira contrata professores visitantes estrangeiros, estimula atividades de intercâmbio e cooperação entre

⁵⁸Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-29741-11-julho-1951-336144-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 24 set. 2017.

⁵⁹ Idem 58.

instituições, concede bolsas de estudos e apóia eventos de natureza científica. Nesse mesmo ano foram concedidas 79 bolsas: 2 para formação no país, 23 de aperfeiçoamento no país e 54 no exterior. No ano seguinte, foram 155: 32 para formação, 51 de aperfeiçoamento e 72 no exterior.

Logo, constatamos que desde a criação dos órgãos de fomento federais CNPq e CAPES existiu uma preocupação com a internacionalização no interior das IES. Compreendemos que esse interesse está aliado à história e às questões econômicas e políticas, igualmente esse registro nos documentos ensaiam os passos do que foi em 2011 a criação do programa CsF.

Nesse movimento de observar os efeitos da governamentalidade, no programa CsF, apoiamo-nos em Lemke (2007, p.16-18), para quem

[...] o conceito de governamentalidade prova ser útil ao corrigir o diagnóstico do neo-liberalismo como uma expansão da economia em política, uma vez que nos ajuda a ir além da posição teórica que presume a separação do estado e mercado [...] em outras palavras, a diferença entre estado e sociedade, política e economia não funciona como fundação ou fronteira, mas como um elemento e efeito de tecnologias específicas de governamentalidade.

Nesse caso, ao examinarmos as estratégias de governamentalidade relacionadas ao CsF nos quesitos ensino, estágio e pesquisa, constatamos de que o programa CsF e seus atributos não estão restritos a uma política de internacionalização nas IES, mas estão conectados a incontáveis redes geradas em diversos campos do conhecimento. Seria o que Bauman (1999, p.8) afirma sobre o fato de que

[...] todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. E no entanto os efeitos dessa nova condição são radicalmente desiguais. Alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente “globais”; alguns se fixam na sua “localidade” – transe que não é nem agradável nem suportável num mundo em que os “globais” dão o tom e fazem as regras do jogo da vida.

No contexto da globalização, os sujeitos são levados a perceberem esse efeito de mobilidade através da mídia, da economia, das relações culturais, entre outras possibilidades. Atravessados por esse jogo poder-saber que não atinge a todos os sujeitos com a mesma intensidade, tanto para os locais de ocupação desses sujeitos, como para a resistência consciente deles mesmos.

Sobre tal aspecto, retomamos Foucault (2008a, p.289), quando faz uma reflexão sobre a arte de governar, nos seguintes termos:

[...] a população aparece, portanto, mais como fim e instrumento do governo que como força do soberano; a população aparece como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo; como consciente, frente ao governo, daquilo que ela quer e inconsciente em relação àquilo que se quer que ela faça.

Dessarte, no movimento da globalização, a internacionalização das IES cria “gatilhos”, dispositivos que geram necessidades muitas vezes inconscientes para os sujeitos inseridos nas IES, empresas, no mundo. Nesse movimento, Veyne (2011, p.166) acrescenta ainda que

[...] o discurso se impõe como um *a priori* histórico; e, aos olhos dos contemporâneos, só serão reputados dizer a verdade, só serão aceitos “no jogo do verdadeiro e do falso” aqueles que falarem em conformidade com o discurso do momento; ao passo que, do outro lado, as práticas discursivas serão exercitadas como evidentes.

Essa evidência que Veyne aponta nem sempre é questionada em nossas práticas discursivas, elas se naturalizam e se fortalecem até que no “jogo do verdadeiro e do falso” outras práticas sejam exercidas como óbvias. Dessa forma, pensar em um programa de mobilidade internacional para graduandos foi instaurar esse acontecimento, essa nova forma de pensar a internacionalização naquele momento histórico. Nesse contexto, o programa CsF foi lançado como uma ação de internacionalização das IES.

Em outras palavras, é o que encontramos em Morosini (2017, p.1) para quem

[...] a internacionalização da educação superior vem se constituindo em um dos principais motes da universidade na contemporaneidade. Via de regra, ela está relacionada à qualidade, à excelência, à inovação, ao conhecimento e a outros diferentes temas, destacando-se, na grande parte das vezes, a contribuição positiva dessa presença.

Assim, o programa CsF acaba lançando efeitos do verdadeiro e falso sobre o programa brasileiro que envia alunos das IES brasileiras para o exterior. O CsF ainda responde biopoliticamente como uma forma de governar uma coletividade presente em IES. Nessa perspectiva, Bacca et al (2004, p.163), afirmam que

[...] governar, portanto, é fazer obedecer e obedecer e construir-se subjetivamente. Governar, portanto, é fazer obedecer em nível individual e coletivo, ou seja, no nível da construção da individualidade e da regulação das populações. [...] De novo aqui Foucault vai para a Idade Clássica (século 17), tentando verificar como se faz o governo das populações, ou seja, como se consegue fazer obedecer uma população inteira. No caso da sociedade de soberania é fazer obedecer ao soberano. Qual é a forma, a tecnologia de governo que a soberania exerce, a partir da qual ele, o soberano, é obedecido por uma população muito grande?

Essa vinculação entre fazer obedecer e obedecer por meio do biopoder, da biopolítica ou da governamentalidade orientam o processo de subjetivação, que de acordo com Revel (2005, p.82) designa

[...] designa, para Foucault, um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade. Os "modos de subjetivação" ou "processos de subjetivação" do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos - o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência.

Nesse enquadramento, o sujeito se encontra nas relações de poder-saber, assimilando, nesta conjuntura, os modos de subjetivação. Desse modo, o sujeito passa a fazer parte de um jogo de identidades reconhecidas como determinadas pelos atravessamentos de jogos de poder-saber em que está imerso. Seguindo esse raciocínio o sujeito não é mais aquele fundante, mas é aquele formado pelas experiências múltiplas em inúmeras práticas e relações. Dessa forma, associar o sujeito acadêmico com o jogo de relações estabelecidos na sociedade do tempo histórico do CsF pode sinalizar para algo que Foucault (2015a, p.151-152) questiona:

A lucidez e a inteligência dessa classe [a classe burguesa], que conquistou e manteve o poder nas condições que conhecemos, produzem realmente efeitos de burrice e cegueira, mas onde, a não ser precisamente na comunidade de intelectuais? É possível definir os intelectuais como aqueles sobre os quais a inteligência da burguesia produz efeitos de cegueira e burrice.

Esse questionamento se faz no calor do curso do Collège de France na época em que Foucault ainda estava proferindo seus cursos, entretanto esse

momento histórico indica que os intelectuais ainda parecem estar cegos para alguns fatos relacionados ao momento em que a educação se internacionaliza. Percebemos isso na fala do professor Vladimir Pinheiro Safatle⁶⁰ ao fazer parte do seminário internacional da USP: As razões do agir – universidade e sociedade na crise da globalização (08/08/2017)⁶¹ O professor relata que

[...] nós vivemos em um movimento globalizado de bloqueio das relações entre universidade e sociedade civil [...] as universidades se transformaram em guetos de luxo, que é um misto de agências de viagens para colóquios internacionais e consumo de produtos culturais globais com espaço para a produção especializada de um saber cujos resultados muitas vezes são sequer publicados na língua nacional de seus países, já que a transformação do inglês em uma espécie de língua franca implica retornar a uma situação medieval na qual a classe intelectual não pode mais sequer ser lida pela população nacional da qual ela faz parte porque a população não entende, como se ela estivesse falando latim.

Nesse retorno a uma situação medieval em que a própria nação não consegue ler os resultados dos trabalhos produzidos em âmbito nacional se faz relação com a época em que o conhecimento era “escondido” em latim. Temos através da reflexão do professor Safatle um espaço de resistência, de contrariedade à ordem do discurso que rege a academia. Para Rajagopalan (2005, p.149)

[...] estima-se que perto de 1,5 bilhão de pessoas no mundo – isto é ¼ da população mundial – já possui algum grau de conhecimento da língua inglesa e/ou se encontra na situação de lidar com ela no seu dia-a-dia. Acrescente-se a isso o fato ainda mais impressionante de que algo em torno de 80 a 90% da divulgação do conhecimento científico ocorre em inglês.

Assim sendo, é nesse contexto globalizado em que o inglês como língua franca domina a linguagem da produção do poder-saber que verificamos os efeitos de governamentalidade na UTFPR relacionados ao programa CsF.

⁶⁰ Professor livre docente da USP.

⁶¹ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=90JKEKlZyXs>>.

2. Efeitos de governamentalidade na UTFPR: o Programa Ciência sem Fronteiras UTFPR-FB

A partir do acontecimento CsF, na educação brasileira, o enunciado ciência sem fronteiras vem operando como dispositivo no campo educacional brasileiro, produzindo efeitos de governamentalidade. O efeito disso é que os sujeitos já não são mais simples acadêmicos/as das IES, mas egressos do CsF, um sujeito que foi exposto a outros dispositivos, outros processos de governamentalidade, outros acontecimentos. Esse sujeito retorna à instituição de origem marcado ora como sujeitado, ora como resistente à ordem do discurso vigente.

O Brasil no processo abolicionista foi lentamente entrando em outra ordem do discurso. Assim, em meio ao desenvolvimento de uma estratégia de governo que utilizava a política de branqueamento como regime de verdade para não receber na sociedade a população anteriormente relacionada à outra ordem, tivemos no Brasil um período de campanha de imigração⁶².

E foi nesse movimento de ruptura e nesse pot-pourri de idiomas que, de acordo com Leite (2010, p.13), “a assinatura do Decreto Federal nº 7566/09, de 23 de setembro de 1909, estabeleceu a criação de escolas de aprendizes artífices em todos os estados da Federação”. Já mais adiante, em outro momento de ruptura, no regime de verdade do pós-segunda guerra mundial especificamente

[...] no ano de 1946 foi criada a Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI), um programa de cooperação entre os governos do Brasil e dos Estados Unidos, que tinha por objetivo formar professores para atuar no ensino industrial. Através do CBAI, os Estados Unidos enviavam ao Brasil especialistas para o desenvolvimento do ensino industrial; e recebiam professores e técnicos brasileiros para serem treinados em seus centros de estudos (LEITE, 2010, p.47).

⁶²Andrews (1997, p.97) ao falar em seu artigo sobre a democracia racial afirma que “a tese do branqueamento [...] constituiu poderoso incentivo para que os políticos brasileiros acelerassem o processo do branqueamento, pela exclusão dos não-brancos do *pool* genético do Brasil e pela ampliação do componente europeu. A Constituição de 1891 proibiu a imigração africana e asiática para o país e os governos federal e estaduais da Primeira República (1891-1930) empreenderam esforços orquestrados no sentido de atrair a imigração europeia ao país. Tais esforços deram frutos na forma de 2,5 milhões de europeus que migraram para o Brasil entre 1890 e 1914, 987 mil com sua passagem de navio paga por subsídios do Estado”

Determinados dispositivos pedagógicos, como aquele que se constitui a partir da cooperação entre CBAI e MEC⁶³, impulsionam a formação tecnicista no Brasil e no que virá a ser a UTFPR em 2005. Em um movimento mais humanístico há na ETFPR, uma das etapas anteriores à UTFPR, efeitos de ações voltadas para a área das ciências humanas, como demonstra Leite (2010, p.74)⁶⁴

[...] a ETFPR, mesmo sendo uma referência no ensino tecnológico, incentivava e promovia cursos e eventos voltados a temas humanísticos, como a implantação do Clube de Línguas em 1973, a I Mostra Internacional de Filmes Super-8 em 1975, o I Encontro de Professores de Língua Portuguesa das Escolas Técnicas em 1978 e a I Feira do Livro Técnico em 1979.

Em virtude dessa ligação entre poder-saber, em que regimes de verdade posicionam regiões do globo em situação de mais ou menos poder, o idioma acompanha esse movimento. Leite (2010, p.50-52), ao organizar o material sobre os momentos anteriores à UTFPR, compartilha que

[...] com a chegada de Glover E. Tully, então Diretor Técnico de Ações da Divisão Educacional da CBAI, em fevereiro desse ano⁶⁵, começava o processo de mudança da parte pedagógica da Comissão [...] Um brasileiro e um norte-americano dividiam a direção do CPTP⁶⁶. [...] Participavam dos cursos professores, técnicos e instrutores de escolas federais, estaduais e municipais, do SENAI e entidades convidadas. Vindos de todas as regiões do Brasil, havia um custo a partir do traslado a Curitiba, sem contar as despesas decorrentes dos meses passados na cidade. A CBAI encarregava-se do custeio das passagens de ida e volta, das refeições (servidas no refeitório da escola), do material utilizado durante o curso, e ainda custeava a substituição dos cursistas nas instituições às quais estivessem vinculados.

Nesse âmbito, registramos que a língua estrangeira americana já estava presente na antiga Escola Técnica de Curitiba, que, posteriormente, viria a ser transformada em universidade tecnológica. No Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores, já eram realizados cursos por professores norte-

⁶³De acordo com o sítio disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/institucional/historia>> o Ministério da Educação (MEC) da forma como é conhecido atualmente vem de 1930.

⁶⁴ De acordo com o sítio do CNPq disponível em: <<http://cnpq.br/indicadores1>>. Acesso em: 9 nov. 2016 as ciências humanas fazem parte do rol de áreas de conhecimento listadas pelo CNPq.

⁶⁵Ano de 1957.

⁶⁶Centro de Pesquisas e Treinamento de Professores.

americanos nas instalações da ETC e custeados pela CBAI no interesse da formação técnica. No CsF UTFPR-FB, ainda se tem o interesse pela formação técnica, porém agora custeado pelo governo brasileiro. Veyne (2011, p.151-152) explica que

[...] a ciência se mantém e dura, sem a ajuda do céu das ideias, que não existe. É porque ela se elabora, escreve Foucault, sob a coerção de uma instituição, a da pesquisa universitária, e sob a regra de se conformar a um certo programa de rigor, sob pena de passar por não dizer o verdadeiro. Ela repousa sobre um dispositivo que, como já sabemos, é feito de regras, de tradições, de ensinamentos, de edifícios especiais, de instituições, de poderes etc., e que se consagra e perpetua a receita da ciência, “as regras de formação de enunciados aceitos como cientificamente verdadeiros”, o “jogo de verdade” científico, o dos êxitos e das aquisições, dos erros retificáveis e retificados.

Esse edifício especial na ETC já consagrava o que era pesquisa e formação de professores nos moldes expressos por Veyne. A instituição UTFPR e o jogo de verdade que institui ali o que é cientificamente correto em relação à internacionalização faz com que essa dita ciência circule na sociedade globalizada por meio do CsF.

Nesse movimento é possível questionar a quem o CsF está servindo, a quem a internacionalização interessa, uma vez que esse programa foi inédito para os estudantes brasileiros, já que pela primeira vez na história da educação brasileira estabeleceu-se um programa de internacionalização em massa para sete tipos diferentes de sujeitos: alunos de graduação, alunos de doutorado, alunos de pós-doutorado, jovens talentos, treinamento de especialistas em empresas e pesquisadores visitantes. Schwartzman (2012, p.28) assevera que

[...] um ponto que chama atenção na tradição das agências brasileiras é a continuidade. Ainda que o Brasil nunca tenha tido um programa da magnitude do CsF é possível afirmar que nenhum outro país manteve, sem interrupção (desde os anos 1970) e com recursos unicamente do Tesouro, programas de bolsas. Esta continuidade, tão pouco usual na nossa administração pública, tem resistido à alternância de governos e aos vícios patrimonialistas de boa parte de nosso serviço público. Graças a este esforço, o sistema brasileiro de pós-graduação e pesquisa é hoje o maior e o melhor estruturado da América Latina.

Levando em consideração que Schwartzman atribui ao sistema brasileiro posição de destaque no setor de pós-graduação e pesquisa, mencionando o programa CsF, podemos afirmar que a iniciativa do CsF foi algo que chamou a atenção de muitos brasileiros envolvidos na vida acadêmica. Porém, nem todos partilharam enunciados receptivos ao programa, pesquisadores como Silva Sobrinho (2014, p.54) afirmam que esse discurso de internacionalização em nosso país lembra muito

[...] um discurso que vai ao passado – “nós queremos, não só, como se fazia no Brasil do século do Império, da República Velha, mandar para Europa e Estados Unidos os jovens, apenas os jovens da elite brasileira” –, retorna e dissimula um distanciamento. No entanto, inscreve-se no repetível – “nós queremos mandar a elite, mas a elite intelectual, seja ela pobre ou rica”. Isto é, mantém-se no repetível das matrizes de sentidos da colonização, do capitalismo tardio, do subdesenvolvido e/ou dos países em desenvolvimento, da globalização, da mundialização e, sobretudo, do neoliberalismo. Busca, assim, manter a posição ideológica dominante, dos interesses das classes dominantes, no poder do Estado, produzindo efeito/trabalho no fazer científico, fazendo a ciência ser “fomentada”, ou ainda, ser “apropriada” pela propriedade privada e direcionada, cada vez mais estreitamente, pelos interesses do capital.

Na relação CsF e desejo de internacionalização, destaca-se que o conhecimento da LE inglesa deveria ter sido priorizado antes da ida dos acadêmicos para o exterior. Alfano (2016, p.1) escreve sobre o que Bauman pensa sobre o futuro líquido da educação, como segue,

[...] uma coisa certa é que, num cenário líquido, rápido e de mudanças imprevisíveis, a educação deve ser pensada durante a vida inteira. O resto vai depender de nossas escolhas dentro do que é possível para essa obrigação. E deixa eu enfatizar que esse “nós” que faz as escolhas não é limitado aos profissionais de educação. Para citar Will Stanton (*professor australiano*), que nos mantém alerta de que há muitos que pretendem ensinar nossos filhos apenas a obedecer: “Devemos aceitar autoridade como verdade em vez da verdade como autoridade”. Ele ainda diz: “O que é a mídia *mainstream* se não outra plataforma de ‘educação’ defendendo a autoridade como verdade? Nós sentamos em frente ao noticiário noturno e escutamos âncoras e repórteres nos dizendo o que pensar, a quem apontar nossos dedos, porque nosso país precisa ir para a guerra e com o que a gente deve se horrorizar”. Considere ainda o tremendo impacto da indústria da publicidade em nós mesmos ou no que as crianças

aprendem ou no que elas foram levadas a esquecer. Por exemplo, crianças não nascem inseguras. A publicidade é que as deixa apavoradas com o que as outras pessoas pensam delas.

Assim, o ensino da LE inglesa no cenário da educação brasileira aconteceu de forma líquida, sem investimentos pesados na formação docente e discente. Do mesmo modo, esse vácuo preenchido pela obediência e pela verdade da autoridade remete à ordem do discurso de uma sociedade educada na ordem jesuítica, colonial, militar e líquida. No andamento desse processo Veyne (2011, p.202) atesta que

[...] pensamos o tempo todo no interior de um discurso que não pode conhecer a si mesmo, mas que permite ao menos constatar que pensemos de maneira diferente da maneira como pensaram os homens de antigamente.

Então será que foi ou será possível fazer algo que seja desviado da ordem? Veiga-Neto (1999, p. 179) afirma que

[...] em outras palavras, a obra de Foucault constitui-se num divisor de águas entre, de um lado, as concepções tecnicistas, funcionalistas, críticas e estruturalistas e, de outro, as concepções pós-estruturalistas e culturalistas acerca da escola e seu papel na sociedade moderna.

Nesse sentido, aprendemos que com Foucault (2008a) as verdades são construídas no seu tempo e que as resistências são outras verdades re (construídas) em todos os espaços o tempo todo. Com isso, as verdades produzidas nessa tese mostram um programa chamado CsF que é marcado como acontecimento no interior da academia e atrelado aos nós da sociedade globalizada.

No que tange a essa discussão, Lemke (2007, p.18) nos leva a refletir sobre essas complexas estratégias de governamentalidade que circulam entre público e privado, macro e micro espaços, quando afirma que

[...] práticas, ao invés de objetos, estratégias ao invés de função, e tecnologias ao invés de instituição – isso certamente não é facilmente digerível mas pode ser que a receita para a teoria do estado que abre novas direções e áreas de pesquisa para análise e crítica política e proporcione um melhor entendimento da política atual e das transformações sociais.

Assim, nos damos conta de que as práticas discursivas tomam proporções avolumadas em torno da globalização e chegamos em 2016 com efeitos de verdade em relação ao processo de internacionalização. O exposto pode ser depreendido das SEs retiradas da última campanha para reitor da UTFPR, as quais expressam um engajamento com o enunciado sem fronteiras, pois o lema da campanha era “UTFPR rumo à classe mundial”, como verificamos abaixo,

RUMO À CLASSE MUNDIAL⁶⁷

- Buscar indicadores de excelência, visando ser universidade classe mundial.
- Expandir o processo de internacionalização.
- Inserir a UTFPR em rede mundial de universidades.
- Criar o Escritório de Relações Internacionais na Reitoria e consolidar os setores de Relações Internacionais nos campus.
- Fomentar para que todos os câmpus busquem acordos de internacionalização, conforme suas especificidades.
- Incrementar diferentes mecanismos de mobilidade com universidades estrangeiras parceiras para estudantes e servidores da UTFPR.
- Lançar editais em conjunto com instituições de outros países para o fortalecimento de pesquisa e consolidação de parcerias.
- Incrementar a atratividade da UTFPR para alunos e servidores de outros países (internationalization at home).
- Reformular os currículos dos cursos, promovendo a inovação, flexibilização curricular e a compatibilidade com currículos internacionais.
- Ampliar os programas de dupla diplomação nos diversos níveis, em todos os campus, e iniciar a oferta de curso com título conjunto (join degree).
- Incentivar e capacitar para a oferta de disciplinas em outros idiomas (Inglês, Espanhol, etc.).
- Ampliar a oferta interna de testes de proficiência em diferentes idiomas.
- Valorizar iniciativas que fortaleçam o aprendizado de outros idiomas.
- Ampliar as oportunidades de estágios culturais e linguísticos em universidades parceiras.
- Expandir e consolidar os cursos de pós-graduação, objetivando melhores conceitos CAPES e a internacionalização.
- Apoiar/criar centros de excelência em pesquisa, extensão e inovação.
- Articular a criação de parques tecnológicos internacionais valorizando a inovação, a geração de emprego e o domínio do conhecimento.

⁶⁷Disponível em: <<http://utfprrumoaoclassemundial.com.br/propostas/#1458500828818-e18c5c03-5f9a>>. Acesso em: 20 out. 2016.

-Incentivar eventos institucionais que promovam o conhecimento e aproximação entre os diferentes povos e culturas.

Esses enunciados que reforçam o dispositivo da internacionalização vêm ao encontro da notícia⁶⁸ do CNPq que anuncia que

[...] o novo presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Mário Neto Borges, enxerga nas parcerias com estados e empresas e na internacionalização da pesquisa um caminho para a ciência brasileira superar a falta de recursos.

Nesse encaminhamento, formam-se redes de discursos que ampliam e (re)significam o acontecimento do CsF em outros dispositivos de internacionalização. Um desses dispositivos é o próprio sítio do CsF, que noticia as experiências bem-sucedidas desenvolvidas por egressos do CsF de várias modalidades do programa. No campo associado desse referencial, que é o CsF, surgem sítios⁶⁹, programas midiáticos⁷⁰, materiais de divulgação⁷¹ em diferentes materialidades a partir desse evento.

Seguindo essa linha de pensamento encontramos regularidades nas notícias do sítio da UTFPR em relação aos convênios com instituições estrangeiras.

Logo, encontramos como regularidade nas notícias do sítio da UTFPR a relação dos convênios com instituições estrangeiras. Listamos, assim, uma sequência de manchetes das notícias do sítio da UTFPR em que a regularidade é a UTFPR e sua relação com outros países: -Dirigentes da UTFPR participam de Encontro de Internacionalização em Portugal⁷²; -

⁶⁸Disponível em: http://cnpq.br/web/guest/noticiasviews/-/journal_content/56_INSTANCE_a6MO/10157/5558830 Acesso em: 09 nov. 2016.

⁶⁹ “Ex-Ciência sem Fronteiras faz site com ‘guia de sobrevivência’ do bolsista” Disponível em: <http://blog.drall.com.br/ex-ciencia-sem-fronteiras-faz-site-com-guia-de-sobrevivencia-do-bolsista/> Acesso 20 dez 2016.

⁷⁰ Documentário produzido por TV Cultura “Graduados” em parceria com o Consulado dos Estados Unidos em São Paulo, destaca relatos e experiências de estudantes brasileiros que tiveram oportunidades de bolsas pelo Programa Ciência sem Fronteiras (CsF). Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=z674-90Mrhg>> Acesso 21 dez 2016.

⁷¹ “O bolsista de doutorado pleno no exterior pelo Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), Rafael Morais Chiaravalloti, acaba de lançar um livro que busca ajudar na discussão sobre a crise hídrica mundial”. Disponível em < cienciasemfronteiras.gov.br> Acesso em 20 dez 2016.

⁷²Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/diretorias-de-gestao/dircom/noticias/noticias/dirigentes-da-utfpr-participam-de-encontro-de-internacionalizacao-em-portugal>> Acesso em: 9 nov. 2016

Programa de intercâmbio Brafitec⁷³ abre inscrições para alunos de engenharia⁷⁴; -Acordo com universidade da Argentina será em ensino, pesquisa e desenvolvimento tecnológico⁷⁵; -Professores da UTFPR têm projetos aprovados em chamada do Confap e Academias Britânicas⁷⁶.

Além dessas manchetes, chama a atenção no sítio da CAPES o anúncio das novas regras que vão facilitar a validação de diplomas emitidos no exterior, um enunciado materializado em mídia digital e relacionado ao campo associado da internacionalização. Assim, percebendo a regularidade da noção de internacionalização na campanha 2016 para reitor da UTFPR e na agência de fomento da CAPES, conduzimos o trabalho para os efeitos de governamentalidade no CsF da UTFPR-FB. Quem ainda não aprendeu ou não está aprendendo a LE moderna inglesa está fora da ordem, essa conclusão é pertinente para o momento em que vivemos. Bacca et al (2004, p.163), ao se pronunciarem sobre governamentalidade, afirmam:

[...] não sei se vocês lembram de quando a gente explicitou o que é governar e ser governado na perspectiva foucaultiana. Referimo-nos a duas situações: fazer obedecer e obedecer; dizer aquilo que se é e confessar, assumindo uma construção de verdade que, na maioria das vezes – ou pelo menos no âmbito de nossa sociedade, desde o advento do cristianismo -, é uma verdade que está no outro, e não em si próprio. É uma verdade que nos é comunicada sobre nós mesmos.

Assim, trazendo a citação para a situação do CsF na UTFPR-FB, verificamos nos egressos o processo de confessar suas experiências nos EUA na condição de ocupantes da posição sujeito egressos do CsF, construindo suas verdades sobre a vida em uma universidade norte-americana por meio do CsF.

⁷³ De acordo com o sítio da UTFPR, disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/pro-reitorias/prorec/diretoria-de-relacoes-interinstitucionais/noticias/aberta-selecao-para-o-programa-brafitec-capes-2015> > Acesso em 9 nov. 2016, Brafitec é “Programa de intercâmbio universitário em engenharia com universidades francesas de tecnologia (Rede das UTs)”.

⁷⁴Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/diretorias-de-gestao/dircom/noticias/noticias/programa-de-intercambio-brafitec-abre-inscricoes-para-alunos-de-engenharia> Acesso em: 9 nov. 2016

⁷⁵Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/diretorias-de-gestao/dircom/noticias/noticias/acordo-com-universidade-de-misiones-da-argentina-tera-cooperacao-em-ensino-pesquisa-e-desenvolvimento-tecnologico> Acesso em: 9 nov. 2016

⁷⁶Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/diretorias-de-gestao/dircom/noticias/noticias/professores-da-utfpr-tem-projetos-aprovados-em-chamada-do-confap-e-academias-britanicas> Acesso em 9 nov. 2016.

Retomamos, nesse momento das análises, as palavras de Veiga-Neto (1999, p.2) segundo as quais

[...] o que passa, então, a ser cada vez mais problematizado será o Estado e não tanto o governante, devendo ser entendido o Estado muito mais em termos de sua população do que de seu território. É a partir dessas constatações que Foucault propõe o conceito de governamentalidade, que tanto aponta para uma razão ou tática de governo, uma racionalidade governamental que descobre a economia e que faz da população o seu principal objeto, quanto denota o "contato entre as tecnologias de dominação dos outros e as [tecnologias] voltadas para [a dominação] o eu".

Para inserir a problemática da confissão nas condições de existência do dispositivo no qual se constitui o programa educacional sob investigação, encontramos que, para Foucault (2010) o “eu” é apontado na forma de confissão, na forma de um sujeito que formula verdades sobre si, sobre suas experiências. Foucault (2008a, p.249) explica que

[...] por volta de meados do século XVI, assistiu-se ao aparecimento, ao lado das antigas técnicas de confissão, de uma série de procedimentos novos que foram aperfeiçoados no interior da instituição eclesiástica, com objetivos de purificação e de formação do pessoal eclesiástico: para os seminários e conventos, elaboraram-se técnicas minuciosas de explicitação discursiva da vida cotidiana, de auto-exame, de confissão, de direção de consciência, de relação dirigidos-diretores.

Dessarte, ao buscarmos a confissão dos egressos do CsF da UTFPR-FB e servidores no CsF, compreendemos que essas confissões fazem parte de uma construção de verdade assumida por egressos e servidores que, naquele momento em que narram seu envolvimento com o CsF, ocupam a posição sujeito de participante ou gestor do CsF na UTFPR-FB. Foucault (1995, p.232) afirma, “não é o poder, mas o sujeito que constitui o tema central de minha pesquisa”. Esse sujeito é foco da próxima seção da tese em que direcionamos o trabalho para os efeitos de sujeição advindos de nossas análises a partir dos enunciados que compõem o *corpus* dessa tese.

2.1 Efeitos de sujeição (ou assujeição)

Como já vimos anteriormente para Foucault (2014a) o sujeito é função e pode assumir várias funções dependendo da situação. Desse modo, os

egressos e os gestores da UTFPR vão assumindo funções diferenciadas ao longo de suas confissões e percebem o acontecimento/dispositivo de governamentalidade ora como resistência, ora como subjetivados às regras, ora expressam os não-ditos.

Podemos verificar que o dispositivo CsF se inscreve na sociedade e promove efeitos de verdade e falsidade que atingem os sujeitos de modos diferenciados. Assim, verificamos nas sequências enunciativas abaixo as possibilidades de leitura da história como acontecimento do CsF e seus efeitos de poder-saber nos modos como a função sujeito foi ocupada a partir das confissões narradas pelos egressos do CsF UTFPR-FB e servidores.

Evidencia-se que na objetivação os corpos são atravessados pelo exercício do poder ou, em outras palavras, são subjugados ou assujeitados. Assim, o sujeito é aquele que foi objetivado através de uma prática de poder e por isso admitido como tal, como sujeitado (assujeitado) — por uma função de poder-saber. No caso dos egressos do CsF os sujeitos são objetivados pelos campos da educação, economia, mídia e sujeitam-se ao processo de tornarem-se egressos do programa CsF.

Esses sujeitos, em determinado momento, foram envolvidos nas práticas discursivas que estabeleceram regras, como, por exemplo, a necessidade de aprender novos idiomas, fazendo com que a indústria de escolas de idiomas, franquias de toda ordem, tenham se tornado necessárias, pelo fato, justamente, de gerarem efeitos de verdade em relação ao resultado final do aprendizado. Outra situação gerada nesse contexto foi a necessidade criada para que a população acadêmica vá para o exterior. Isso pode ser evidenciado nas SEs abaixo, como segue.

SE25 - “Daí na universidade que eu estava tinha do nível 1 até o nível 6, eu fui pro nível 6 porque eu já tinha feito dois anos de inglês aqui então eu acho que eu poderia ter ido direto pra universidade, mas o edital previa que a gente tinha que fazer seis meses de inglês, aí eu fiquei no que eu chamo de limbo, porque o nível seis que era o que eu estava era voltado não para os alunos que entrariam na graduação mas para os alunos de pós-graduação que vão para os Estados Unidos, só que por ser assim era voltado somente para a conversação, para discutir temas e a minha gramática não era tão boa, então na verdade eu fiquei estudando uma coisa que pra mim era fácil enquanto eu estava deixando de estudar uma coisa que era difícil. então o curso de inglês que eu fiz eu achei que não me acrescentou tanto assim, como deveria, porque foi estruturado só na nota que eu tirei não naquilo

que eu achava que eu devia estudar. Foram quatro meses fazendo nível seis, e daí no nível seis não precisava fazer outra prova, fui direto para a universidade e na universidade para entender o que estava acontecendo eu nunca tive dificuldade.” (SE-B)

SE26 - “o programa chegou a pagar curso de inglês para aluno lá fora, isso é de um privilégio, nunca existente, quanto custo um curso de inglês lá fora, custa muito, por que não coloca esse dinheiro na instituição para a gente abrir turmas, então tinha muita crítica. Então os alunos que foram, muitos nem sabiam se queriam ir, não estava nem planejado, a oportunidade apareceu, eles agarraram e foram, aí a questão do idioma é uma questão central.” (SE-E)

SE27 - “e a gente percebe que a questão do idioma que se o aluno tem pelo menos um nível que seja um B2⁷⁷ por exemplo, B1, B2, por exemplo, que de acordo com o quadro comum de referência linguística, então se ele tem pelo menos um B1. Um B2 e ele se dedica, ele estuda, ele faz o intensivo, ele consegue em dois meses, em dois meses ele está fluente. Só que este aluno tem que estar imerso no ambiente que fale a língua nativa, no país de acordo, se ele é um aluno que fica envolvido com os brasileiros, que isso acontece bastante, já é um empecilho. Por que? Porque ele só vai praticar o idioma do país de acolhimento durante as aulas mas ele precisa pra que haja realmente imersão e um aproveitamento melhor ele teria que estar, digamos, 24 horas imerso no país de acolhimento”. (SE-G)

SE28 - “eu não pude fazer pesquisa e nem estágio lá. Porque eu tinha que ficar fazendo um semestre pra fazer esses estudos. Porque pra fazer pesquisa normalmente você tem que conhecer já o professor e ele tem que aceitar te orientar. E eu não tinha tido aula na universidade ainda. A coordenadora lá do curso falou que eu tinha que ter feito um semestre antes e agora já conheceria um professor e poderia me orientar, então no caso eu não consegui fazer lá por causa dos critérios, **eu demorei mais tempo no inglês, eu fiquei dois semestres, o objetivo era eu ficar só um,** daí foi estendido para dois semestres, **daí eu não tive oportunidade de fazer pesquisa lá,** mas pesquisa aqui a gente sempre faz.” (SE-A)

SE29-“fiz só um período lá, um semestre, então eu não pude fazer a pesquisa em si, eles dão oportunidade de estágio, alguns colegas meus conseguiram fazer o estágio, já tinham o inglês em um nível um pouco maior, então eles conseguiram fazer estágio e pesquisa. Eu não consegui entrar em uma pesquisa e nem em um estágio mas vendo assim algumas partes de pesquisa, tem umas pesquisas muito bacanas [...] Então eu fiquei estudando inglês até maio, ou seja, eu fiquei um pouco mais da metade do programa só estudando inglês e o que isso prejudicou: **isso prejudicou todos os outros quesitos que seria a pesquisa, o *internship* (estágio)** que a gente iria fazer e que a gente não teve tempo de fazer, porque o *internship* lá é no *summer* (verão) que é em julho, agosto, então a gente não estava preparado porque a gente não tinha feito nenhum semestre na universidade ainda, então foi bem atrapalhado, a minha chamada especificamente. **Porque agora**

⁷⁷De acordo com o [sítio disponível em: <http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Framework_EN.pdf>](http://www.coe.int/t/dg4/linguistic/Source/Framework_EN.pdf) Acesso em: 17 jan. 2017, o quadro europeu comum de referência foi pensado para verificar o nível de proficiência em uma língua estrangeira, utilizando para isso os seguintes símbolos por ordem crescente de nivelamento: A1, A2 (básico), B1, B2 (intermediário), C1, C2 (avançado).

as outras chamadas são diferentes, você já tem que comprovar a proficiência antes de ir, um certo nível.” (SE-D)

SE30-“E tem a parte tanto acadêmica como a do estágio também, eles respondem essas perguntas, esses relatórios vêm pra gente, nós passamos para os coordenadores de curso e eles fazem uma avaliação dizendo se é necessário investigar se houve alguma falta, este tipo de coisa, se é necessário investigar a bolsa para verificar se ela foi bem aplicada ou não.” (SE-F)

SE31-“não tive nenhuma oportunidade de fazer pesquisa lá, porque como eu fiz o *summer* (verão), só durante o verão, e um semestre do curso então eu não pude fazer pesquisa e nem estágio lá. Porque eu tinha que ficar fazendo um semestre pra fazer esses estudos. Porque pra fazer pesquisa normalmente você tem que conhecer já o professor e ele tem que aceitar te orientar. E eu não tinha tido aula na universidade ainda. A coordenadora lá do curso falou que eu tinha que ter feito um semestre antes e agora já conheceria um professor e poderia me orientar, então no caso eu não consegui fazer lá por causa dos critérios, eu demorei mais tempo no inglês, eu fiquei dois semestres, o objetivo era eu ficar só um, daí foi estendido para dois semestres, daí eu não tive oportunidade de fazer pesquisa lá, mas pesquisa aqui a gente sempre faz.” (SE-A)

Nessas sequências, a regularidade é a sujeição aos modos de subjetivação contemporâneos nos dispositivos da LE inglesa, globalização e programa CsF. As SEs apenas afirmam que a LE foi um obstáculo, mas não ponderam a falta de preparo anterior nas IES e nem a falta de planejamento do programa CsF.

Ainda nessas SEs, observamos que os sujeitos estão assujeitados pela função sujeito acadêmico estrangeiro, que é o Outro, aquele cujo idioma não lhe pertence, tampouco apresenta independência em se comunicar na língua estrangeira. Nesse sentido, objetivados pelo contexto não percebemos enunciados de resistência em relação ao estágio. Leite (2010, p.98) menciona que, tentando driblar a falta de recursos vindos do governo federal,

[...] uma das estratégias adotadas para vencer as dificuldades financeiras foi o encaminhamento de projetos aos órgãos de fomento e iniciativa privada, bem como utilizar o que era possível da arrecadação própria. A gestão Bertol⁷⁸ empenhou-se, ainda, em aprimorar os mecanismos implantados por seus antecessores quanto ao relacionamento empresa/escola. Por essa razão deu-se maior ênfase ao Balcão de Teses, criado em setembro de 1988, e desenvolvido pela Divisão de Pesquisa e Produção, como um modelo mais estreito de cooperação técnico-científico entre a escola e as empresas instaladas no Estado. A inovação possibilitava o envolvimento de professores e alunos de diferentes departamentos

⁷⁸ Referência ao professor Artur Antônio Bertol, diretor do CEFET-PR na gestão de 1988.

acadêmicos da instituição com o setor produtivo. Era interessante também às empresas – pequenas e médias – que se beneficiavam dos estudos desenvolvidos especificamente para seus problemas, pagando valores reduzidos em relação ao mercado.

Na citação, evidenciamos que a relação da antiga ETC com empresas já ocorria antes da UTFPR por conta das dificuldades financeiras, da ausência de fomento. Essa parceria, de certa forma, auxiliou na execução de pesquisas que não poderiam ter sido desenvolvidas sem o apoio empresarial. Muito embora a pesquisa tenha sido um dos fatores do programa CsF, os egressos do CsF UTFPR-FB ao encontrarem o obstáculo da proficiência no idioma de língua inglesa ficaram alheios aos projetos de pesquisa desenvolvidos nas IES as quais estavam vinculados. Foucault (2015b, p.320) em entrevista, foi questionado se era a favor de uma sociedade sábia. A resposta foi,

[...] digo que a distribuição das pessoas em uma cultura deve ser incessante e tão polimorfa quanto possível. Não deveria haver, por um lado, essa formação à qual nos submetemos, e por outro lado, essa informação à qual se é submisso.

A pesquisa faz parte do ambiente acadêmico e a falta de contato com ela nas IES norte-americanas tornou a formação dos sujeitos CsF UTFPR-FB subjetivados, em sua maior parte, às informações relacionadas ao ensino, mas isso não quer dizer que os sujeitos não tiveram momentos de resistência.

Assim, na seção seguinte, verificamos os efeitos de ou resistência, momentos em que o sujeito não é sujeito ao que já está dado como vigente, à ordem do discurso, mesmo sendo esse sujeito também subjetivado a um discurso anterior regulados nos dispositivos contemporâneos em que ele está imerso.

2.2 Efeitos de resistência

Para começar a discussão sobre os efeitos de resistência buscamos Dreyfus e Rabinow (1995, p. 244), os quais afirmam que

[...] quando definimos o exercício do poder como um modo de ação sobre as ações dos outros, quando as caracterizamos pelo “governo” dos homens, uns pelos outros – no sentido mais extenso da palavra, incluímos um elemento importante: a liberdade. O poder só se exerce sobre “sujeitos livres”,

enquanto “livres” – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. Não há relação de poder onde as determinações estão saturadas – a escravidão não é uma relação de poder, pois o homem está acorrentado (trata-se então de uma relação física de coação) – mas apenas quando ele pode se deslocar e, no limite, escapar. Não há, portanto, um confronto entre poder e liberdade, numa relação de exclusão (onde o poder se exerce, a liberdade desaparece); mas um jogo muito mais complexo: nesse jogo, a liberdade aparecerá como condição de existência do poder.

Respeitando essa lógica, a liberdade, ainda que restrita, dos sujeitos egressos do CsF foi utilizada como resistência em alguns momentos de escape, de deslocamento do lugar comum de subjetivação em que todos eram atravessados pelos discursos da ordem. Foucault (2008a, p.12) em entrevista a Alexandre Fontana consolida o fato de que

[...] a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a coerções múltiplas. Possuindo efeitos regrados de poder. Cada sociedade possui seu regime de verdade, sua política geral da verdade, isto é, tipos de discurso que ela aceita e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como se sancionam uns aos outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm a função de dizer o que funciona como verdadeiro.

Nesse cenário, a verdade foi algumas vezes questionada nos momentos de resistência dos egressos do CsF. Assim, as ditas verdades que subjetivam os sujeitos funcionam como efeitos que estão ligadas ao poder. No instante em que o sujeito resiste aos efeitos de verdade e constrói outra possibilidade de verdade, a resistência aí se encontra.

Das sequências seguintes, destacamos alguns excertos que, a nosso ver, evidenciam lampejos que visualizam as situações através de outro posicionamento, de outro modo de subjetivação que não o de estar totalmente sujeito ao que está posto.

SE32- “Então, sobre o inglês **quanto eu fui pros Estados Unidos eu não sabia nada de inglês, absolutamente nada, então foi bem difícil porque eu já tive medo pra tirar o visto porque eu esperava que alguém que falasse inglês viesse falar comigo lá e eu não ia saber responder nada [...] fui o único brasileiro que chegou**

lá e foi pro nível um de inglês, teve gente que ficou no nível dois, mas eu fiquei no nível um [...]eu posso dizer pra ti que foi horrível, eu queria voltar porque eu não conseguia falar com ninguém, o meu dia era ouvir uma pessoa falar coisas que eu não tinha ideia do que ela estava falando, aí com o passar do tempo eu fui entender o que a pessoa queria dizer [...]Daí uma professora começou a me ajudar, me fazia estudar, estudar bastante, aí ela até me contou que tinha falado com o diretor e com outros professores e que achava que eu ia ser o primeiro aluno que ia do nível um pro nível quatro, e ela falava que tinham professores que falavam que era impossível, o diretor lá falou que nunca ia acontecer isso, daí eu tive que fazer o teste de nivelamento, e no teste de nivelamento eu parei no nível quatro, eu consegui ir pro nível quatro aí eu fiz outro teste, porque eu precisava tirar a nota pro cinco, era como se fosse um TOEFL IBT, eu tirei 90 de 120, fui super bem e daí consegui ir pra universidade durante o verão ” (SE-A)

SE33 - “e Portugal não tinha esse impasse da língua, então eu pensei, vamos lá, vou me inscrever e vamos ver o que vai acontecer. E foi dando certo, as coisas, apesar de que Portugal não aceitou, era pra gente ter ido pro Reino Unido, aí também não foi dando certo, aí a gente foi dando aquela desanimada, mas daí aconteceu de dar certo nos Estados Unidos, mas daí tinha esse problema da língua, uma coisa que eu sempre falava, mas o inglês é tão chato... Eu tentei fazer um curso de italiano uma época, eu achava que aprender uma nova língua era muito difícil, e realmente eu fui assim, sem falar praticamente nada, as coisas foram dando certo, eu fui, cheguei no Texas. Em relação ao inglês eu acho que eu tive muitas dificuldades no início, bastante dificuldade em conversar com pessoas, até mesmo me virar assim, comer... Teve uma época que eu pensava assim: eu ia fazer o curso de inglês, eu ia pro curso de inglês no Texas e pensava assim: eu preciso aprender o inglês, eu preciso aprender a língua, **eu preciso conversar com esse povo, eu preciso me virar de uma certa forma, foi ali que eu comecei a me dedicar, conversar com pessoas estranhas e tinham coisas muito engraçadas porque parecia que quanto mais medo você tinha de conversar com as pessoas em inglês mas as pessoas vinham e te procuravam pra conversar[...]** Apesar de que a gente estava em bastante brasileiros, acaba sendo um ponto negativo assim porque a gente acaba se aproximando mais do brasileiro por uma questão bem cultural e a gente acaba se tornando uma família brasileira e a gente acaba falando muito português” (SE-C)

SE34 - “Então se até o programa abria a possibilidade do aluno ir com 20% do curso e sem o nível fluente na língua, também o programa tem que ser responsabilizado. Se havia esta possibilidade do aluno que não tinha um nível bom ir fazer um curso de línguas lá fora, que aproveitassem mesmo, então é difícil pensar, acho que um conjunto de fatores é responsável pelos resultados.” (SE-F)

SE35 - “falando dessa ida do Texas pro Arizona, aí eu acho que foi um dos principais probleminhas que o programa veio pra gente, aí começaram a ter alguns problemas com o inglês, então a gente teve alguns problemas como os seis primeiros meses que eles imaginavam que a gente ia chegar e aprender o inglês nesses seis meses, não foi o que aconteceu ali no Texas, alguns professores eram muito bons, mas eu acho que o Texas, eles são muito acostumados a receber indianos, e o povo indiano pelo que a gente conversa, eles sempre tiveram inglês como segunda língua, então eles vão pros Estados Unidos com um nível bem melhor, a parte básica eles sempre tiveram desde o início, eles já tem o embasamento e essa chamada foi uma chamada em que o

povo não tinha esse embasamento de inglês. Então a gente chegou lá e eles imaginavam que a gente tinha essa base de inglês, eles começaram a passar o inglês pra gente em um nível superior, então ali a gente se assustou, a gente não conseguiu fazer o inglês, não consegui pegar essa base do inglês, fomos aprendendo meio aos trancos e barrancos e aí começou a surgir uns problemas dentro da universidade, a gente começou a escrever e-mails pra Denise, ela era da CAPES, era a coordenadora do programa, a gente foi relatando que o inglês não estava sendo muito fácil e a gente estava realmente com essa precariedade, com essa falta de um embasamento em inglês e aí muitas pessoas que estavam lá não eram só de engenharia ambiental, eram de engenharia química, enfim tinham outras áreas e a universidade não oferecia esse suporte, aí o presidente do instituto internacional foi fazer uma visita pra gente no Texas e conversou com a gente e a gente relatou os problemas dos professores de inglês que a gente tinha, elogiou as partes que a gente tinha que elogiar, ali os brasileiros sempre foram desta balança, sempre viram as partes boas mas também... Brasileiro é crítico por si só, a gente vê esse último tempo na política, na internet, o povo acabou sendo um pouco mais crítico. O brasileiro sempre foi um pouco mais crítico do que o americano, eu percebi isso, também uma parte muito interessante, mas aí o instituto internacional decidiu que a gente deveria ser transferido. Daí nos fizemos um monte de aplicação e teve uma parte bem interessante porque foram... nós fomos divididos, salvo algumas pessoas, que foram pra outras universidades, mas a maioria dos estudantes que estavam no Texas foi pro Arizona.” (SE-C)

SE36-“O programa foi totalmente a cargo do governo, um processo *top down* (de cima para baixo), vai enlatadinho, abre e come e pronto. Aí o que acontece nesse processo, as universidades não tinham nenhuma liberdade pra influenciar o processo, é bem verdade que o MEC deixava muita liberdade pra que a instituição fizesse o processo seletivo, entendeu? Seleccionem os alunos que poderão participar, mas os alunos tinham total acesso aos editais, eles, assim, se quisessem participar dos editais e viajar sem comunicar a instituição eles poderiam ir perfeitamente ter feito isso, porque nós não tínhamos como agir dentro do processo.” (SE-G)

SE37-Tem algumas curiosidades que a gente ouvia lá fora que o Ciência sem Fronteiras às vezes era muito melhor para o país estrangeiro do que para o brasileiro, nós somos invadidos por universidades do mundo inteiro, porque existe uma coisa que se chama economia, se chama financeiro, como se diz, o capitalismo não tem sentimento, isso a gente tem que deixar muito claro. As universidades americanas, excelente universidades, não tiro o mérito deles não, canadenses, inglesas, que tem outra matriz orçamentária, a gente tem que entender isso. (SE-F)

SE38-“Sobre a parte do ensino, numa universidade, eu acho que a gente não perde tanto quanto eu acho que a gente perde. A gente acha que o Brasil é sempre o pior, mas não é, eu tive e tenho professores aqui que são muito melhores do que os professores que eu tive lá., muito melhores. Tive aulas aqui que eu acho que vai ser difícil eu ter algumas aulas que sejam melhores do que as que eu tive aqui. Porque aqui na nossa universidade tem professores excepcionais, eu acho que a parte do ensino o Brasil não perde de tanto, porque eu inclusive achei que aqui é mais difícil de você conseguir passar em uma matéria do que lá [...] Então eu acho que aqui é mais difícil, tanto que lá os

americanos ficavam às vezes boquiabertos com a gente por causa do cálculo, a gente consegue fazer muitas coisas de cálculo que eles não conseguem fazer, pelo menos lá nessa universidade que a gente estava era assim. Os brasileiros tinham notas altas, eu não fui uma das pessoas, mas lá tem uma coisa que é como se fosse o nosso coeficiente aqui que vai de zero até cinco e muitos brasileiros recebem coeficiente acima de quatro e meio, eles recebiam cartas do reitor dizendo: Você é um dos melhores alunos da universidade. Então são coisas assim fantásticas, a gente percebe que a gente é burro, a gente é ignorante, somos índios aqui no Brasil. Não, a gente é inteligente, a gente vai atrás e a gente busca sempre informação. Eu acho que essa coisa de que nos outros é sempre melhor, o Brasil está sempre nos últimos no ranking . Uma que eu nunca vi ninguém dos rankings aqui da nossa universidade, a gente não sabe como funciona, quem faz, como faz, então a gente não pode dizer que tal revista falou que o Brasil é sei lá, está em 200 no ranking, tá e daí, isso não significa que eles analisaram o Brasil inteiro, porque não funciona dessa maneira, a gente sempre tem que olhar os critérios. Então eu acho que nessa parte a gente não está tão atrasado assim não.” (SE-A)

SE39-“às vezes eu não entendia o conteúdo da disciplina do curso mesmo e eu tinha dificuldade de explicar o que eu não estava entendendo, era uma sala de cento e poucos alunos, algumas disciplinas tinham grupos maiores, todo mundo nativo, a gente escolhia a disciplina que a gente podia fazer, às vezes não tinha nenhum brasileiro junto, às vezes eu ficava com vergonha de pedir, de perguntar alguma coisa sobre a matéria, daí algumas vezes eu fui com dúvida pra casa, porque eu não tinha, não sei, maturidade na língua para perguntar, pra me expressar, mas pra entender. O que o professor falava eu nunca tive dificuldade [...] E assim foi fantástico, a minha experiência na engenharia ambiental, eu gostei muito, eu fiz poucas matérias, infelizmente a língua deu uma travada nessa questão e outros motivos que eu podia logicamente ter tido foco, eu poderia ter aproveitado muito mais. Mas eu aproveitei à medida do possível quando eu estive lá, foi sensacional, fazer engenharia ambiental numa outra língua, numa outra visão, ah, inclusive eu fiz tratamento de água, então lá em cima o recurso hídrico muito escasso, no Brasil a gente tem muito recurso hídrico disponível, lá eu vi o quanto eles se preocupam com essa questão de água e o quanto a gente ainda a gente não se preocupa, então eu tive uma outra visão da engenharia ambiental. Pra mim foi uma parte muito interessante porque foi uma parte que eu gostei e eu vi o quanto eu gosto dessa parte da engenharia ambiental, essa parte sanitária, essa parte de qualidade de água, então me abriu bastante horizontes.” (SE-B)

SE40-“Eu fiz uma matéria, que eu até comentei com a professora da disciplina daqui, de resíduos líquidos lá, que foi exatamente a matéria que eu tive no Brasil, eu voltei e fiz essa matéria porque lá a gente não teve laboratório, era uma matéria teórica e aqui a gente tem teórica e prática. Tudo que ele passou lá na parte teórica, a gente viu na parte teórica aqui, acrescentando que aqui tinha a parte prática, então aqui os nossos professores não perdem nada pra lá. Eu acho que parte estrutural, aqui a Uf que é nova e está crescendo, ela ainda tem muito a desejar e a gente vê universidades mais antigas que elas ainda os incentivos financeiros não estão a altura delas lá nos Estados Unidos que têm tecnologia de ponta, laboratórios sofisticados e tudo mais, mas na questão de docência dos professores, os professores não perdem muito pra cá, na verdade eles não perdem em nada pra cá, os professores se equivalem, tanto lá quanto aqui são professores ótimos.” (SE-C)

SE41-“Com relação ao ensino, a diferença do ensino de lá e daqui: eu acredito que a principal diferença é com relação à estrutura e recursos, eles têm muito recurso, eles têm uma estrutura maravilhosa, eles têm laboratório pra tudo o que você imaginar, eles têm recursos, eles estão ali, eles têm “n” coisas que você pode fazer, eles te apoiam muito com relação a isso. Com relação às aulas, à sala de aula, eu acredito que os nossos professores são tão bem preparados quanto os deles, com relação a isso a gente não pode dizer, ah, os professores americanos sabem muito mais ou o professor americano está muito mais preparado do que o professor brasileiro. Eu acredito que o conteúdo em sala de aula é o mesmo que é passado, tanto é que em algumas matérias que alguns amigos meus fizeram lá utilizavam o mesmo livro que a gente utilizava aqui, a diferença era que o livro era *online*, você tinha exercícios *online* e você tinha exercícios *online* que você entregava toda semana e que você fazia em sala de aula, então a forma com que era passada a matéria era muito mais, digamos assim, melhor, num grau mais avançado, e você aproveita muito mais, você aprende muito mais, porque você visualiza aquilo de uma forma bem mais ampla, e também a forma de avaliação, é bem diferente daqui, não achei mais difícil lá do que aqui, acho aqui muito mais difícil, isso é uma coisa que me deixa muito triste com relação ao sistema educacional brasileiro. Aqui os cursos de engenharia são difíceis, a gente pensa: nos Estados Unidos deve ser muito mais difícil, eles devem cobrar coisas muito mais complicadas, bem pelo contrário, eles cobram tanto quanto aqui, porém a forma de avaliação é diferente lá, então isso se torna mais fácil. Aqui a forma de avaliação é: você faz uma ou duas provas durante o semestre e você tem que tirar seis ou sete naquelas provas pra você passar, durante todo o percurso nada é cobrado, o tema de casa (o *homework*), eles não te dão nota em relação a isso, porém lá eles te dão nota em tudo o que você fizer, então tua nota final vai ser composta por *homework*, por trabalhos que você fez ao longo do semestre, daí o que acontece: isso proporciona que o aluno esteja estudando o tempo inteiro, que ele chegue na hora do *midterm* (exame intermediário) porque lá a gente tem duas provas: o *midterm* e o *final exam* (exame final), chegue lá e você saiba fazer, porque te obriga a estudar durante todo o semestre e valoriza o esforço que você faz o semestre todo, porque vai te dando nota por isso, então não é aquela coisa: vão dar um trabalhinho e eles vão copiar, ninguém copia, todo mundo estuda, todo mundo realmente faz, porque precisa, porque sabe que vai chegar lá na prova e vai precisar e quem só fica copiando não vai conseguir passar, então eu acho que isso é uma grande diferença que eu percebi em relação ao sistema de educação, à forma de avaliação e isso se torna mais fácil, a maioria dos brasileiros que estudou bastante passou em todas as matérias, tranquilamente passou com “A” (A+), o que a gente não vê aqui nos cursos de engenharia, que a maioria fica ali pensando, pensando nas matérias e é difícil, porque a gente não tem aquela coisa de ir atrás e estudar o tempo inteiro, essa cultura de estar interagindo o tempo inteiro com a matéria, então a grande diferença é essa.” (SE-D)

SE42-“Uma instituição só torna-se internacional, se torna parte de pesquisa conjunta, parte de mobilidade acadêmica, quando os docentes têm relações, conexões lá fora. E essas conexões perpassam o tempo, você tem uma carreira toda aqui dentro. O aluno que teve uma oportunidade, muitos deles não estão nem mais na UTFPR, infelizmente já se formaram, foram embora, sorte deles, certo.” (SE-E)

SE43-“E quanto à pesquisa, eu acho que não vi tanta diferença assim na qualidade do ensino, porque a gente sempre imagina que a vai pros Estados Unidos, que a gente vai aprender bem mais, mas o nível da gente enquanto acadêmico, pelo menos na universidade que eu estava e nas disciplinas que eu peguei, porque varia bastante, algumas eu não peguei da Engenharia Ambiental, porque a gente podia pegar qualquer área correlata que a gente quisesse, eu peguei algumas de geografia, de climatologia, mas a maioria das disciplinas que eu peguei eu percebia que a gente estava no mesmo nível, os alunos aqui do Brasil e de lá, às vezes a gente tinha mais, porque aqui as nossas disciplinas têm carga horária maior [...] **E quanto à pesquisa, eu fiz uma disciplina de construções sustentáveis e acabou que a gente usou o mesmo projeto final da disciplina e a gente aplicou para uma revista e a gente foi aceito na primeira triagem, agora eles mandaram uma correção, eles falaram que é um trabalho bom, mas uma coisa que eu percebi é que a gente achou uma coisa completamente nova, tanto que a gente pensava: Vamos submeter isso para uma revista! E quando a gente submeteu eles mandaram pra gente dizendo que está de acordo, estava bem escrito, pra gente corrigir algumas coisas, mas que não era uma novidade. Uma coisa que pra gente era uma coisa bem diferente, que ia ser aceito facilmente, mas eles falaram que não é relevante, que é uma coisa que não é considerado algo novo, então eu percebo que se a gente fosse de lá, se a gente tivesse mais contato, a gente ia saber que era uma coisa corriqueira.”** (SE-B)

SE44-“No Texas mesmo eles tinham umas pesquisas em oceanografia que eram maravilhosas eu não acabei me aprofundando, mas eu dei uma olhada geral, nas partes da pesquisa e eles realmente, a pesquisa deles é bem científica, é bem forte, uma parte bem bacana. Mas infelizmente, **eu gostaria de ter feito um projeto de pesquisa, de ter conhecido um professor numa área, mas realmente futuramente eu pretendo sair daqui, fazer um mestrado, eu almejo uma Ufsc, já estou montando um projeto pra mandar pra lá e futuramente quem sabe se eu conseguir fazer um mestrado ou doutorado sanduíche, fazer uma pesquisa lá fora e voltar e contribuir realmente para uma pesquisa científica pro Brasil, acho que essa é uma parte bacana.”** (SE-C)

SE45-“então foi um pouco difícil de achar alguma coisa enquanto pesquisa. Porém, é muito mais fácil do que aqui, as oportunidades são bem maiores, e eu percebi que os professores são um pouco mais abertos, eu percebi que os professores eram mais abertos para conversar, eu enviei *email* para vários professores pedindo se eles tinham alguma pesquisa, se eu podia entrar como voluntária e eles falaram: passa aqui no meu escritório pra conversar. Então vários me chamaram pra conversar, eu fui conversar só que alguns não tinham pesquisa disponível pro semestre que eu entrei na universidade, que foi o *fall* (Outono), foi o único semestre que eu fiz na universidade, porque isso já foi oito, nove meses depois que eu estava lá. Eu acabei pegando uma pesquisa sobre *human rights* (direitos humanos), sobre, esqueci... Então não era muito relacionado à água, não era muito relacionado à minha área, que era no curso de sociologia lá, mas foi bem interessante porque era uma pesquisa sobre o Brasil, sobre São Paulo, uma cidade da África do Sul e sobre uma cidade na Índia. Então, ela analisava a questão dos direitos humanos com relação à água, saneamento básico, em relação a isso, verificava se estava realmente ocorrendo isso e a gente analisava casos de pessoas que entram na justiça pra pedir direito ao uso de água porque a Sanepar às vezes cortava água por conta de pagamento, então ela analisava se havia uma limitação dos direitos humanos com relação a isso. Não era exatamente com relação à minha área de engenharia, mas era um pouco relacionado. Então **eu acredito assim, se eu tivesse tido mais tempo pra**

pesquisar, mais tempo pra interagir com os professores mais um semestre talvez eu teria conseguido uma pesquisa um pouco mais adequada na minha área, mas eu achei bem mais fácil do que aqui, em três anos de Uf foi muito difícil eu ter conseguido uma pesquisa, achei mais fácil e o pessoal que estava lá também falou que era mais tranquilo, mais fácil de achar.” (SE-D)

Nas sequências acima, a regularidade é a resistência aos modos de subjetivação contemporâneos nos dispositivos da língua estrangeira inglesa, globalização e programa CsF. Nessa linha, as SEs enunciam que, embora as IES nos EUA tenham mais estrutura e recursos financeiros do que as IES brasileiras, a qualidade dos professores brasileiros e americanos é a mesma, pois nas duas sociedades estão preparados para o ensino superior.

Tomamos esse fato como resistência, já que um dos objetivos do programa CsF é enviar os alunos para IES do exterior como forma de avanço da sociedade do conhecimento. Nesse caso, os enunciados mostram que o capital humano dessas duas IES do sistema norte-americano e brasileiro se aproximam e não estabelecem relação de superioridade/inferioridade, fato esse que indica resistência ao enunciado de superioridade norte-americana.

Na SE40, por exemplo, o egresso afirma que até mesmo o livro utilizado nos EUA era o mesmo que o professor utilizava em suas aulas no Brasil, a diferença estava no suporte material, enquanto no Brasil era o livro impresso, nos EUA o livro era *online*. Nesse sentido, as SEs demonstram que o currículo é parecido entre os dois países, haja vista o que já temos discutido em relação às circunstâncias históricas que fizeram parte do acontecimento CsF. A esse respeito, reportamo-nos a Resende (2015, p.235), quando afirma que

[...] o currículo torna-se uma ferramenta poderosa cujo foco, para além do ensino e da difusão e/ou socialização do conhecimento, é vincular processos que denotam formas de produção de subjetividade.

Nesse contexto, examinamos, que através das SEs, o atravessamento do *american way*⁷⁹ no currículo brasileiro, o que, de acordo com a citação de Resende, é responsável por vincular os processos de produção de subjetividade. Os alunos subjetivados pelo CsF percebem nesse

⁷⁹ Expressão que se refere ao estilo de vida norte-americano.

assujeitamento do programa, momentos de resistência, como na SE38, em que o entrevistado narra a possibilidade de enxergar o sujeito brasileiro como inteligente, que tira notas altas. A questão da identidade aparece nesse embate entre o eu e o Outro⁸⁰.

Sobre tal questão, Coracini (2007, p.17) afirma que

[...] o sujeito da linguagem, para Lacan, lugar ou função discursiva, para Foucault, em ambas as visões, embora com pressupostos diferentes, o aspecto social se faz presente: o sujeito é também alteridade, carrega em si o outro, o estranho, que o transforma e é transformado por ele. É interessante lembrar que, se o sujeito é um lugar no discurso, heterogêneo na sua própria constituição e, por isso mesmo, fragmentado, cindido, o indivíduo (indiviso, uno) é um produto do exercício de poder disciplinar, daquilo que Foucault (1975)⁸¹ denomina tecnologias de controle, totalidade ilusória que constitui o imaginário e, como tal, a identidade do sujeito: ilusão de inteireza, de totalidade, de coerência, de homogeneidade que torna cada um e todos socialmente governáveis e, portanto, idealmente sob o controle daquele(s) que ocupa(m) o lugar de autoridade legitimada.

Assim, essa função sujeito brasileiro, incompleto e emblemático, que também é governável, sugere na SE38 um momento de resistência quando apresenta transição da imagem brasileiro preguiçoso, burro, para brasileiro esforçado e inteligente. Na obra que rememora momentos da instituição UTFPR, Leite (2010, p.104-105) analisa que

[...] a falta às aulas era considerada falha que merecia punição – logicamente punição física, de acordo com os métodos corretivos da época. Um dos castigos era a palmatória. Como a Escola de Artífices Aprendizes era destinada a crianças pobres, grande parte dos alunos não tinha sapatos. A esses meninos descalços era destinada outra violência na forma de preconceituosa como os professores falavam de seus pés: “sapatos de cachorro”.

Nesse trecho, percebemos as relações entre professores e alunos da antiga UTFPR, a então Escola de Artífices, uma relação de autoritarismo e de pouca delicadeza. Aí observamos a ruptura na ordem quando SE38 enaltece as qualidades da função sujeito brasileiro acadêmico e questiona os critérios

⁸⁰ Utilizamos o pensamento de Bhabha (1998) que vê neste Outro a diferença, um outro lugar cultural. Esse Outro, escrito com letra maiúscula revela o desejo do Eu em ser o Outro; o rompimento da totalidade entre o Eu e o Outro; a angústia em perceber as diferenças entre o Eu e o Outro; o Outro como possibilidade de traçar limites e avanços nas relações entre o Eu e o Outro.

⁸¹ Coracini se refere ao texto de Foucault *Surveiller et punir*. Paris: Gallimard.

dos rankings. A revista comemorativa da CAPES – 60 anos mostra um fato relevante sobre a posição do país em produção científica,

[...] é notável, portanto, a trajetória da ciência brasileira nesses 60 anos. Enquanto universidades como Harvard e Oxford na Inglaterra completam quatro séculos de existência, os programas de pós-graduação só começaram a surgir no Brasil a partir de 1960, quando um curso de mestrado em Odontologia teve início na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ainda assim, o Brasil conseguiu alcançar, em 2009, o posto de 13º país em produção científica, a frente da Holanda e da Rússia (BRASIL, 2011b, p.41).

Esses dados dão visibilidade a um Brasil inserido na ciência mundial e ativo naquele período histórico.

Também verificamos aspectos de resistência na SEs no momento da ida dos alunos para outro país, mesmo sem as condições mínimas de proficiência no idioma e número de créditos cursados no Brasil. Essa questão pode ser analisada como uma resistência à relação poder-saber que não esperou as condições ideais, como apontado pela SE34, quando a oportunidade chegou este aluno resistiu às adversidades do momento apropriado e agarrou a oportunidade que se apresentou naquele tempo histórico.

Fazemos, nesse momento, remissão às palavras de Foucault (1995, p.232):

[...] quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência.

Relacionamos essa citação de Foucault à resistência da SE32 em que o aluno resistiu à dificuldade com o uso da LE conseguiu melhorar o nível do um para outro nível mais avançado suficiente para entrar na universidade, muito embora o próprio diretor da instituição e outros professores não acreditassem que isso seria possível.

Outra questão relacionada à resistência está nas SEs33 e 35 em que os alunos confessam o problema do ensino do inglês no Texas e apresentam atitude de resistência em continuar nos EUA, estabelecem contato com os representantes da CAPES e conseguem alterar aquela situação para melhor.

Na SE35, o aluno não se resigna ao ensino norte-americano da língua inglesa para estrangeiros, ao contrário, ele considera o povo brasileiro como mais crítico do que o povo norte-americano e entra em contato com a representação brasileira, consegue uma visita com o responsável norte-americano para que o problema seja verificado e os alunos brasileiros que estejam enfrentando esse mesmo problema com o aprendizado do idioma no Texas sejam transferidos para outro estado norte-americano.

Na SE43, os egressos relatam a experiência de publicação em que os autores recebem o parecer informando que o texto já não é novidade. Esses egressos parecem não ter compreendido que o poder do saber, nesse caso, também exige leitura, para que a pesquisa seja realizada. Fischer (2012, p.109) reconhece que

[...] toda ciência é provisória, já que a cada momento, como num caleidoscópio, colocam-se para os grupos humanos e as sociedades alguns pontos críticos, algumas questões, que não vivem eternamente iguais a si mesmas, essencialmente as mesmas.

Assim, a verdade não aceita em um momento passa a ser uma não verdade em outro momento da ciência, a partir de outras regras, outra ordem. Os não ditos ficam por conta de discussão mais aprofundada sobre a não execução de pesquisa pela maior parte dos egressos. Ao término do CsF UTFPR-FB os egressos tiveram bem mais contato com o ensino, uma vez que estágio e pesquisa foram menos possíveis em virtude da fluência na LE e do tempo que estiveram envolvidos para se comunicarem em inglês.

Os egressos do CsF UTFPR-FB vindos dos EUA compartilham em seus depoimentos/confissões as narrativas que enunciam efeitos das realidades norte-americana e brasileira. Como assegura Veyne (2011, p.179), “não existiria sujeito humano sem uma subjetivação. Engendrado pelo dispositivo de sua época, o sujeito não é soberano, mas filho de seu tempo”, assim, esses sujeitos egressos do CsF UTFPR-FB, frutos de seu tempo, estavam inseridos em dispositivo pedagógico administrado por estratégias de governamentalidade movidas por uma ordem do discurso. Nesse quesito, Resende (2015, p.234) menciona que

[...] o discurso pedagógico, enquanto um discurso produzido no interior das ciências humanas, tornou a escola um aparato de produção, governamentalidade e disciplinarização de pessoas. A Pedagogia construiu discursos produtores de verdade para serem vinculados no espaço escolar com o objetivo subjacente de exercício de poder e disciplinamento de pessoas.

Nessa perspectiva, as SEs podem ser vistas como representações do mundo acadêmico norte-americano e brasileiro, nos encontros e desencontros disciplinares do ponto de vista daqueles que não estariam na centralidade da história, se não fosse por um olhar posicionado de baixo. No quadro 4. apresentamos um resumo dos efeitos de sujeição e resistência discutidos nesse capítulo.

Quadro 4 – Efeitos de governamentalidade

EFEITOS
<p style="text-align: center;">Efeitos de sujeição (assujeição)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ficar em curso de inglês ao invés de estar cursando universidade mesmo que já tivesse nível suficiente pela situação não estar prevista naquela chamada. - O uso do quadro comum europeu como referência linguística. - A barreira linguística como impedimento para se fazer pesquisa e estágio em IES norte-americana. - Relatórios como forma burocrática de receber as informações dos egressos do CsF.
<p style="text-align: center;">Efeitos de resistência</p> <ul style="list-style-type: none"> - Permanecer nos EUA e ter um bom nível de LE inglesa no final do processo mesmo que pessoas como o diretor do câmpus nos EUA afirmasse ser impossível avançar tanto assim no idioma. - Vencer as barreiras do idioma mesmo tendo histórico de dificuldade com o mesmo. - A ida para os EUA no CsF dos alunos graduandos mesmo sem ter condições previamente estabelecidas para tanto. - Resolver problemas com a CAPES e permanecer nos EUA mudando de universidade. - Reflexão sobre os recursos financeiros enviados ao exterior para o CsF.

Fonte: a autora

A partir dos modos de subjetivação, verificamos que os corpos se alternam em assujeitados e resistentes. Existe possibilidade de ocupar funções de sujeito mescladas em que os jogos de poder-saber deixam microbrechas para a resistência, para momentos de lucidez no cotidiano do CsF, um cotidiano mais difícil, longe da família, longe das referências dos sujeitos egressos.



Fonte: <http://www.portalodia.com/>⁸²

CONSIDERAÇÕES

Começamos o trabalho com a imagem de cabeças sem rostos definidos, o que nos dá liberdade para introduzir o tema: os dispositivos de governamentalidade que atravessam o discurso sobre o programa CsF na UTFPR-FB. Nessa perspectiva, de uma maneira emblemática os rostos tomam forma quando envolvidos pelos discursos do CsF. Ao nos debruçarmos sobre o campo da educação e observarmos o Programa CsF através dos estudos do teórico Michel Foucault, abrimos cada seção desse trabalho com uma charge motivando a percepção do leitor no caminho da empreitada *microarqueogenalógica*.

O objetivo principal da tese foi analisar os dispositivos de governamentalidade que mobilizam o discurso sobre o CsF. Como objetivos específicos, elencamos os seguintes: a) compreender o programa CsF como um acontecimento; b) verificar quais dispositivos de governamentalidade são percebidos nos discursos produzidos sobre o CsF; c) refletir sobre os efeitos de governamentalidade que os dispositivos percebidos nos discursos produzidos

⁸²Disponível em: <<http://www.portalodia.com/blogs/jotaa/o-mundo-entrou-em-panico-com-a-eleicao-de-trump-nos-estados-unidos-287773.html>>

sobre o CsF constroem; d) analisar os processos de subjetivação e resistências nas SEs elaboradas pelos egressos do CsF UTFPR-FB e servidores da UTFPR. Nesse sentido, buscamos nas confissões-depoimentos dos egressos do CsF da UTFPR-FB e dos servidores da UTFPR as narrativas sobre o CsF.

Quando associamos essas imagens com os objetivos dos capítulos percebemos o quanto o CsF esteve e está conectado ao momento histórico de cada um dos envolvidos nas imagens.

Já na introdução, temos a imagem de Barack Obama em um botão associada ao ícone norte-americano Tio Sam instigando o leitor a refletir sobre a frase “Eu quero você”. Esse slogan se relaciona com a própria etimologia da palavra slogan, que significa grito de guerra, no caso publicitário, de campanha, de captação de recursos humanos como está posicionado o CsF, o slogan “Eu quero você” pode ser lido como um chamado aos acadêmicos das IES em direção às IES norte-americanas.

Nesse jogo de simbologias, a imagem de Barack Obama, tio Sam da introdução, é alterada pela representação da obra “Isto não é um cachimbo”. O capítulo 1 adentra a arqueogenealogia, metodologia que utilizamos, pois Foucault não se constrói como modelo de metodologia a ser seguida.

O encaminhamento para o capítulo dois se faz com a imagem de Dilma e Obama na relação com a centralidade do CsF como acontecimento. Percebemos que a singularidade do CsF como acontecimento está cercado pelo discurso da globalização que ecoa o discurso da internacionalização nas IES. Isso repercute nos programas do governo federal brasileiro que instituem o acontecimento CsF.

A partir desse acontecimento, a UTFPR-FB se insere no mundo globalizado e leva o nome da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, município de Francisco Beltrão para vários países do mundo, o que reverbera o regime de verdade sobre a internacionalização que torna possível o acontecimento CsF. Nesse cenário, os dados apresentados levam à compreensão de um programa/acontecimento formulado a partir de jogos econômicos de interesses entre Brasil e EUA, em que as IES passivamente reproduzem a negociata.

Ainda nesse capítulo, associamos o acontecimento programa CsF à *microarqueogenealogia* da UTFPR, que através da história serial relaciona a ruptura do CsF com outras rupturas: abolição da escravização que contribui para o efeito de verdade da necessidade do ensino técnico, e que no caso da história do CEFETPR se transforma em universidade, a única tecnológica do Brasil.

A relação nos leva a compreender o acontecimento discursivo CsF nos limites do regime de verdade sobre a internacionalização que emerge na descontinuidade da possibilidade de levar e buscar relações de poder-saber em outros países através da UTFPR. Esse acontecimento também é percebido como via biopolítica, uma vez que o programa ocorre docilizando os corpos, disciplinando-os para que os sujeitos se aproximem da ‘verdade’ sobre o valor da internacionalização. Isso faz do biopoder disciplinador do corpo, e da biopolítica um sistema de governo de políticas que internacionalizam grupos de corpos que na relação poder-saber tem sua função na máquina do poder, mas também operam resistências.

Na próxima etapa da tese vemos novamente Obama e Dilma, mas dessa vez estão mais próximos. A associação entre EUA e Brasil está ainda presente e mais ligada através do tema dispositivos de governamentalidade: CsF, LE inglesa e globalização. Nessa linha de raciocínio, examinamos a governamentalidade pela via do biopoder e da biopolítica conduzindo corpos através do processo de normalização que levam os dispositivos de língua estrangeira, globalização e CsF a operarem esse processo de modo a incitarem os corpos a enunciarem as ‘verdades’ que, de certa forma induzem esses corpos a cooperarem com a lógica neoliberal do momento histórico em que estão inseridos.

Essa ligação das imagens entre Obama e Dilma não é ocasional, as SEs nos mostram a aproximação de interesses anterior ao acontecimento CsF entre Brasil e EUA representados pelos líderes mencionados e com isso o advento do CsF enviando acadêmicos às IES norte-americanas e com isso injetando recursos financeiros brasileiros na economia norte-americana deixando nossas IES brasileiras sem o devido recurso, cuidado e investimento. Os dispositivos

são analisados na descontinuidade e marcados na história serial do Brasil e do mundo.

Entretanto, nem todos os corpos vão operar e cooperar o tempo todo pela manutenção da lógica neoliberal. Momentos de lucidez e resistência são possíveis e passíveis de ocorrer em todos os microespaços em que os micropoderes e macropoderes atuam. Os efeitos da governamentalidade refletidos nos modos de subjetivação foram alvo de análise no capítulo em que buscamos reunir aproximações dos efeitos do programa CsF observados nos sujeitos da pesquisa.

Assim, no último capítulo da tese, examinamos corpos que se alternam em assujeitados e resistentes. A função sujeito ocupa alternadamente espaços na rede discursiva da sujeição ou resistência. Como efeitos de governamentalidade para os sujeitos envolvidos nas SEs analisadas constatamos como efeitos de sujeição a inércia da conformidade em permanecer em curso de inglês quando já se podia seguir adiante para o curso de graduação. Nesse caso, os acadêmicos se comportaram sujeitados à chamada CsF que não previa alunos proficientes na LE inglesa.

O uso do quadro europeu como referência para a proficiência na língua estrangeira inglesa também operou como obstáculo no momento de buscar a pesquisa e estágio nas IES norte-americanas; uma vez que o mundo ocidental e oriental está à mercê dos conceitos A1, A2 (nível básico), B1, B2 (nível intermediário) até C1, C2 (nível avançado), que se encontram no quadro comum europeu. Um conjunto de questões em que o sujeito é obrigado a responder de forma adequada caso pretenda comprovar seu nível de conhecimento do idioma estrangeiro no exterior para ter acesso às IES e empresas. No caso dos acadêmicos egressos do CsF UTFPR-FB, o quadro literalmente estagnou possibilidade de crescimento do acadêmico, pois exames como TOEFL, TOEFL-ITFP e assim por diante não são a única forma de comprovar o conhecimento do sujeito em língua estrangeira.

A submissão burocrática na recepção dos relatórios dos egressos do programa CsF funcionaram como mera formalidade, em que os acadêmicos não foram motivados a narrar sua experiência, mas sim, preencheram espaços de forma a limitarem a prática do CsF às alternativas sim, não e talvez.

Os efeitos de resistência mais evidentes nas SEs ficaram em torno da permanência nos EUA, mesmo em condições de dificuldade linguística; da resolução de problemas com a CAPES e da reflexão sobre os recursos financeiros enviados ao exterior para o CsF.

Conforme os objetivos pretendidos, verificamos como regularidade discursiva, o trabalho técnico/tecnológico nas relações internacionais entre Brasil e Estados Unidos, especificamente na época anterior à criação da UTFPR-FB, com o evento da CBAI. Além disso, notamos o dispositivo da tecnologia na governamentalidade para o uso massificado para as populações. Essa regularidade conduz e propaga discurso que a internacionalização é uma variável que está presente como possibilidade para o crescimento das IES brasileiras, internacionalização essa atravessada pelo campo econômico, que estabelece os custos de se manter e ser mantido nos EUA.

De modo geral, também constatamos uma regularidade na ordem do discurso sobre a importância do programa CsF na educação brasileira. O silenciamento apresenta-se no momento em que não se questiona o motivo da criação do CsF, esse silêncio pode indicar mais um efeito das estratégias de governamentalidade em relação aos efeitos disciplinares e de controle exercidos a partir dos dispositivos que disparam efeitos de verdade e sustentam estratégias de governamentalidade.

Assujeitados e silenciados na regularidade a função sujeito foi também preenchida por efeitos de resistência quando em situações difíceis, egressos decidem enfrentar o momento e nos EUA tentar a comunicação no espaço que difere do seu efeito de realidade linguística, cultural e acadêmica. Outra fissura de resistência manifesta o desejo de mostrar uma função sujeito brasileiro diferente para o mundo: uma função a ser preenchida com adjetivos que fortaleçam a autoestima dos sujeitos que exercem suas funções e se identificam como sujeitos que assumem uma suposta identidade brasileira.

Diante do corpo desse trabalho nos questionamos novamente: para que servem as humanidades? A pergunta inicial lançada na introdução, extraída de um questionamento feito por uma pesquisadora da USP recebe uma possível

resposta ao terminarmos essa pesquisa. Uma das funções das humanidades, por exemplo, é desestabilizar os regimes de verdade em que vivemos.

Nesse sentido, refletir sobre o programa CsF como um acontecimento e dispositivo de governamentalidade que reverbera efeitos de verdade na direção das relações entre Brasil e EUA, língua portuguesa e língua inglesa é tentar fazer um movimento *microarqueogenalógico* a partir de confissões de um ponto de vista que não faz parte da história contada pelos documentos oficiais do CsF.

Reafirmamos a tese que defendemos nesse trabalho confirmando o fato do programa CsF estar inserido e se estabelecer em meio a ação e reação de dispositivos de governamentalidade que se ajustam e desajustam na dispersão e produzem efeitos que convergem e divergem dos objetivos do programa. Nessa acepção ao retomarmos o referencial CsF como um dos elementos que circundam a função enunciativa, verificamos a fragilidade da política pública de mobilidade internacional para alunos de graduação das IES brasileiras, uma vez que tanto seu advento como seu gerenciamento se deram em meio à rede de interesses e urgências que não eram exatamente o que a agenda do governo federal brasileiro priorizava no momento da criação do programa CsF.

Isso é o que podemos conferir no quadro comparativo a seguir, o qual busca confrontar os enunciados oficiais produzidos nos documentos do CsF e aqueles produzidos nas narrativas das confissões-depoimento dos egressos do CsF UTFPR-FB e servidores da UTFPR entrevistados para essa tese.

Quadro 5 – Quadro comparativo

Principais diferenças entre discursos analisados na tese sobre CsF	
Discursos oficiais CsF	<ul style="list-style-type: none"> - ampliar o conhecimento inovador de pessoal das indústrias tecnológicas; - investir na formação de pessoal altamente qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento; - aumentar a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições de excelência no exterior;
Discursos produzidos pelos egressos do CsF UTFPR-FB	<ul style="list-style-type: none"> - “não tive nenhuma oportunidade de fazer pesquisa lá, porque como eu fiz o <i>summer</i> (verão), só durante o verão, e um semestre do curso então eu não pude fazer pesquisa e nem estágio lá” (SE31). - “o programa chegou a pagar curso de inglês para aluno lá fora, isso é de um privilégio, nunca existente, quanto custo um curso de inglês lá fora, custa muito, por que não coloca esse dinheiro na instituição para a gente abrir turmas, então tinha muita crítica. Então os alunos que foram, muitos nem sabiam se queriam ir, não estava nem planejado, a oportunidade apareceu, eles agarraram e foram, aí a questão do idioma é uma questão central.” (SE26). - “Uma instituição só torna-se internacional, se torna parte de pesquisa conjunta, parte de mobilidade acadêmica, quando os docentes têm relações, conexões lá fora. E essas conexões perpassam o tempo, você tem uma carreira toda aqui dentro. O aluno que teve uma oportunidade, muitos deles não estão nem mais na UTFPR, infelizmente já se formaram, foram embora, sorte deles, certo.” (SE42)

Fonte: a autora

De acordo com as informações do quadro 5, o dispositivo CsF se ajusta ou desajusta às condições da exposição dos egressos aos outros dispositivos de globalização e uso da LE inglesa. Esse último dispositivo apresenta grande obstáculo na concretização dos objetivos do programa de mobilidade internacional, uma vez que não é possível para os egressos graduandos terem acesso ao estágio e pesquisa e assim ampliar o conhecimento inovador de pessoal das indústrias tecnológicas. Nesse sentido, o estatuto de CsF como formador de competências está, para esses egressos, na materialidade documental.

Outra questão é o investimento na formação de pessoal altamente qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento através do CsF, isso acaba sendo defrontado com a falta de planejamento e de condições linguísticas de muitos participantes do programa CsF. Além disso, a intenção dos documentos oficiais do CsF de aumentar a presença de pesquisadores e estudantes de vários níveis em instituições de excelência no exterior esbarra no dispositivo LE inglesa e na falta de vínculos estabelecidos entre as IES norte-americanas e brasileiras em pesquisa e estágio.

Assim, nas relações de poder-saber reafirmamos que as verdades construídas nessa tese, mostram o CsF como acontecimento que gera efeitos na academia e na sociedade globalizada de uma ordem que detecta um acadêmico interessado em experiências fora de seu país, um acadêmico que, no “pacote” de dispositivos de seu tempo, recebe o guia das necessidades do momento, como conhecimento e fluência em línguas estrangeiras, um consumidor da sociedade da informação imerso no movimento midiático e tecnológico que, através das redes de estratégias de governamentalidade atravessados por vários campos do saber, percebe em seu corpo e mente docilizados, programas de mobilidade como o CsF como algo vindo de um sistema biopolítico que pretende conduzir a internacionalização das IES.

REFERÊNCIAS

AFONSO, E. J. **Adidos Trabalhistas e Líderes Sindicais Norte-Americanos no Brasil 1943 - 1952**. Opsi, v. 14, p. 449-461, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsi/article/viewFile/31281/18249>> Acesso em: 17 jan. 2017.

AGAMBEN, G. **¿Qué es um dispositivo?** Sociológica, año 26, número 73, pp.249-264 mayo-agosto de 2011.

ALBUQUERQUE JR, D. M. Michel Foucault e a Mona Lisa ou como escrever a história com um sorriso nos lábios. In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A. **Figuras de Foucault**. 2ª.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ALFANO, B. **'A educação deve ser pensada durante a vida inteira'**, diz Zygmunt Bauman. Criador do conceito de 'modernidade líquida', filósofo vai palestrar no encontro Educação 360. O Globo, publicação online, 23/08/2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/a-educacao-deve-ser-pensada-durante-vida-inteira-diz-zygmunt-bauman-17275423#ixzz4VsbqH7hK>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

AMORIM, M. L. **O surgimento da Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI)**. História da Educação (UFPEl), v. 11, p. 149-171, 2007.

AMOS, K.; PARREIRA DO AMARAL, M.; BRUNO, L. E. N. B. **The Research University in Context: the Examples of Brazil and Germany**. International Perspectives on Education and Society, v. 9, p. 111-158, 2008.

_____, K. **Governança e governamentalidade: relação e relevância de dois conceitos científico-sociais proeminentes na educação comparada**. Educ. Pesqui. São Paulo, 2010.

ANDREWS, G. R. **Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano**. Estudos avançados, São Paulo, v. 11, n. 30, p. 95-115, Aug. 1997 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000200008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 09 nov. 2016.

ARCHANJO, R. **Globalização e Multilinguagem no Brasil Competência Linguística e o Programa Ciência Sem Fronteiras**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, v. 15, p. 621-656, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v15n3/1984-6398-rbla-15-03-00621.pdf>> Acesso em: 17 jan. 2017.

BACCA, A.M; PEY, M.O; SÁ, R.S. **Nas pegadas de Foucault**: apontamentos para a pesquisa de instituições. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

BAELE, S., LEMKE, T. **An interview with Thomas Lemke**: Foucault Today. On the theoretical relevance of Foucauldian concepts of “governmentality” and “biopolitics”, *Emulations*, Vol. 2, nº 4, mai 2008. Disponível em: <http://www.revue-emulations.org/articles/lemke.pdf> Acesso em: 27 out. 2016.

BAUER, M. W; GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático I tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Modernidade e ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999a.

BHABHA, H.K. **O local da cultura**. BH, Editora da UFMG, 1998.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN. Lima, José Custódio Alves de. **Estados- Unidos e norte-americanos acompanhado de algumas considerações sobre a imigração chinesa no Imperio do Brazil. (livro, 1886)**. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01257300>> Acesso em: 16 jan. 2017.

BIBLIOTECA NACIONAL. Série Periódicos Brasileiros - **Gazeta do Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1809, n.99**. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta_rj_1809/gazeta_rj_1809_099.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2017.

_____. Série Periódicos Brasileiros - **Gazeta do Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1820, n.6**. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta_rj_1820/gazeta_rj_1820_006.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2017.

_____. Série Periódicos Brasileiros - **Gazeta do Rio de Janeiro, 12 de julho de 1820, n.56**. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/gazeta_rj/gazeta_rj_1820/gazeta_rj_1820_056.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2017.

BOMDIABRASIL. **Governo acaba com o Ciência Sem Fronteiras para cursos de graduação.** G1globo-online. 25/07/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/ciencia-sem-fronteiras-vai-excluir-graduacao-e-focar-no-ensino-medio.ghtml>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

BRASIL. Câmara dos deputados. **Coleção das Leis do Império (1808-1889).** Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/publicacoes/doimperio/colecao1.html>. Acesso em: 19 jan. 2017.

_____. **Decreto Nº 7.566, de 23 de setembro de 1909.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/decreto_7566_1909.pdf. Acesso em: 17 jan. 2017.

_____. Presidência da República. **Visita de Barack Obama ao Brasil simboliza parceria estratégica com os Estados Unidos.** Brasília, DF, 05 de fev. 2011a. Disponível em: <http://blog.planalto.gov.br/visita-de-barack-obama-ao-brasil-simboliza-parceria-estrategica-com-os-estados-unidos/>. Acesso em: 03 de dez. 2015.

_____. **CAPES 60 anos.** Revista comemorativa, julho de 2011b. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/Revista-Capes-60-anos.pdf> Acesso em: 18 jan. 2017.

_____. **Ciência sem Fronteiras – empresas.** 2011c. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/empresas>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

_____. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. **Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2012-2015 - Balanço das Atividades Estruturantes 2011.** Brasília, DF: MCTI, 2012a.

_____. Ministério das Relações Exteriores. **Mundo Afora: Políticas de Internacionalização de Universidades,** Brasília, MRE, n. 9, 2012b. Disponível em <<http://dc.itamaraty.gov.br/publicacoes/colecao-mundo-afora/Capa%20e%20Miolo%20FINAL.pdf>> Acesso em 16 jan. 2017.

_____. **Ciência sem Fronteiras: conhecimento é o que move o mundo.** Programa de rádio café com a presidenta, 30/09/2013. Disponível em: <<http://cafe.ebc.com.br/cafe/arquivo/ciencia-sem-fronteiras-3/?searchterm=ciencia%20sem%20fronteiras>>. Acesso em: 18 jan. 2016.

_____. Portal Brasil. **Programa Ciência sem Fronteiras terá novo foco.** 26/07/ 2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/07/ciencia-sem-fronteiras-tera-foco-no-ensino-medio>. Acesso em: 19 jan. 2017.

CANDIOTTO, C. **Foucault e a governamentalidade biopolítica.** IHU On-Line (UNISINOS. Impresso), São Leopoldo, p. 43 - 47, 12 abr. 2010.

CASTRO, E. **Introdução a Foucault.** Tradução Beatriz de Almeida Magalhães. 1ed; 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CINTRA, J. P. Edifícios públicos, mosteiros, fortes e calçadas no Brasil colonial. In: MORAES, J.C.T.B. (Org.). **500 anos de Engenharia no Brasil.** São Paulo: EDUSP / IOE, 2005, v, p. 27-42.

CORACINI, M.J. **A celebração do outro:** arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüísmo e tradução. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

DAMETTO, J.; ESQUINSANI, R.S.S. **Avaliação educacional em larga escala:** performatividade e perversão da experiência educacional. Educação (Santa Maria. Online), v. 40, p. 619-629, 2015.

DELEUZE, G. **O mistério de Ariana.** Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Ed.Vega – Passagens. Lisboa, 1996.

DREYFUS, H. e RABINOW, P. Michel Foucault. **Uma trajetória filosófica.** Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FERNANDES, C. A. **O Autor:** morte do homem, nascimento do sujeito. Revista da ABRALIN, v. 15, p. 15-36, 2016.

FIMYAR, O. **Governamentalidade como ferramenta conceitual na pesquisa de políticas educacionais.** Educação & Realidade, v.34, n.2, Porto Alegre, p.35-56, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/8308/5540>> Acesso em: 04 out. 2016.

FISCHER, R.M.B. **Trabalhar com Foucault:** arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____, M. "O Sujeito e o Poder" in DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica (para além do**

estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **Vigiar e punir.** 20ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1999.

_____. **A verdade e as formas jurídicas.** Tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

_____. **Microfísica do poder.** Org e trad. Roberto Machado. 25ª.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008a.

_____. **Segurança, território, população:** curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. **O governo de si e dos outros:** curso no College de France (1982-1983) / Michel Foucault; tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **A arqueologia do saber:** Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª.ed – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

_____. **A ordem do discurso:** a aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

_____. **A sociedade punitiva.** Tradução Ivone C. Benedetti. 1ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015a.

_____. **Ditos e escritos.** Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015b. v. 2.

_____. **Ditos e escritos.** Ética, estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015c. v. 4.

FREIRE, G. **Inglês no Brasil:** aspectos de influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. 2ed. Rio de Janeiro, José Olympio: Brasília, 1977.

GALLO, S.. **O 'efeito Foucault' em Educação.** Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 2014 (Editorial da Revista Pro-Posições).

GOETTERT, J. D. **A fronteira como dispositivo de poder, de controle e de identidade (considerações iniciais)**. Geografia em Questão (Online), v. 4, p. 56-71, 2011.

GOULART, N. **Vão faltar alunos para bolsas de estudo do governo**. Revista Veja, 08 ago. 2011. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/educacao/vao-faltar-alunos-para-bolsas-de-estudo-do-governo/> > Acesso em: 18 jan. 2017.

_____. **A Manobra delicada do Ciência sem Fronteiras**. Revista Veja, 24 fev. 2013. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/educacao/a-manobra-delicada-do-ciencia-sem-fronteiras/>> Acesso em: 18 jan. 2017.

GREGOLIN, M. R. F. V. **Formação discursiva, redes de memória e trajetórias sociais de sentidos**: mídia e produção de identidades. In: II Seminário de Estudos de Análise do Discurso, 2005, Porto Alegre. II Seminário de Estudos de Análise do Discurso (CDROM). Porto Alegre, RS: UFRGS, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.

KNOBEL, M. **Brazil**: Study-abroad initiative needs careful study. 18 December 2011. Disponível em: <<http://www.universityworldnews.com/article.php?story=20111216171338689>>. Acesso em: 01 de dez. 2015.

_____, M. **Ensino superior**: Ciência sem Fronteiras. Programa Ensino Superior da UNIVESP TV, 07 de março de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G0JgUUI4FHc>. Acesso em: 18 jan. 2017.

LACOSTE, Y. Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês. In: LACOSTE, Y (org.); RAJAGOPALAN, K. (Orgs.). **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. de Bernardo Leitão et al. 4. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

LEITE, J. C. C. (org.). **UTFPR**: uma história de 100 anos. 2ª.ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2010.

LEMKE, T. **An indigestible meal? Foucault, governmentality and state theory**. Distinktion: Scandinavian Journal of Social Theory, n. 15, 2007, Disponível em: <<http://www.thomaslemkeweb.de/publikationen/IndigestibleMealfinal5.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2016.

LIMA, M. C. L. **A internacionalização da educação**: qual o rumo da educação superior? Aula pública Ópera Mundi gravada no Câmpus UNESP Bauru – TVUNESP, 05 de maio de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rkUB61_i5ZM. Acesso em: 18 jan. 2017.

MACHADO, R. **Foucault e a ciência do saber**. 3^o.ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

_____. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

_____, R. **Entrevista em segunda-feira, 26 de novembro de 2012 com Roberto Machado**: Nietzsche - Foucault e a loucura. Disponível em: <<http://turmaodafilosofia.blogspot.com.br/2012/11/roberto-machado-nietzsche-e-foucault-e.html>>. Acesso em: 26 out. 2016.

MOROSINI, M. C. Internacionalização da Educação Superior no Brasil pós-LDB: o impacto das sociedades tecnologicamente avançadas. In: Mariluce Bittar; João Ferreira de Oliveira; Marília Costa Morosini. (Org.). **Educação superior no Brasil - 10 anos pós-LDB**. 1ed.Brasília - DF: INEP, 2008, v. 2, p. 285-304.

_____. **Internacionalização da educação superior no Brasil**: a produção recente em teses e dissertações. Educação em Revista (online), 2017.

NAVARRO, P.L. O acontecimento discursivo e a construção de identidade na História. In: Vanice Sargentini; Pedro Luis Navarro Barbosa. (Org.). M. **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

_____. **Práticas discursivas de subjetivação**: dispositivos de análise. In PIOVEZANI FILHO, C. (Org.); CURSINO, L. (Org.); SARGENTINI, V. M. O. (Org.) . Discurso, semiologia e história. 1. ed. São Carlos: Claraluz, 2011.

_____, P.L. **Dispositivo e governo da velhice no discurso da WEB**. Revista da ABRALIN, v. 14, p. 193-214, 2015.

NOGUERA-RAMÍREZ, C.E. Pedagogia e governamentalidade ou Da Modernidade como uma sociedade educativa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

NOVAES, B. W. D. **A influência americana na Escola Técnica Federal do Paraná no período de 1957 a 1962**. In: XVII Colóquio Afirse - A escola e o

mundo do trabalho, 2009, Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 2009. v. 1.

PHILLIPSON, R. **Linguistic imperialism**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

POSSENTI, S. Análise do discurso e acontecimento: breve análise de um caso. In: Navarro, Pedro. (Org.). **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. 1ed.São Carlos (SP): Claraluz, 2006, v, p. 93-108.

PRADO FILHO, K. Uma genealogia das práticas de confissão no Ocidente. In: RAGO, M; VEIGA-NETO, A. **Figuras de Foucault**. 2ª.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil: por uma política prudente e propositiva. In: Yves Lacoste. (Org.). **A Geopolítica do Inglês**. São Paulo - SP: Parábola, 2005, v, p. 135-159.

RESENDE, H. de. **Michel Foucault**: o governo da infância (org). Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015.

REVEL, J. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005.

RIODEJANEIRO. **Uerj pode fechar as portas por conta de crise financeira**. G1rioglobo-online.10/01/2017. Disponível em: < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/uerj-pode-fechar-as-portas-por-conta-de-crise-financeira.ghhtml>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

SARGENTINI, V. M. O. **A noção de formação discursiva**: uma relação estreita com o *corpus* na Análise do Discurso. In: II Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2005, Porto Alegre. II SEAD- O campo da análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2005. v. 1.

SCHWARTZMAN, S; CASTRO, C. M; H BARROS; ITO-ADLER, J. **Cem mil bolsas no Exterior**. Interesse Nacional, v. 2, p. 25-36, 2012.

SILVA, L. S. D. **O conceito de fronteira em Deleuze e Sarduy**. Liber Intellectus, v. 1, p. 1-10, 2007.

SILVA, N. F.; SOUSA, K. M. **O conceito de dispositivo em Foucault**: a emergência histórica do dispositivo do desenvolvimento sustentável e a construção das subjetividades. Scripta UNIANDRADE, v. 11, p. 85-107, 2013.

SILVA SOBRINHO, H. F. da. **Efeitos münchhausen políticos**: oposições-disjunções e acobertamentos das contradições entre línguas, ciências e fronteiras... In Eni Orlandi (org). Linguagem, sociedade, políticas. Pouso Alegre:

UNIVÁS; Campinas: RG Editores, 2014. 230p. - (Coleção Linguagem & Sociedade).

UCHOA, P. **Universidades americanas fazem 'ofensiva' por alunos no Brasil.** 23 de agosto, 2012. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/08/120822_eua_educacao_brasil_pu_ac.shtml>. Acesso em: 03 de dez. 2015.

UTFPR. **Lei da criação da UTFPR - Lei nº 11.184, de 07 de outubro de 2005.** Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/a-instituicao/documentos-institucionais/leis-e-decretos>. Acesso em: 19 de out. 2016.

_____. **Revista Tecnológica.** Ano 1. Número 1. Abril 2015. Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/diretorias-de-gestao/dircom/noticias/materiais-institucionais-da-comunicacao/revista-tecnologica-edicao-1>> Acesso em: 16 jan. 2017.

_____. **CBAI.** Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/diretorias-de-gestao/dircom/departamento-de-documentacao-historica-1/museu-virtual/acervo-textual-e-de-impressos/arquivo-digital-textual-e-de-impressos/material-academico/32141_347255638717096_1938145711_n.jpg/view>. Acesso em: 15 de out. 2016.

_____. **Nossa página: Brasil – Estados Unidos.** Ano VIII, Labor n.19. Disponível em: http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/diretorias-de-gestao/dircom/departamento-de-documentacao-historica-1/museu-virtual/acervo-textual-e-de-impressos/hemeroteca-digital/379205_345449538897706_1549296455_n.jpg/view. Acesso em: 18 de out. 2016.

VEIGA-NETO, A. **Educação e governamentalidade neoliberal:** novos dispositivos, novas subjetividades, 1999. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta5.13.htm>> Acesso em: 28 out. 2016.

_____. Coisas de governo In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. L.; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze:** ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **Foucault & a Educação.** 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____;SARAIVA, K. S. **Modernidade Líquida, Capitalismo Cognitivo e Educação Contemporânea.** Educação e Realidade, v. 34, p. 187-201, 2009.

_____, A. SARAIVA, K. **Educar como arte de governar**. Currículo sem Fronteiras, v. 11, p. 5-13, 2011.

_____; TRAVERSINI, C. S. **Por que Governamentalidade e Educação?** Educação e Realidade, v. 34, p. 13-19, 2009.

VEYNE, P. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VICENTE, A.P. **Política exterior de D. João VI no Brasil**. Estudos Avançados 7 (19), 1993. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141993000300006> Acesso em: 17 jan. 2017.

VOSS, J; NAVARRO, P. **A noção de enunciado reitor em Michel Foucault e a análise de objetos discursivos midiáticos**. Linguagem em (Dis)curso (Online), v. 13, p. 95-116, 2013.

APÉNDICE

APÊNDICE A– PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Ciências sem fronteiras na UTFPR, Campus de Francisco Beltrão: discurso e subjetividades

Pesquisador: Pedro Luis Navarro Barbosa

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 54335116.6.0000.0104

Instituição Proponente: CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.606.097

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar os discursos dos alunos envolvidos no Programa Ciência sem Fronteiras na UTFPR, Câmpus Francisco Beltrão.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão submetidos os sujeitos da pesquisa serão suportados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa qualitativa com o objetivo analisar o discurso de 15 alunos da UTFPR, Câmpus Francisco Beltrão, que participaram do Programa Ciência sem Fronteiras, e estiveram em países de língua oficial inglesa. Na fundamentação teórica o pesquisador faz um breve histórico da hoje conhecida UTFPR, e propõe-se a analisar o discurso desses egressos do Programa Ciência sem Fronteiras, utilizando-se da metodologia arqueológica de Foucault. O proponente atendeu as recomendações feitas por este comitê, sanando desta forma as pendências.

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
 Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900
 UF: PR Município: MARINGÁ
 Telefone: (44)3011-4597 Fax: (44)3011-4444 E-mail: copep@uem.br



Continuação do Parecer: 1.606.097

Outros	coleta.pdf	15:19:18	Barbosa	Aceito
--------	------------	----------	---------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MARINGÁ, 25 de Junho de 2016

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador)

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG
 Bairro: Jardim Universitário CEP: 87.020-900
 UF: PR Município: MARINGÁ
 Telefone: (44)3011-4597 Fax: (44)3011-4444 E-mail: copep@uem.br